



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
INSTITUTO DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA E  
CULTURA**

Rua Barão de Jeremoabo, nº 147 - CEP 40170-290 - Campus Ondina Salvador-BA  
Tel.: (71)3263-6256 – Site: <http://www.ppgll.ufba.br> – E-mail: [pgletba@ufba.br](mailto:pgletba@ufba.br)

**JANAINA DE AZEVEDO BISPO**

***LA LÉZARDE DE ÉDOUARD GLISSANT:  
COM A PALAVRA, A MEMÓRIA***

**SALVADOR  
2018  
JANAINA DE AZEVEDO BISPO**

***LA LÉZARDE DE ÉDOUARD GLISSANT:  
COM A PALAVRA, A MEMÓRIA***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura - PPG/LitCult, do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, tendo como perspectiva teórica a linha de pesquisa Documentos da Memória Cultural, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestra em Letras.

Orientadora:

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Alvanita Almeida Santos

**SALVADOR  
2018**

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI/UFBA),  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

de Azevedo Bispo, Janaina  
La Lézarde de Édouard Glissant: Com a palavra, a  
memória / Janaina de Azevedo Bispo. -- Salvador, 2018.  
137 f.

Orientadora: Alvanita Almeida Santos.  
Dissertação (Mestrado - Mestrado em Literatura e  
Cultura) -- Universidade Federal da Bahia,  
Universidade Federal da Bahia, 2018.

1. Memória. 2. Paisagem. 3. Identidade-Relação. .  
4. Édouard Glissant. I. Almeida Santos, Alvanita. II.  
Título.



**JANAINA DE AZEVEDO BISPO**

***LA LÉZARDE DE ÉDOUARD GLISSANT:  
COM A PALAVRA, A MEMÓRIA***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura - PPG/LitCult, do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, tendo como perspectiva teórica a linha de pesquisa Documentos da Memória Cultural, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestra em Letras.

Aprovada em 21 de junho de 2018

**Banca examinadora:**

Professora Alvanita Almeida Santos  
Doutora em Letras e Linguística  
Universidade Federal da Bahia

Professor Silvio Roberto dos Santos Oliveira  
Doutor em Teoria e História Literária  
Universidade do Estado da Bahia

Professor José Henrique de Freitas Santos  
Pós-Doutor em Estudos Literários  
Universidade Federal da Bahia

**SALVADOR  
2018**

À minha família, base da minha vida.

## AGRADECIMENTOS

Após tantas palavras escritas, as que mais me importam são estas revestidas de gratidão.

À força suprema, sincera gratulação pelo momento que ora me permite.

À mainha e painho, pelo colo terno, pela compreensão ímpar, pelo incentivo e pela confiança; Elba Marcia e Jairo Primo, vocês desde sempre me ensinaram a sonhar alto e voar longe, na certeza de sempre ter onde pousar.

Aos meus irmãos, em especial a “minha pessoa” Janair por ser recurso inequívoco em momentos de alegria e desespero, e transformar minhas queixas em “você é capaz”; à Saara por sempre vibrar com cada pequena vitória, devolvendo brilho aos meus dias cinzentos; à Patrícia, minha irmã de caminhada, pelo companheirismo, pela parceria, pela amorosidade e pelo bolo na geladeira na volta para casa; é uma droga de carinho.

À Bia, por lidar com tantas ausências continuando a ser doçura e bagunça a cada regresso meu; você, sempre abraço casa, pinta minha vida com as cores do seu mundo.

À família Azevedo, “meu fechamento”. Em especial à Tia Gilma por sempre fazer mais do que pode, me destinando orações e me cobrindo de mimos a cada retorno ao reino tão-tão distante; à Tio Dinho e Tia Lúcia, meus segundos pais, pelo coração sempre generoso e atento, sendo sempre acolhida, onde nunca faltam afeto e paz; à Lídio, por de alguma forma se fazer sempre presente, nossas horas já não são compartilhadas como de costume, mas a cumplicidade e o amor de irmão ecoam em todos os momentos da minha vida.

Ao Coordenador do PPG-LitCult, Márcio Muniz, pela sensibilização e pela presteza ímpar. Que ser humano lindo!

Aos amigos e colegas “Pós-Fechativos” por serem acolhimento e incentivo. Em especial à Jober Pascoal, meu fofuxo, primeira pessoa que conheci quando este sonho ainda estava sendo delineado; você ocupa um dos lugares mais bonitos no meu coração.

À Verônica Cerqueira, meu xuxu, pelas gargalhadas e pelos choros. Amiga: “O que era sonho se tornou realidade, de pouco em pouco a gente foi erguendo nosso próprio trem, (...) nosso mundo, nosso carrossel, (...). De tanto não parar a gente chegou lá (...)” (Marcelo Jeneci, Pra sonhar). Você, meu amparo nos impulsos de medo, em face dos inúmeros obstáculos que se apresentaram no tempo da “estadia” na UFBA, foi o meu porto seguro.

À Jancleide Goes, pela falta do foco e ao mesmo tempo atenção redobrada, sempre atenta na sua desatenção enxergou coisas em mim quando ninguém mais via; por estar ao meu lado desde o primeiro “você é a próxima?”: se aquele corredor da seleção falasse seria testemunha da amizade que cresceu em meio à aflição da última etapa.

Aos amigos da Uneb, nas pessoas de Jackson de Jesus, pela doação de tempo, pelo ombro amigo, pelo auxílio técnico e, sobretudo, por remover a poeira da insegurança e me dar a mão nos meus momentos mais difíceis. E Bruno Santos, outro grande presente, pela irmandade, apoio e carinho tão naturais de você. Como te agradecer por tantos suportes (inclusive de informática), e “por fazer tudo por mim desde 2011”?

À CAPES, cujo financiamento tornou esta pesquisa possível.

A conclusão deste trabalho, mais do que auferir um título, testemunha os embates da menina negra do interior que, orgulhosa de ser filha de Aramari, trilhou o caminho do saber através do ensino público oferecido em sua cidade e agora concretiza o sonho do mestrado. O pouco espaço é responsável pela subtração de alguns nomes que deveriam figurar nestas páginas de agradecimentos, por isso peço desculpas. Meu mais sincero “muito obrigada” a todos vocês.



*“A tarefa não é tanto ver aquilo que ninguém viu, mas pensar o que ninguém ainda pensou sobre aquilo que todo mundo vê.”*

(Arthur Schopenhauer)

## RESUMO

Em face do poder político exercido pela metrópole francesa e como ação de resistência aos efeitos do colonialismo, Édouard Glissant assumiu papel fundamental na luta pela libertação da ilha da Martinica. Desse modo, baseando-se na atribuição de caráter político à literatura de Glissant enfatizado por Damato (1995), na reflexão de identidade de Hall (2005), na discussão da relação implícita nos “lugares de memória” de Nora (2003) e no diálogo com outros autores, o presente trabalho aponta a memória como matéria-prima na obra *La Lézarde* do escritor martinicano, levando em conta seus aspectos individual e coletivo e a forma pela qual sua subjetividade é interpretada e sentida através da paisagem pelos personagens/narradores, sobretudo em análise ao que ela representa em termos de identificação e relação com o outro, e insta o delinear da poética da Relação e da noção de Crioulização implícitos nas discussões acerca da Antilhanidade. As considerações explanadas neste estudo, articuladas a pressupostos históricos, memorialísticos e identitários, propuseram, entre os objetivos, alçar reconhecimento à produção artística de um universo literário contra-hegemônico de diagnóstico histórico.

**PALAVRAS-CHAVE:** Memória. Paisagem. Identidade-Relação. Édouard Glissant.

## RÉSUMÉ

Face au pouvoir politique exercé par la métropole française et comme un acte de résistance aux effets du colonialisme, Édouard Glissant a assumé un rôle fondamental dans la lutte pour la libération de l'île de la Martinique. De cette manière à partir de l'attribution d'un caractère politique à la littérature de Glissant soulignée par Damato (1995), dans la réflexion de Hall sur l'identité, dans la discussion de la relation implicite dans les «lieux de mémoire» de Nora (2003) et en dialogue avec d'autres auteurs, le présent travail rappelle la mémoire comme matière première de l'œuvre *La Lézarde* d' écrivain martiniquais, en tenant compte de ses aspects individuels et collectifs et de la manière dont sa subjectivité est interprétée et ressentie à travers le paysage par les personnages/narrateurs, en particulier dans l'analyse de ce qu'elle représente en termes d'identification et de relation avec l'autre, et demande la délimitation de la Poétique de la Relation et la notion de créolisation implicite dans les discussions sur l'Antilhanité. Les considérations expliquées dans cette étude, articulées à des hypothèses historiques, mémorielles et identitaires, ont proposé, parmi les objectifs, de faire reconnaître la production artistique d'un univers littéraire contre-hégémonique de diagnostic historique.

**MOTS-CLÉS:** Mémoire. Paysage. Identité-Relation. Édouard Glissant.

## **Prefácio**

### **(In)quietudes**

A conjuntura para estarmos vivos parece-me ser a de ter raiz, a de ter história, a de ter memória. Isto posto, para ter raiz é preciso ser do(s) tempo(s), do(s) encontro(s), do(s) choque(s). No entanto, pertencer a um lugar, a somente um, instala a problemática da fixidez, cuja raiz única impede o desenvolvimento das asas e, assim, impede sair do chão. Nenhum ser deve ser privado de alçar voos; a ancoragem impede o indivíduo de se lançar na amplitude.

No período de graduação em Licenciatura em Letras-Língua Francesa e Literaturas na Universidade do Estado da Bahia, as inquietudes chegaram-me por meio da Pesquisa de Iniciação Científica. A literatura crioula e seu olhar politizado apresentaram-me a resiliência; o rizoma a viagem por outros terrenos, conectando raízes e irmanizando as identidades. A partir dela, passei a refletir sobre as identidades ocultas, sendo direcionada ao encontro do corpo negro.

Em 2012, quando fui apresentada à Édouard Glissant não imaginava que seus textos me conduziram a rizomas de pensamentos e ao entrelaçamento de política e poética. Para o autor martinicano, a Relação – em sua rede de conexão entre noções – fornece abertura às identidades plurais ao considerar a imprevisibilidade; o poeta acredita ser a escrita uma travessia, uma rede de solidariedade.

Também para mim, a escrita só vale enquanto transculturação e viagem, cuja exigência é estar sempre partindo e chegando. Escrevo isso, talvez, por angústia, e, talvez, por ignorância.

Agradeço neste espaço, e serei grata a minha vida inteira, à Margarete Santos – Professora da Universidade do Estado da Bahia, Campus II, Alagoinhas – por sua sabedoria, seu companheirismo, sua competência, sua qualidade de pesquisa e sua condução de trabalho; as suas descobertas me direcionaram a trilhar um caminho de explorações e a paixão por um autor inquieto. Ao fim, tudo isso me ajudou a descobrir a mim mesma: um dia quero ser metade do que você é. Obrigada por estar sempre presente e por ser minha amiga.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
1 LA LÉZARDE: POR UMA NOVA HISTÓRIA ESCRITA E FALADA.....	18
1.2 MARTINICA: UM ESPAÇO (IN)VISÍVEL .....	18
1.3 ÉDOUARD GLISSANT: DO POLÍTICO AO POÉTICO .....	36
1.4 LA LÉZARDE, UMA NARRATIVA DA DESCOLONIZAÇÃO.....	43
2 TRAMAS DE IGUALDADE E DIFERENÇA: IDENTIDADE RELAÇÃO .....	58
2.1 PARA ALÉM DA ANTILHANIDADE: O LA LÉZARDE SE CRIOULIZA.....	60
2.2 CRIOULIZ(AÇÃO).....	82
3 HISTORIA E MEMÓRIA: O NEGRO DA MARTINICA .....	92
3.1 HISTÓRIA COM SABOR DE MEMÓRIA.....	114
3.2 LENDO VOZES, OUVINDO COISAS: A MEMÓRIA DE NEGROS PERSONAGENS.....	119
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	126
REFERÊNCIAS .....	130

## INTRODUÇÃO

A imagem que aflora do romance de Édouard Glissant, poeta, teatrólogo, ensaísta, é a de encontros: o rio e o mar – lugares de travessia – encontram a terra – espaço de recepção; os movimentos e as ondas trazem à superfície o que estava nas profundezas, aquilo que era oculto; um desvelamento que traz luz à escuridão e reacende o passado de um povo. Assim, a narrativa glissantiana é uma projeção de visibilidades em busca de mediação de histórias, memórias e sentidos, ciente do Caos concernente às relações entre os povos, nas quais tudo implica em impurezas.

O escritor, tendo nascido na Martinica e completado seus estudos em Paris, se situa no entre-lugar, um espaço intervalar que o posiciona entre a Europa e a América e faz de seus escritos um projeto cultural de coexistência identitária, através do qual busca a lógica do diverso. Glissant discorre, em sua obra *La Lézarde* (1997), uma variedade de temas, como tradições, cultura, cenário de fundação e transformações ocorridas na ilha e em seus distintos espaços. Por meio da narrativa de reivindicação histórica e identitária, o autor propõe a (re)apropriação cultural que serve de antídoto ao dogmatismo das práticas coloniais.

Assim, a presente pesquisa, ao voltar-se para a obra *La Lézarde*, escrita em 1958 e ganhadora do prêmio Renaudot – um dos maiores prêmios literários da França em honra ao jornalista francês Théophraste Renaudot fundador do primeiro jornal *La Gazette* (1631), pode ser resumida como a representação de múltiplas vozes que contribuem para a afirmação da alteridade martinicana. O projeto ideológico deste trabalho consiste, portanto, na (re)valorização e (re)apropriação das culturas do negro martinicano presentes na escrita glissantiana; não obstante, o leitor, ao avistar o aporte histórico que engloba a ilha, percebe duas visões alusivas às Antilhas Francesas, de um lado a negritude de Césaire e seu retorno a “terra mãe”, com base em uma identidade pautada nas tradições africanas, e do outro a criouliização de Glissant que procura uma identificação com a paisagem, o espaço e as relações.

Neste sentido, empreende-se aqui uma leitura revisionista da construção colonial martinicana, preenchendo as fissuras históricas como suporte para a análise da ficcionalização de personagens representados e de outros inventados no romance *La Lézarde* (1997). O projeto literário glissantiano busca desmistificar heróis, desnaturalizar construções cristalizadas e dar voz às minorias silenciadas pelo discurso histórico oficial acionando elementos do imaginário coletivo.

Os personagens deste romance, e de tantas outras produções de Glissant, são negros silenciados pelo sistema opressor departamental; constrangidos por uma cultura imposta e assimilada, condicionadora da posição de subalternidade perante a França e aos brancos; os jovens crioulos vêem na eleição de um representante de seu povo a possibilidade de libertação das amarras opressoras. O grande feito de Glissant é dar voz a personagens marginalizados pela história oficial, adotando, por vezes, a ótica do oprimido, falando com ele. Em linhas gerais, o romance passa a retratar negros que têm sua humanidade realçada pela consciência de suas fissuras.

Nas entrelinhas, o romance glissantiano clama o findar de ideologias globalizantes e enaltece a fragmentação identitária como forma de liberdade, permitindo que o indivíduo negro, especificamente o martinicano, e sua comunidade se expressem. O caminho tomado pelo poeta é o de questionar o que já foi realizado propondo sua ressignificação: o lugar de chegada é o que este trabalho chama de desconstruir através da literatura, cuja produção artística expõe uma estética que vai além do estudo do belo e se volta para o social, ou seja, uma maneira encontrada por Glissant para reposicionar seu povo como sujeitos atuantes de sua própria história.

(Re)pensar a identidade do povo martinicano é, no romance, refletir os elementos que o concebem sujeitos, contextualizando-os no espaço e nas relações; suas identidades são perpassadas por perspectivas históricas, memorialísticas, culturais e sociais, percorrendo noções e conceitos, como Antilhanidade, Relação e Crioulização, que assinalam a cadeia de causalidades entre a constituição de um sujeito e a (re)apropriação de si. Portanto, as interferências acontecem em uma via de mão dupla, na qual o individual contribui para o coletivo e o coletivo interfere no individual.

Embora em 1958 Glissant tenha difundido as noções de Antilhanidade, Crioulização, bem como Relação, aparece de maneira implícita no romance como alicerce para a compreensão da identidade crioula, isto porque, no contexto da ilha diversas contribuições culturais compõem sua realidade. A partir de distintos elementos, como a memória e a oralidade, o que foi silenciado na violência do sistema colonial, e suas consequências, ressurgem no romance para demarcar a trajetória negra e para vivenciar os rastros de suas identidades, cuja retomada de si e dos espaços se configuram por meio de negociações entre a história e a memória, a França e a África, a montanha e a planície, tendo na paisagem a oportunidade de expressar os elementos da Relação – por meio da qual as culturas se encontram e se modificam em celebração à diversidade – no espaço heterogêneo da ilha.

O trabalho de título *La Lézarde de Édouard Glissant: com a palavra a memória* elucida considerações entre história, memória e identidade; destaca-se aqui que, o receio da memória a qual esta pesquisa se refere diz respeito à antítese memória/história que durante anos norteou o estudo das construções históricas, quando a esta última era dada toda inteligibilidade e a primeira atribuía-se a manipulação. Nestas imbricações entre o concreto e o oculto, cabe ressaltar que a obra intitulada *La Lézarde*, significando em português raposa, no contexto das pretensões glissantianas o nome faz alusão ao rio que banha a ilha da Martinica; o nome trazido na capa, lugar de deslocamentos e travessias, começa a delinear as propostas de aberturas da trama, em provocação às verdades cristalizadas. A narrativa se destaca ao contar a história de jovens revolucionários em busca de reconhecimento quanto à atuação negra na formação da ilha, falando dela através de sua própria voz; nela, é possível destacar protagonistas de três posicionamentos distintos, que ao fim demarcam gerações de três séculos: o primeiro, o negro colonizado que assimilou a cultura do dominador, conformando-se em viver a cultura do outro; o segundo, um negro que se mantém fechado na unicidade identitária, isolando-se em essencialismos; o terceiro, o negro da resiliência, que não privilegia a pureza e clama o despertar do povo.

No jogo entre o histórico e o ficcional, “ouvir” as histórias é tão importante quanto questionar as “verdades” que ela vai de encontro. Mas, pouco importa se a juventude revolucionária do romance existiu ou se é uma invenção cultivada no imaginário, o que prevalece é a força que os jovens negros emanam e como ganham forma e vida na escrita glissantiana. A função que a narrativa desempenha é fundamental, pois, através dos olhares dos personagens *Thael* e *Mathieu*, o leitor passa a conhecer as manifestações de resistência e luta da Martinica. É importante salientar que, a obra se estrutura a partir das narrativas desses dois personagens, mas outras falas se imbricam à trama central; distintas vozes e diferentes narradores ajudam a construir a história plural da ilha.

Assim, este trabalho concebe o romance *La Lézarde* (1997) como uma rede de ideias que conecta e entrelaça fios da escrita de Glissant com a reflexão de autores, em diferentes épocas que, a princípio, não tem similaridades entre si, mas ao fim apontam uma proposta de desierarquização e de descolonização, que muito mais tem a ver com a ressignificação de efeitos do processo colonial do que um apagamento deste; a proposta de Glissant é explorar o diverso, permitir a mescla de pensamentos, reinterpretar o passado e desvelar os efeitos da colonização propondo uma intervenção literária ou contra-poética de resgate aos imaginários silenciados ou ameaçados.



Os elementos que constituem a narrativa glissantiana, o textual, o não-textual e as questões relativas ao tempo e ao espaço, condicionam o narrar a uma ação provida de intencionalidades; o primeiro romance de Glissant apresenta jovens que lutam para não se restringir a homogeneizações – opressões e poderes absolutos; uma juventude aberta que considera as relações dialógicas e, assim, cede espaço para falar de fronteiras permeáveis, e não mais de barreiras e limites.

Com vista ao cumprimento do supracitado, no capítulo I, descreve-se pontos que abrangem a História Oficial da Martinica sob o olhar do colonizado, preenchendo suas fissuras com os relatos plurais contidos na memória negra, ao tensionar o sentimento de pertencimento aos territórios da África, Martinica e França; trata, ainda, de forma breve sobre o percurso do escritor caribenho Édouard Glissant, no que diz respeito ao aspecto crítico e cultural que o caracteriza como pensador humanista, cujas concepções possuem como principal referente uma trama identitária que se manifesta pelo diálogo com a terra e suas difusões. A Martinica ocupa uma parte importante neste trabalho como espaço de (re)apropriação histórica e identitária por meio de olhares transgressores que se distanciam de fechamentos e unicidades, ao reconhecerem que ela não pode ser somente branca ou negra: a ilha é crioula. Para o aporte teórico deste primeiro capítulo são discorridas reflexões de Diva Damato, Eurídice Figueiredo, Aimé Césaire, Rafael Confiante, Patrick Chamoiseau e outros, com vista a fundamentar os processos de formação da ilha e de sua(s) identidade(s) crioula(s).

No capítulo II, discorre-se sobre como o romance *La Lézarde* (1997) atua em relação com os espaços e paisagens, explanando identidades e percepções ressignificadas em suas relações dialógicas. Este setor sugere que, as noções difundidas por Glissant em suas reflexões teóricas, e apresentadas em sua obra, referenciam modos de organização social e ordenações relacionais dos sujeitos por atos que também são de decisão e escolha. Nas entrelinhas evidencia-se um discurso que incita ações revolucionárias e enseja a comunicação com o outro, com vista à reconfiguração dos seres e dos espaços negros. Para ajudar na busca pelas respostas relativas ao caráter identitário, e seus imbricamentos entre história e memória, foram tomados como referências teóricas como Édouard Glissant, Stuart Hall e Nestor Garcia Canclini, entre outros, que abordam as interfaces entre identidade e sociedade.

No capítulo III, interpela-se a memória como elemento propulsor para a (re)constituição do passado do povo negro da Martinica, discorrendo sobre espaços a serem (re)apropriados, tempos a serem (re)estabelecidos e um povo que deve se (re)conhecer. A paisagem, enquanto item memorialístico, evidencia que a relação do negro com o que está a sua volta se imbrinca à ingerências de outras culturas. Este setor demarca a tomada de

consciência do sujeito negro martinicano distanciada de discursos unilaterais, e marca a busca incessante de identidades plurais constituídas por memórias antes silenciadas. Pretendeu-se colocar em evidência as diversas vozes relacionadas, todas ouvintes e narradoras com pontos de vista próprios. É por esta razão que este capítulo tem como tema a memória individual e coletiva, considerando que ambas possuem valores para a comunidade e refletem as ações dos participantes negros na história de seu país. Desta forma, autores como Paul Ricoeur, Paul Zumthor e Pierre Nora são referências para a compreensão do papel da memória e da oralidade na configuração dos povos.

Portanto, são essas as reflexões propostas no decorrer desse estudo de cunho dissertativo, instigando ampliar provocações sobre os temas expostos e encontrar respostas para algumas inquietações, especialmente ao que diz respeito à produção literária da Martinica. O que ora se apresenta não se constitui um estudo concluído, mas rotas de um processo contínuo que aborda algumas considerações a respeito da literatura glissantiana, em especial a obra *La Lézarde*.

## 1 LA LÉZARDE: POR UMA NOVA HISTÓRIA ESCRITA E FALADA

“(...)se battre, il faut se battre!”<sup>1</sup>

(Glissant, 1997. p. 140).

“A vida é um combate sem fim”

(Fanon, 1968, p.73)

O Caribe, uma região central do continente americano, é, segundo Édouard Glissant, Patrick Chamoiseau, Rafael Confiant, Jean Bérnabé e outros teóricos caribenhos, resultado de ambições vorazes do homem europeu e da atuação deste mesmo homem em devastadoras atividades exploratórias nessa região. Diferente de outros países colonizados das Américas, a população das Antilhas Francesas não é resultado da miscigenação entre brancos, negros e indígenas; estes últimos exterminados. E é sobre este contexto que Glissant, na sua escrita, problematiza as consequências do processo de espoliação da ilha da Martinica como resultado do sistema colonial europeu.

Diante da supressão dos primeiros povos, das ações violentas dos europeus e do estatuto de dependência à França, a Martinica (sobre)viveu, sem o controle de seu espaço e sem a preservação de sua língua, cultura e memória. Através de sua produção escrita, Glissant desenvolve um projeto literário resiliente que busca ultrapassar o impacto dessas deformações históricas, políticas, culturais e sociais ocorridas em seu país. Neste sentido, a literatura glissantiana vem contribuindo para a problematização de questões, formações discursivas e reivindicações históricas, identitárias e culturais de países colonizados, cabendo a este capítulo apresentar como surgiram essas deflagrações e conflitos no contexto da Martinica. Assim sendo, esta parte porta uma breve contextualização histórica onde estão atrelados os diversos projetos de resistência martinicana à modelagem colonial francesa.

### 1.2 MARTINICA: UM ESPAÇO (IN)VISÍVEL

A ilha da Martinica, de relevo atormentado, dimensões diminutas, abismos profundos, morros arredondados, temperatura regular e chuvas irregulares, apresenta clima tropical de

---

<sup>1</sup>“(...) lutar, é preciso lutar”. (Glissant, 1997. p. 140, tradução minha).

contrastes, onde o relevo gera diversidade climática mesmo em pontos com distâncias curtas entre si. Ela, localizada no arquipélago das Antilhas, situado no hemisfério norte, entre a América do Norte e a América do Sul, tornou-se possessão da França no ano de 1635, quando assumindo as mesmas práticas espanholas de navegação, tráfico negreiro e extermínio dos indígenas Caraíbas, os franceses estabeleceram sistemas de plantações.

A Martinica, também conhecida como a ilha das flores, é o espaço mais francês das Antilhas, e reúne belas paisagens, riquezas naturais e habitantes acolhedores, um verdadeiro encanto para os olhos e para a alma, mas que nem sempre foi assim. Para Édouard Glissant (2005/2011) a ilha se constitui como resultado da combinação da ciência, da ambição comercial e política, do acaso e da imaginação, ainda do resultado do conhecimento náutico e da cobiça dos reis e mercadores, cuja capacidade de interpretação histórica formou suas potencialidades. Um jogo ambíguo, desde o princípio, pautou as relações da Martinica com a metrópole europeia, colocando de um lado a assimilação dos fatos históricos e seus territórios de procedência colonial, e do outro a pluralidade silenciada.

A colônia (sobre)vive no entre-lugar (França e África), conceito difundido por Derrida sob a ótica da mobilidade, do jogo e do movimento, e orientado neste trabalho a partir de Silviano Santiago como possibilidade de estratégias, entre o real e o sonhado, chegadas e partidas, violências e integridades, opressões e resistências. Nas produções de Glissant, a (re)constituição da história da ilha percorre o caminho do “descobrimento” sob a tentativa de (re)leitura da história, contada a partir do olhar do colonizado para demarcar o problema particular das Antilhas Francesas na relação entre colonização e assimilação; diante de seu ambíguo estatuto político de dependência e rejeição à França.

Eurídice Figueiredo, em *Construção de identidades pós-coloniais na literatura antilhana* (1998), discorre que a população da Martinica passou por muitas mudanças durante os séculos de colonização, alertando para os grandes massacres, ocorridos a partir do século XVI, que dizimaram os povos nativos da ilha. De acordo com Diva Barbaro Damato, em *Édouard Glissant: Poética e Política* (1995), há indícios de que em 1502 Cristóvão Colombo, em sua segunda expedição ao Novo Mundo, chegou a Martinica para uma passagem pouco demorada nas Pequenas Antilhas. A partir de dados históricos das navegações, é sabido que, durante muito tempo, os espanhóis eram os únicos a navegar a oeste, o que gerou, desde o século XVI, segundo C. A. Banbuck (1935), a busca de direitos de navegação para outras nações europeias. Assim, após reivindicações por seus direitos, os aventureiros franceses atacaram os navios espanhóis que se encontravam no Mar do Caribe em busca de se estabelecerem em São Cristóvão, Guadalupe e Martinica.

Cabe ressaltar que, nas colônias, os estrangeiros, vindos de qualquer parte, se impuseram com o auxílio de suas armas. O sucesso da domesticação colonial não é, como salienta Fanon em *Os Condenados da Terra* (1968), de início, o poder econômico de uma nação sobre a outra; na imposição de uma suposta superioridade, o sucesso está fundado na “espécie” diferente, aquela que vem de fora: os outros. Assim, a violência que presidiu o mundo colonial martinicano ritmou as formas sociais negras, destruiu as sentenças de economia da ilha, decidindo sua história em atos exteriores a colônia.

Em 1º de setembro de 1635, o fidalgo D’Esnambuc (comerciante francês nascido na cidade de Alouville) desembarcou na Martinica, segundo R.P.J.B. Dutertre, em *Histoire Générale des Antilles* (1973), para uma curta temporada e logo retornou a São Cristóvão, mas deixou em seu lugar, como autoridade maior na ilha, o tenente Dupont, que por sua vez desapareceu misteriosamente em uma viagem. Com vista a suprir a ausência de um “mandante” e de (re)estabelecer a ordem na ilha, D’Esnambuc designou, antes de sua morte, seu sobrinho Du Paquet como seu sucessor. Tomado pelo desejo de liderar, Du Paquet chegou a Martinica em 20 de janeiro de 1637 e logo incentivou a agricultura do algodão e do tabaco, sistemas de produção que chegou a arregimentar uma população de aproximadamente 2 mil habitantes, entre os quais 800 eram negros capturados dos espanhóis e portugueses. Assim, Du Paquet tornou-se governador da Martinica em 1º de abril de 1643. Percebe-se que, a obstinação da França era vincular a si sujeitos a quem direcionaria programas de ajuda e amparo, ainda que existissem franceses a viver na penúria; Fanon (1968) com vista a enfrentar este sistema e dando início a escrita de resistência afirma em sua obra que “vale mais a fome com dignidade do que o pão na escravidão” (Pag. 173).

No entanto, as atuações do governador não impediram o arruinamento de sua *Compagnie* em 1650; em uma tentativa de salvar todo o trabalho agrícola desenvolvido até aquele momento, Du Paquet vendeu a ilha aos governantes franceses, comprando-a de volta pela quantia de 45.500 libras, antiga moeda francesa; todavia, a colônia permaneceu sob o controle do rei da França. Com a morte de Du Paquet em 1658, seu posto – que deveria ser exercido por sua mulher durante a minoridade de seus filhos – foi tomado pelos militares e colonos, situação que propiciou a imposição de uma cultura predominantemente francesa na ilha.

Fanon (1968) discorre que a violência sempre desempenhou um papel operativo na terra do colonizado. Embora tenha passado, em determinados momentos, da violência em ação para a atmosfera de violência, suas repressões acentuam a consciência da comunidade

martinicana. Entre a violência colonial e a violência pacífica, em que mergulha, o negro martinicano está desde o início submerso na indeterminação de si.

De acordo com Damato (1995), se indica na Martinica, em 1502, a presença de mil a dois mil Caraíbas: os indígenas eram indivíduos de porte, com corpos cobertos por tinta do urucum, cabelos lisos e negros. Tais características levaram os europeus a se questionarem se estariam diante de uma nova raça. Contudo, na medida em que a colonização se estendeu na ilha, os indígenas – homens do mar que viviam da pesca – ganharam rotulações como as de antropófagos e preguiçosos em função de possuírem costumes particulares e desconhecerem o sistema de acumulação de riquezas, trabalhando apenas para o sustento diário. Todavia, Damato escreve que o contato entre indígenas e franceses não foi longo:

Apesar do bom entendimento inicial, da ajuda proporcionada pelos índios, ensinando aos europeus seus hábitos de alimentação, moradia e sua farmacopeia, logo apareceram divergências. Os caraíbas eram muito estruturados socialmente para se submeterem aos recém-chegados, e o sistema de plantação implantado pelos franceses precisava de colaboradores mais dóceis. A chegada dos primeiros escravos africanos não resolveu a situação, pois os índios começaram a proteger os escravos que fugiam (...). (DAMATO, 1995, p.38)

Na afirmativa da autora é possível perceber que o conflito de interesses entre os indígenas e os recém-chegados – espanhóis, franceses – foi fator determinante para o abandono de algumas expedições das Pequenas Antilhas; além de sinalizar para a chegada dos primeiros escravos africanos, considerados colaboradores mais maleáveis, “trazidos” à ilha para suprir a ausência de mão de obra, já que os Caraíbas não se subordinavam às exigências dos que chegavam à suas terras. O aumento do número de negros na ilha se deu em função do segundo fator determinante: a execução do plano secreto de exterminação dos indígenas, que de acordo com Damato (1995), ocorreu em dia e hora combinados, no ano de 1658. Somando a isso, também há indícios de que o suicídio coletivo dos indígenas seja consequência de sua “derrota” na luta contra as subordinações exigidas pelos europeus, o que levou muitos daqueles a se atirarem de penhascos.

Ainda no mesmo segmento da autora, lê-se que “os franceses que partiam para a aventura na América eram de extratos sociais muito diversos, alguns proprietários de terra – e mais tarde, das plantações – eram cavalheiros da pequena nobreza [...]” (DAMATO, 1995, p.40), e traziam consigo trabalhadores contratados por três anos, nomeados de *engagés*. Mas, com a chegada dos escravos, esse tipo de contrato foi perdendo espaço até ser abolido totalmente em 1774.

Eugène Cf. Revert, em *La Martinique* (1949), afirma que, os primeiros sujeitos escravizados vinham, sobretudo, de Cabo Verde e Angola, e, posteriormente, da costa ocidental da África; neste primeiro momento da escravidão, se assim puder ser denominado, o tráfico francês se fez a partir do Senegal, motivados pela queda do império dos Bambaras – habitantes do oeste da África e considerados um dos maiores grupos étnicos desta parte do continente; cujos indícios apontam que membros deste império foram feitos prisioneiros e vendidos a outros povos, fato contestado por estudiosos na atualidade.

O colonialismo francês foi ajudado em seu trabalho de tranquilização das massas pela hierarquização das raças; o sistema utilizou a escravidão dos negros para fornecer um padrão ideológico humanitário, introduzindo a subversão dos povos na consciência mundial. Populações foram destruídas em círculos irrealis, sujeitas ao terror indizível. Para Glissant (2011), era preciso reorganizar-se, deslocar-se nas lágrimas e no sangue em confrontos concretos. Desde o início, “O colono faz a história e sabe que a faz” (FANON, 1968, p.38), ele escreve uma história de glórias quando deveria falar de violações. Assim, o colonizado está condenado a imobilidade, uma situação que só delineia um fim quando o colonizado se dispõe a reconstituir a história da colonização para reconfigurar a memória de seu povo.

O espaço do colonizado, parafraseando Fanon (1968), por muito tempo considerado lugar mal afamado, povoado de homens inferiores, em que não importava de onde vinham, era um mundo sem intervalos onde os homens se sobrepõem. De fato ainda são lugares famintos, como salienta o autor, não mais do pão e da carne e sim das memórias, das histórias e das identidades. O colonizado lutou para erguer-se da posição de ajoelhado e de recuado.

No século XVIII – especificamente em 1704, 1710 e 1748 –, momento em que os escravos superavam em número a população de brancos, é possível ler nas correspondências de proprietários da ilha, segundo Gabriel Debien, em *Les esclavages aux Antilles Française* (1974), que ocorreram revoltas graves na Martinica e os negros, em busca por formas de se opor a escravidão, também cometiam o suicídio e praticavam o homicídio de seus descendentes. Tais ações, consideradas vinganças suprema contra o senhor da plantação, foram rotuladas de marronagem, em que “Os marrons eram os escravos que escapavam da plantação ou da casa de seu senhor. A palavra seria uma corruptela do espanhol *cimarrom*, nome de uma tribo do Panamá (os Symarrons) que se revoltou contra os espanhóis.” (DAMATO, 1995, p; 74).

O negro martinicano que fugiu de seus senhores, que lutou para ser livre, não quer tomar o lugar do colono, ele quer fazer ruir os muros que impedem os povos de viver em paz. O negro quer uma negociação entre as histórias e as culturas, pois descobriu que sua vida e sua pele não valem menos que a do colono. Para Fanon (1968) e Glissant (2005), é desta

descoberta que decorre a revolução: se a vida do negro tem o mesmo peso que a vida do colono suas ações não imobilizam o negro, seu olhar não mais o fulmina, sua voz não petrifica como outrora.

A ideia do marrom está ligada a fuga, a insubmissão e a busca de liberdade, e tais resistências eram passíveis de repressão violenta, chegando a enforcamentos e esquartejamento de membros que, por sua vez e como forma de repressão, eram pendurados em lugares visíveis a todos. Há de se assinalar também que *le Marron*, tão presente na escritura antilhana e no romance *La Lézarde* (1997) na figura de *Thael*, é uma característica da cultura martinicana, também representado pelo substantivo *Marronage* e o verbo *Marroner*, um “conceito” cultural que revela a poética de resistência e autodefesa negra, considerada na atualidade uma forma privilegiada de resistência à escravidão.

Segundo Figueiredo (1998) o sistema escravagista francês tem como peculiaridade a existência de uma legislação escrita, *Le Code Noir*, inspirado no Direito Romano, com 60 artigos, e que vigorou de 1685 a 1848:

Sua leitura parece-me estarecedora, não tanto pelo que revela sobre a vida dos escravos nas plantações, já devidamente conhecida, mas pelo fato dos franceses terem criado uma lei para nortear um sistema insustentável em termos jurídicos, pois como dizia Rousseau, há incompatibilidade entre direito e escravidão. (FIGUEIREDO, 1998, p.14)

O código, proposto por Colbert e promulgado por Luis XIV, atravessou o século XVIII sem grandes oposições, mesmo diante da existência de 14.500 escravos na Martinica; ele buscou “evitar os castigos excessivos e as torturas sofridas pelos escravos”, que poderiam queixar-se dos maus tratos frente aos juízes, como discorre Damato:

O *Code Noir* inspirava-se no Direito Romano antigo onde o escravo era considerado um bem móvel. Sob a influência da recente revogação do édito de Nantes, a propriedade de escravos era reservada aos católicos romanos. Pelo código, os escravos deveriam ser batizados na fé católica e tinham direito ao repouso dominical. Assegurava o direito à alimentação, à roupa e à habitação. Previa ainda o amparo aos velhos e doentes (na realidade os escravos morriam moços). O casamento entre escravos era encorajado e na venda de escravos, o marido, a mulher e os filhos não podiam ser separados. As relações sexuais entre senhores e escravas passaram a ser passíveis de punição. (DAMATO, 1995, p.55)

Em análise ao código, é possível perceber inúmeras contradições de uma lei criada para coibir excessos, e que ao fim termina por autorizá-los; pois como afirma Figueiredo (1998), o documento autorizava os senhores a cometerem atrocidades, se distanciando da justiça e imbuindo de impunidades as terras antilhanas. Também se pode ler, nas entrelinhas,



que os sujeitos escravizados eram tratados como bens móveis de seu senhor, sendo assimilados a objetos negociáveis e de venda, ao mesmo tempo em que dispunham do “direito” de batismo para cumprir seus deveres cristãos, como ir a missa aos domingos, por exemplo. “Ou seja, o escravo é “canonicamente um homem e juridicamente uma mercadoria.”” (SALA-MOLINS, 1987, p. 104 *apud* FIGUEIREDO, 1998, p.15). Outro exemplo dado pela autora citando determinado momento do documento, é que o negro passa de mercadoria para cidadão quando se referencia os direitos jurídicos, mas logo após é ressaltado que suas declarações não podem ter valor legal, não podendo, portanto, exercer nenhuma função pública e ser testemunha em matéria cível, embora possa ser perseguido pela justiça.

Figueiredo (1998) discorre que o artigo 38 do código prescreve as penas para o *marron* – o escravo que foge da propriedade –, cujas penalidades estão atreladas ao tempo da fuga, por exemplo: após a primeira fuga o escravo terá as orelhas cortadas e será marcado com a flor de lis, após a segunda fuga ele terá o tendão da perna cortado e receberá a flor de lis no outro ombro, ocorrendo a terceira fuga o escravo será punido com a morte. Por sua vez, a autora afirma que, os descendentes de escravos carregam o estigma social e jurídico de seus antepassados, previsto no artigo 59, no qual é descrito que os negros alforriados têm os mesmos direitos que os negros nascidos livres. No entanto, nos decretos do rei podem ser lidas repressões aos mestiços, negando a possibilidade de exercer qualquer cargo nas milícias e a impossibilidade de emprego público no espaço das colônias para o caso dos brancos casados com negras ou mulatas, entre outros.

Para Fanon (1968), frente as opressões e violências sofridas, durante muito tempo, o colonizado martinicano “aceitou” as essências ocidentais, ao internalizar suas histórias e ideias, passando a defender o alicerce de sua cultura, história e identidade puramente francês. Glissant percebeu que o indivíduo martinicano precisava afirmar-se para golpear a consciência do mundo com vista a fazê-lo enxergar a fecundidade de seu povo.

Ainda em paráfrase a Fanon (1968), a história da colonização martinicana presume o colonizado, a todo momento, como culpado. O negro martinicano “reconheceu” esta jurisdição, esteve dominado e domesticado, inferiorizado e convencido de sua inferioridade. Os colonos dispuseram em torno dos colonizados um mundo de barreiras e proibições, montaram uma superestrutura que impregna a sociedade martinicana até a atualidade.

Ainda no século XVIII, de acordo com o Paul Butel, em *Histoire des Antilles françaises, XVIIe-XXe siècle* (2002), as plantações na Martinica tiveram significativo crescimento, fato que proporcionou o aumento do número de escravos na colônia. Temendo

revoltas e possíveis atitudes contra os brancos, por parte dos negros, instaurou-se na ilha a política do preconceito de cor, cuja finalidade era manter os negros em estado de submissão.

Entretanto, R.P.J.B. Dutertre (1973) discorre que após a derrubada do código, alguns negros conseguiram chegar à Metrópole – França – e se instruir, gerando nos brancos o temor de que aqueles perdessem o medo e a visão distorcida de si; resultando disso a proibição, por parte dos brancos, da entrada de negros na França metropolitana. Além disso, no final do século XVIII, Villaret – capitão-geral da Martinica – solicitou o fechamento das escolas na ilha alegando que a instrução não era compatível com a escravidão. Mas após alguns anos, no entanto, paulatinamente, os negros conquistaram espaços: em 1792, a Assembleia Legislativa Francesa estabeleceu direitos políticos aos “homens de cor” e em 1794 foi decretada a libertação geral de todos os escravos em território francês.

Neste mesmo ano de 1794, a França perdeu suas posses para os ingleses, tendo como consequência o retorno da escravidão no espaço da Martinica, que só foi abolida de forma definitiva em 23 de maio de 1848, cujo término, em todo caso, não significou o fim das relações de opressão política e social. Ademais, com a libertação dos escravos, os negros antilhanos foram tomados pela raiva da terra: seu lugar de sofrimento.

O negro martinicano viu que em seu solo “podiam” espancá-lo, prendê-lo e submetê-lo a escandalosas violências (Fanon, 1968). O desencanto com a permissividade passou a se dar quando o colonizado se colocou em justaposição, quando percebeu que os homens devem ser tratados de maneira igual. Não bastou ao colono afirmar que a sociedade colonizada não possui valores, eles ainda posicionaram os negros como inimigos desses valores por serem eles o mal absoluto, corrosivo e deformador. Esta lógica desumanizadora vai até o fim, animalizando o colonizado. Fanon discorre que, a escrita ocidental, quando cita o negro, é uma linguagem que recorre o bestiário. A imagem explosiva do mundo colonial é de ações nítidas; desfazê-lo não é um processo dado com o fim da abolição, é necessário abrir as fronteiras em vias de passagem entre duas extensões. Glissant não se propõe a destruir o mundo colonial, sua tentativa não é de abolir uma extensão em função de outra, e sim reconhecer ambas em distintos espaços e conjuminadas em diferentes territórios.

As discussões do mundo colonial não são, para Glissant (2011), confrontos racionais de pontos de vista; não se trata de diluir discursos e sim afirmações de singularidades admitidas como absolutas. Na Martinica, o colono limitou o espaço do colonizado, ilustrou um caráter totalitário depreciativo; “o colono fez do colonizado uma espécie de quintessência do mal” (FANON, 1968, p. 30). Partindo do pressuposto, pensadores influentes da ilha sentiram a necessidade de reverter o cenário depreciativo no qual o negro estava submerso.

Mais adiante, Aimé Césaire aparece como o fundador da literatura antilhana, considerada pelos signatários do *Eloge de la créolité* – Chamoiseau, Confiant, Bernabé – um estado de pré-literatura, sendo o que Figueiredo (1998) chama de “referência obrigatória” para os sucessores das letras e lutas no espaço das Antilhas. A continuidade literária, formada a partir da Negritude, aponta para uma espécie de “sistema” com abordagem de pensamentos originais, a exemplo a obra teórica *Pele negra, máscara branca* de Frantz Fanon (2008), cujo pensamento, para a autora, ajuda a compreender a psicologia do negro antilhano, moldada pelo colonialismo na imposição de uma imagem negativa de si.

Césaire é o grande precursor dos movimentos a favor das causas negras no Caribe, assumindo o papel de encaminhar a comunidade negra ao processo de compreensão dela mesma; dando início a um espaço de reivindicação, o autor partiu da ideia de África assumindo a dimensão africana como cultura local, o que fez dela a terra mãe; segundo Zilé Bernd, o escritor rejeitava a ideia de uma sociedade tracejada no modelo cultural branco: “Césaire pleiteava, pois, uma via de autenticidade por oposição ao clima de inautenticidade reinante entre os negros da América convencidos de que o único modelo cultural válido era o modelo branco ocidental.” (BERND, 1988, p. 34).

A negritude cesairiana suscitava uma definição negra em que fossem traçadas sua identidade e cultura. Herdeiro de uma família negra que driblou a estratificação social e teve na figura de seu avô o primeiro professor negro da Martinica, Césaire foi alfabetizado cedo, chegando à metrópole para uma formação engajada no político.

Aimé Césaire, exerceu por quase 50 anos o cargo de deputado na Assembleia Nacional e de prefeito em Fort-de-France; em 1946 defendeu a departamentalização das ilhas, ou seja, a transformação das antigas colônias em departamentos ultramar (DOM). Com a lei aprovada, a Martinica, a Guadalupe e a Guiana Francesa tornam-se departamentos da França, criando um elo com a antiga metrópole (FIGUEIREDO, 1998, p.17), justificando esta decisão como resposta ao temor de que os descendentes dos primeiros colonos europeus – os *békés* – assumissem o poder em prejuízo aos negros. Cabe ressaltar que a criação de Departamentos não era defendida por todos; desta forma, muitos intelectuais e políticos se decepcionaram com a postura adotada por Césaire, chegando a considerá-lo um traidor da Martinica, pois lutavam pela independência das antigas colônias.

Desde o colonialismo a França não se colocou como uma mãe doce e protetora de todo ambiente hostil, e sim uma mãe que impede seu filho de morrer, ideia demarcada por Fanon (1968). Assim, livres de suas supostas incapacidades, a Martinica ganhou uma mãe que a defende contra ela mesma, contra sua ontologia e fisiologia degradante. Nesta situação, o

clamor glissantiano não é um luxo, mas a exigência de coerência; situando seu combate no plano da justiça, o poeta quer fornecer provas que desnudem a história oficial e o corpo negro martinicano, contrapondo as tentativas de “bondade” vindas da metrópole e “inocentemente” repetidas por intelectuais da ilha.

Em 6 de maio de 1946, a lei de departamentalização das Antilhas, apresentada pelo deputado Aimé Césaire, foi aprovada, como afirmado no telegrama enviado pelo próprio ao Diretório do Partido Comunista em 14 de maio de 1946: “Grande victoire pour les classes laborieuses et fonctionnaires – Assimilation obtenue – Vive Parti Communiste.”<sup>2</sup> Ainda assim, foi apenas a partir dos anos 60 que a ilha recebeu investimentos: rede escolar, hospitais, estradas, centros universitários, elevação de salários e concessão de benefícios sociais. Para Butel (2002), a história dos territórios franceses *d’outre mer* é submersa e alinhada à história oficial francesa, mecanismo que silencia fatos, povos e realidades históricas marcantes.

Para Glissant (2011) e Fanon (1968), há muitos esforços empregados que provocaram a alienação do negro, uma grave característica da época colonial; para os autores, nada foi feito ao acaso; o resultado pretendido era o domínio e o convencimento de que o colonialismo e a departamentalização os arrancava das trevas, e que o rompimento com o colonizador significaria o retorno a barbárie e a animalização.

Neste segmento e de acordo com L. F. Prudent (1983) em *La langue créole aux Antilles et em Guyane*, os fatos históricos inerentes à colonização da Martinica fizeram acarretar um tipo de conflito específico, referente ao sistema de línguas nativas, cultura própria e identidades plurais. No que diz respeito à língua, o embate se desenvolveu antes da chegada dos europeus, quando se observa a existência de dois falares entre os Caraíbas, um deles reservado às mulheres. Este conflito ainda é vivido nos dias atuais, agora entre o *créole*, língua nascida do contato entre escravos africanos, piratas franceses e indígenas Caraíbas, de base lexical francesa e por isso mais falada na Martinica, e o próprio francês, a língua oficial e institucional do departamento.

Figueiredo (1998) discorre que “O crioulo também se aplica a uma língua nascida no/do sistema de plantações e miscigenação.” (p.19); para a autora, o crioulo não é uma língua particular dos negros, porque os *békés* também se exprimiam por meio dela, sobretudo quando se dirigiam a esses. No entanto, o negro tentará falar francês porque o crioulo é

---

<sup>2</sup> "Grande vitória para as classes trabalhadoras e funcionários - Assimilação obtida - Viva o Partido Comunista". (Césaire, Aimé, 1946, tradução minha).

considerado um *patois*<sup>3</sup>, e por isto visto como inferior, apesar de ser a língua das canções e contos, em resumo, sua língua materna. Félix Prudent, em *Les problème d'émergence d'une littérature créole antillaise* (1983), também constatou que os antilhanos consideram o crioulo um dialeto, e não uma língua, por acreditar que a Martinica e Guadalupe não são países, e desta maneira não dispõem de língua própria.

O domínio colonialista nunca cessou de afirmar o negro como um selvagem, que para ele não era o martinicano, o angolano, o senegalês. O colonialismo falava do negro, como supõe Fanon (1968). Os esforços de Glissant para reabilitar seu povo é uma lógica contrária ao colonialismo, mas que não o elimina, ele não busca anular uma época, e sim preencher seus espaços vagos. O autor não se afasta da cultura ocidental e não proclama uma cultura em nome da África, apenas dela. O negro glissantiano foge do terreno que lhe foi determinado e deixa de manifestar uma cultura única. Assim, Glissant não se pronuncia ora como “francês ou africano”, se diz crioulo; o autor não assume duas nacionalidades, e sim reúne determinações identitárias que o condicionaram a perspectivas plurais.

No que concerne a educação, “A questão do crioulo é particularmente grave (...)” (FIGUEIREDO, 1998, p. 21), pois, segundo a autora, a criança que chega à escola, tendo falado o crioulo em casa, é alfabetizada na língua estrangeira, o francês; a proibição do uso do crioulo em sala de aula prejudicava os aprendizes cujo referencial simbólico era expresso na língua crioula, fato que ocasionou um elevado nível de reprovação escolar nas Antilhas. É neste sentido de buscar a reversão do sistema opressor que alguns escritores enfrentarão o problema da língua, inserindo em seus trabalhos marcas da língua crioula, na tentativa de envolver subjetividades identitárias e representações do ser.

Para Glissant, em *Poética da Relação* (2011), o Caribe é um espaço inacabado, cuja compensação da identidade cultural só pode ser abordada com relação à história e ao espaço a ser preenchido. Entretanto, a tarefa do autor não acaba apenas na nomeação de lacunas históricas e identitárias, pois ela abrange muito mais: a própria (re)apropriação da memória coletiva. É preciso frisar que, a questão caribenha é vista pelo escritor martinicano a partir do olhar local – a Martinica –, em que reflexões decorrentes de observações das experiências vividas na metrópole fizeram surgir, em *La Lézarde* (1997), um povo martinicano fruto dos cruzamentos da história oficial e das histórias locais, para fazer frente à imagem de “passivos” circulada pelos documentos oficiais. Glissant rotula esta passividade de “mentalidade de

---

<sup>3</sup> O patoá é uma palavra de origem francesa que designa o falar essencialmente oral, praticado em uma localidade ou por um grupo. Considerado como sistema linguístico restrito de estatuto cultural ou social instável, ele é definido como dialeto e utilizado no sentido pejorativo para desqualificar a língua.

assistidos” (1981, p.44), pelo fato dos antilhanos nada produzirem e esperarem que tudo venha da França, por não se considerarem autossuficientes e manterem uma dependência que, para Fanon (2008), desencadeia graves problemas mentais e psiquiátricos; levando a concluir que “não existe no mundo uma comunidade tão alienada quanto a nossa, tão ameaçada de diluição. A pulsão mimética é talvez a mais extrema violência que se possa impor a um povo;” (GLISSANT, 1981, p.63).

Em 1940, a ilha da Martinica foi influenciada pelas vanguardas francesas, intervenções iniciadas pela revista *Tropiques* liderada por Césaire, apontando o começo do movimento da *Negritude*, cujo conceito fora repercutido no Caribe e em diversas partes do mundo por manifestantes que buscavam a valorização da cultura negra, se apoiando nos mesmos moldes de subversão do movimento surrealista<sup>4</sup>:

A ligação do grupo com o movimento surrealista é fortíssima: a começar pelo título – *Légitime Défense* – título também de um opúsculo que André Breton publicou em 1926 em favor do comunismo, mas contra os jornais do partido que atacavam os surrealistas, em particular L’Humanité. (DAMATO, 1995, p. 108).

Neste sentido, a repercussão das vanguardas na ilha foi resultado da rede de solidariedade montada entre os intelectuais, escritores e artistas dos continentes Americano, Europeu e Africano, que consistiu na (re)apropriação histórico-cultural negra e no (re)conhecimento de civilizações silenciadas.

O movimento da Negritude, segundo Kabengele Munanga, em *Negritude usos e sentidos* (1988), idealizado fora da África, tem indícios de surgimento nos Estados Unidos, passagem pelas Antilhas e sistematização na França, tendo se expandido mais tarde, para a África e as Américas até finalmente alcançar os negros da diáspora. No entanto, o conceito começou a ganhar forma no primeiro quarto do século XX, em várias partes do mundo, em formato de manifestações de integrantes do movimento de repercussões culturais e políticas, das quais resultaram as primeiras reivindicações de um pensamento e de uma cultura antilhana, sendo que a eclosão do movimento em Paris se deu pela contribuição dos “salões das irmãs Nardal e de René Maran” (DAMATO, 1995, p.101).

---

<sup>4</sup> De acordo com Blérard (1987), na Europa, as vanguardas equivalem ao período de modernização do pensamento, das artes e das cidades – início do século XX. Dentre as manifestações literárias das vanguardas estima-se que o surrealismo foi o movimento literário mais significativo para o Caribe em função de seu objetivo de lançar uma revolução cultural de questionamento aos modos de pensar e expressar. Glissant, fortemente influenciado pelas vanguardas europeias, revela sua rebeldia surrealista na busca de autonomia da linguagem, no anular das fronteiras entre a teoria e a prática. Ao viver as vanguardas em Paris e depois retornar ao país de nascimento, o autor buscou ações que favorecessem uma renovação cultural e estética na realidade martinicana.

A palavra negritude deriva do termo francês *nègre*, que no início do século XX possuía caráter pejorativo, enfrentando algumas resistências ainda na atualidade. O movimento tinha como uma de suas intenções inverter o sentido negativo do termo, retirando sua desqualificação ao dar uma conotação positiva de afirmação racial, e assim desmobilizar o opressor começando pelo uso da linguagem, um dos principais instrumentos de dominação. Munanga (1988) expõe que na sua fase inicial, o movimento da negritude tinha caráter cultural de negação da política de assimilação europeia, época em que se considerava positivo apenas os modelos culturais brancos europeus, caminhando desta forma no sentido oposto, ou seja, ao resgate dos valores e símbolos culturais afros.

Na concepção de Césaire, em *Discurso sobre o colonialismo* (1978), negritude é o ato do “despertar da África”, de se reconhecer negro e ser consciente de sua identidade, cultura e história, definindo o termo em três aspectos: identidade, fidelidade e solidariedade, o que corresponde respectivamente a orgulho racial, vínculo com a terra mãe e sentimento de união entre os “irmãos de cor”; convidando o negro para retornar às suas raízes:

Cela est si vrai que le Peuple, fils aîné de Nature, nous en avertit, tous les jours : Un décret dit aux Nègres : “Vous êtes semblables aux Blancs ; vous êtes assimilés”. Le Peuple, plus sage que les décrets, parce qu’il suit Nature, nous crie : “Hors d’ici ; vous êtes différents de nous ; vous n’êtes que des métèques”(…) <sup>5</sup>(CÉSAIRE, 1978).

Embora o movimento da Negritude tenha sido lançado e sua definição estivesse a se formar, faltava ainda nomeá-lo. Foi Césaire quem o fez pela primeira vez em seu *Cahier d’un retour au pays natal*, editado pela Volontés em 1939, quando escreveu:

Minha negritude não é nem torre nem catedral  
Ela mergulha na carne rubra do solo  
Ela mergulha na ardente carne do céu  
Ela rompe a prostração opaca de sua justa paciência.  
(tradução desconhecida).

No entanto, a Negritude só foi circundada em definições a partir da publicação da *Antropologie de la nouvelle poésie nègre et malgache de langue française* de Léopold S. Senghor em 1948.

Dentro desse quadro, o movimento iniciou debates acerca da cultura negra e sua definição, enveredando-se “por um determinado caminho aberto por alguns pesquisadores

---

<sup>5</sup> Isto é tão verdadeiro que o povo, filho mais velho da Natureza, nos adverte todos os dias: Um decreto dito aos negros: "Vocês são semelhantes aos brancos; vocês são assimilados." O povo, mais sábio que os decretos, porque ele segue a Natureza, nos grita: "Fora daqui; vocês são diferentes de nós; vocês não são mais que estrangeiros"(...). (Césaire, 1935)

européus, que vinculava raça e cultura e levava conseqüentemente a uma visão racial – epidérmica na expressão de Fanon – da literatura.” (DAMATO, 1995, p.15). Parafrazeando a autora, o termo negritude adquiriu sentidos mais amplos ao longo dos últimos anos, quando passou a ser usado em caráter político e ideológico, subsidiando os processos de conscientização racial e valorizações culturais de matriz africana. Assim, de acordo com Munanga (1988), a negritude é um conceito multifacetado em seus diversos contextos históricos, temporais e espaciais.

A procura de uma cultura nacional anterior à era colonial, para Glissant, retrocede em face da cultura ocidental. A busca glissantiana é alimentada pela esperança de reconhecimento, e assim, para além do desprezo de si, resgatar uma era que reabilite os próprios olhos e os dos outros. O autor, não querendo repetir os passos de amigos seus da metrópole, quando aprisionou seu povo oprimido a uma história singular, e não suportando a barbárie, luta por dar voz a um passado de dignidade em que há a relação de diferentes povos.

Paris era “o polo de atração de artistas e intelectuais de toda parte, dentre os quais se encontram muitos negros – africanos, americanos e antilhanos –.” (FIGUEIREDO, 1998, p.28); e embora a educação fosse pautada em uma visão eurocêntrica, o despertar da criticidade nos intelectuais negros fez emergir uma tomada de consciência negra em revistas, como *La voix des Nègres* (1927), *La Race Nègre* (1927-1931), *La Revue du Monde Noir* (1931), que irradiaram o pensamento anticolonial. Césaire, “de pele negra e espírito branco” (FIGUEIREDO, 1998, p.28) descobriu através de Frobenius que o continente africano não era uma terra de selvagens, desfazendo, assim, a visão de uma África primitiva. No entanto, segundo críticos, se pode notar em seus escritos que a África para o autor não é real, ela é algo mítico, uma pátria original que pode ser reconquistada espiritualmente.

Glissant, atentando-se para não repetir em sua escrita os modelos parnasianos e essencialistas de Césaire, se dissocia dos fechamentos sugeridos pelo movimento da Negritude, sem deixar de considerar a importância desse passo para se começar a pensar as identidades negras; trata-se de um novo olhar que contesta a ordem pura, branca ou africana unificada, em nome de uma nova ordem, cujas características primordiais consistem na aceitação do diverso e do imprevisível.

Para dar início ao combate à política assimilacionista das potências coloniais, a revista *L'étudiant Noir* (1939) cedeu espaço para exprimir os gritos negros silenciados ao longo da história; tendo na direção Aimé Césaire (Martinica), Léon Damas (Guiana Francesa) e Léopold Sedar Senghor (Senegal), este espaço de circulação de textos e pensamentos lançou a



ideologia da Negritude no cenário mundial e liderou um movimento literário de representatividade negra.

Frantz Fanon (2008), psiquiatra e filósofo que travou discussões acerca de temas como a descolonização e a psicopatologia do negro, reconheceu a importância de Césaire, mas também as fragilidades das propostas da Negritude e do culturalismo do termo, cujo conceito aprisionava os negros no sistema da origem. Assim, o movimento da Negritude, chamado por Damato (1995, p.14) de “o grande debate sobre a definição da cultura negra”, sofreu críticas de diversos pensadores de países colonizados e da França, a exemplo René Menil (1981), um dos signatários do manifesto *Légitime Défense*, espaço aberto em busca de interromper ações agressivas contra os negros e de denúncia ao caráter racista da Negritude na associação entre raça e cultura, indo ao encontro das formulações de Senghor, quando este minimizou as condições sociais, históricas e políticas definindo o negro prioritariamente por sua raça e não pelas condições de vida. Mas, por outro lado, os pensadores do manifesto reconheceram a relevância do movimento da Negritude no combate ao racismo e no surgimento de uma consciência negra “livre”, tendo como principal impacto a inserção de novos olhares sobre a cultura negra.

Na Martinica, Glissant se dissociou criticamente do movimento:

Mesmo escritores que tinham, num primeiro momento, saudado o movimento da Negritude com entusiasmo foram se desiludindo ao perceber que havia diferenças culturais sensíveis entre os negros dos Estados Unidos da América do Norte e os antilhanos, entre estes e os africanos, entre os próprios povos africanos, segundo suas etnias, seus contatos em graus variados com a cultura ocidental. Além de tudo, percebeu-se que era impossível ignorar as marcas deixadas pela colonização e que espanhóis, ingleses, franceses, portugueses tinham edificado de forma diversa seus impérios coloniais. (DAMATO, 1995, p.16)

No entanto, Glissant reconheceu a importância de resgatar as raízes africanas recalçadas, mas percebeu o perigo do pensamento essencialista e fechado sobre a identidade negra de raiz única, que universaliza o homem negro. Para o autor, a Negritude vinculou o passado e a história à raiz africana, recuperando tal origem como um retorno à África unificada.

Para Damato (1995) os movimentos negros, liderados por Aimé Césaire (Martinica), Jacques Roumain (Haiti), Léon Gontran Damas (Guiana Francesa), entre outros, criaram uma literatura periférica, pós-colonial e de identificação feita da dicotomia classe/raça, que deu início a novos pensamentos que tinham como base o hibridismo e mestiçagem. Para a autora, a negritude antilhana, enquanto movimento identitário, surge de uma contradição, “Aimé

Césaire descobre a África e a arte negra através do olhar europeu: de um lado, pela leitura de etnógrafos como Delafosse e Frobenius e, de outro lado, pelo culto das vanguardas europeias à arte negra.” (p.24).

Em síntese, no final da década de 50, Glissant, ao observar o movimento da Negritude, percebeu que as ideias propagadas na valorização do ser negro eram essencialistas e generalizantes, e buscando contrapor tais ideias, o autor criou a noção de *Antilhanité*. Damato (1998) afirma que ao ver o início do movimento da Negritude, Glissant percebeu diferenças culturais entre negros de diferentes regiões e reconheceu que estas estavam atreladas aos processos de colonização. Logo, ignorar as marcas deste processo seria impossível para a compreensão real da situação dos negros, por acreditar que o tema Negritude não dava conta das inquietações de reconhecimento da(s) identidade(s) negra(s), constatando que os traumas e as feridas provocadas pelo processo de colonização, pelo sistema de escravidão e pela cidadania francesa advindas do processo de departamentalização geraram desequilíbrios diversos no povo antilhano.

Desta forma, a noção de Antilhanidade se desenvolveu sob a proposta de união política e cultural entre as ilhas caribenhas, como afirma o autor: “La notion d’antilhanité surgit d’une réalité que nous aurons à interroger, (...)”<sup>6</sup>(GLISSANT, 1981, p.422). Através dela, o poeta defende a ideia de histórias comuns entre os caribenhos, concebendo um espaço comum de poética e narrativas. De fato, essa “reunião cultural” das ilhas era uma tentativa de renovação e aceitação das lacunas históricas, econômicas, culturais, linguísticas e sociais das Antilhas, uma espécie de busca do comum que abarcava a história e seus desdobramentos com a terra e a língua, e da conscientização do povo de cada ilha (FIGUEIREDO, 1998).

Em 1989, os antilhanos Jean Bernabé, Patrick Chamoiseau e Rafael Confiant, ao se proclamarem crioulos, no *Éloge à la créolité*, retomaram a noção de Antilhanidade de Glissant e de Negritude de Césaire, propondo a *créolité*. Os três pensadores do elogio assim se descrevem:

Nem Europeus, nem Africanos, nem Asiáticos, nós nos proclamamos Crioulos. Isso será para nós uma atitude interior, ou melhor: uma vigilância, ou, ainda, uma espécie de invólucro mental em cujo interior se construirá nosso lugar em plena consciência do mundo” (BERNABÉ, CHAMOISEAU e CONFIENT, Trad. Magdala França Vianna, 1990).

O conceito de Crioulidade tem a partir desses três pensadores a mistura de elementos limitados quando reporta-se a mestiçagem, pois reivindica tradições e virtudes indígenas,

---

<sup>6</sup> "A noção de antilhanité surge de uma realidade que temos de interrogar, (...)” (GLISSANT, 1981, p.422, tradução minha).

africanas e europeias do espaço caribenho. Assim, os martinicanos Bernabé, Chamoiseau e Confiant, parecem homologar a criouldade à mestiçagem. É neste sentido que, Glissant revisa, no mesmo ano, o conceito propagado por eles, propondo em *Poétique de La Relation a Créolisation*: um fenômeno que abarca a criouldade e a amplia ao aplicá-la não apenas ao Caribe, mas ao mundo:

J'appelle créolisation la rencontre, l'interférence, le choc, les harmonies et les disharmonies entre les cultures, dans la totalité réalisée du monde-terre. [...] Ma proposition est qu'aujourd'hui le monde entier s'archipélise et se créolise<sup>7</sup>. (GLISSANT, 1990, p. 194).

Non seulement une rencontre, un choc (...) un métissage, mais une dimension inédite qui permet à chacun d'être là et ailleurs, enraciné et ouvert, perdu dans la montagne et libre sous la mer.<sup>8</sup> (GLISSANT, 1990, p. 46).

Para o autor, a criouliização – enquanto projeto de concepção de um povo – insta para a consciência de uma etnia plural em contraste e denúncia ao falso monolinguismo e a pureza das raças, enquanto a mestiçagem depara-se com algumas barreiras e acentua as diferenças “culturais” de acordo com uma matriz fundamentada na ideia do Mesmo – o negro da plantação de cana de açúcar e da escravidão. E embora para muitos críticos a Criouliização se equipare à mestiçagem, Glissant, através de tal noção, afirma um distanciamento com base no fator bio-epidérmico, afirmando se tratar de um elemento a mais por ter resultados imprevisíveis: “Si nous posons le métissage comme en général une rencontre et une synthèse entre deux différents, la créolisation nous apparaît comme le métissage sans limites(...)”<sup>9</sup>(GLISSANT, 1990, p. 46).

A(s) voz(es) da Criouliização, já iniciadas na Antilhanidade, fundada(s) na pluralidade, abre(m) espaço a novas histórias; na opinião de Glissant (2005), nenhum homem é uma ilha, são arquipélagos unidos a continentes. Para desenvolver a noção de criouliização, Glissant convocou as ciências humanas, a literatura, a filosofia, a poesia, e a semiologia de Barthes, preenchendo com muita atenção sua relação com as Antilhas e se transformando em um dos mais importantes intelectuais negro-antilhanos. Para ele, as Antilhas Francesas estão presas ao processo de assimilação, um evidente assassinato cultural das Antilhas mascarado no sistema

<sup>7</sup> Eu chamo de criouliização a reunião, a interferência, o choque, as harmonias e as desarmonias entre as culturas, na totalidade realizada no mundo-terra. [...] Minha proposição é que hoje o mundo inteiro se arquipelise e se creolise (GLISSANT, 1997, 194, tradução minha).

<sup>8</sup> “Não somente uma reunião, um choque (...), uma mestiçagem, mas uma dimensão inédita que permite a cada um de estar lá e em outros lugares, enraizado e aberto, perdidos na montanha e livres sobre o mar” (GLISSANT, 1990, p. 46, tradução minha).

<sup>9</sup> Se colocarmos a mestiçagem, no geral, como um encontro e uma síntese entre dois diferentes, a criouliização nos aparece como a mestiçagem sem limites, (...). (GLISSANT, 1990, p. 46, tradução minha).

colonial e na departamentalização, cujas consequências serão apontadas mais adiante neste texto.

Édouard Glissant, em sua primeira obra romanesca intitulada *La Lézarde* (1997), inicia a obsessão pelo passado, para ele “um dos referentes essenciais da produção literária das Américas” (GLISSANT, 1981, p.254 *apud* FIGUEIREDO, 1998, p.9). A partir de sua primeira obra, uma saga retomada em outros romances seus, o autor procura reescrever a história negro martinicana rasurada, marcada pela descontinuidade e fragmentação, recuperando a oralidade tradicional para inseri-la em uma escrita ficcional.

Através do *La Lézarde*, *Lé Quatrième Siècle*, *Mallemort*, Glissant busca a contraposição ao sistema colonial opressor a partir de ideias entrelaçadas em suas obras teóricas, a exemplo *Le Discours Antillais* (1981), no qual, enquanto filósofo, propõe a releitura da história antilhana sob a exposição e contraposição dos processos de assimilação. Para o poeta martinicano, o discurso propagado pela história oficial que se elabora sobre as Antilhas é um ponto de vista particular, um problema de perspectiva e trapaça. A história da Martinica é difundida e determinada pela história da França, na qual a cronologia antilhana se articula à lista de descobertas francesas. É neste sentido que, Glissant procura demarcar uma cronologia que divulgue as outras histórias da Martinica sob uma nova periodização, que desloca o pensamento assimilado e cede espaço para as narrativas locais. Seu objetivo primeiro é de criar um país de histórias “plurais”, distanciadas da lógica assimiladora, expondo uma visão interna dos registros da cultura de exploração, por meio das plantações nas Américas – um dos condicionamentos econômicos e políticos da força colonizadora; uma investida na periodização, centrada sobre a história da cultura da cana, que demarca a dialética entre natureza e cultura antilhana.

Para Fanon (1968), exposta em sua nudez, a história oficial deixa entrever espaços incendiados e corpos ensanguentados. Há nela, sempre, um combate decisivo e mortal entre dois protagonistas: o colonizador e o negro (colonizado). Segundo o autor, não se desorganiza uma sociedade sem “destruir” obstáculos do caminho; a violência é o motor que impulsiona o colonizador.

A a-historicidade dos negros proclamada pela era colonial conduz a exaltação de fenômenos mundiais racializados. A existência de cultura e história própria, não apenas nacional, assegura um reconhecimento histórico do povo negro martinicano, visando escapar da supremacia branca francesa; deste modo, regressando as raízes ignoradas, a história oficial mostra em suas entrelinhas o centro vivo de contradições que ameaçam ser insuperáveis.

Glissant assume a missão de encontrar respostas e combater até mesmo a “covardia” instalada na alienação.

A desejada retomada de si, difícil, dolorosa, por ter demorado a acontecer, condicionou o povo negro martinicano a mutilações psico-afetivas, e fez deles indivíduos construídos com fronteiras e limites, sem cor e sem raízes, moldados por um sistema dominante. A escrita glissantiana rejeita as aquisições alienantes. Por intermédio da cultura o autor se infiltrou na civilização ocidental, no entanto percebeu que ela não lhe dava condições de considerar as relações entre numerosas civilizações.

Dessa forma, expandindo o contexto sócio histórico específico de seu tempo e lugar, transitando entre a História e a Memória, Glissant elabora uma rica produção reflexiva de caráter emancipador e universal.

### 1.3 ÉDOUARD GLISSANT: DO POLÍTICO AO POÉTICO

Neste primeiro momento, buscou-se evidenciar como Glissant reverte suas experiências e conhecimentos no espaço da literatura; contudo, não se trata aqui de uma abordagem reducionista sobre as possíveis intenções do autor.

Filho do superintendente Jerome Paul-Édouard Glissant, este nascido em 30 de setembro de 1901 e da lavadeira, Maria Euphénie Godar, esta nascida em 3 de setembro de 1895, Édouard Glissant veio ao mundo a partir destes no ano de 1928 na cidade de *Sainte-Marie*, situada ao norte da ilha de Martinica e às margens do rio *La Lézarde*. Apesar de ter nascido em meio à plantação de cana de açúcar, o poeta conclui o segundo grau no colégio *Schoelcher* em *Fort-de-France*, capital da Martinica, e mais tarde, levado por reflexões derivadas desses estudos, fundou junto com alguns colegas o grupo *Franc-Jeu*, um espaço de debate cultural e político na Martinica.

A entrada de Glissant no mundo literário, majoritariamente eurocêntrico, fez com que ele se interrogasse sobre sua base identitária. De acordo com o *Dossier sur Édouard Glissant et Le Discours Antillais*<sup>10</sup> (1983), o jovem martinicano chegou à França em 1946, aos 18 anos, para continuar seus estudos na situação de bolsista e lá, enquanto pensador, obteve as licenciaturas em Antropologia pelo Museu do Homem e em Filosofia pela Universidade *Sorbonne*, em Paris; vindo mais tarde também obter o título de Doutor em Letras, ainda pela Universidade *Sorbonne*. É então a partir da década de 1950, que Glissant começa a publicar

---

<sup>10</sup> *Dossier sur Édouard Glissant et Le Discours Antillais*. Etincelles, Montréal 4, avr/mai, 1983.

artigos críticos pela revista *Les Lettres Nouvelles*, durante o período de 1953 a 1959, dando início a uma rica produção como crítico, romancista e poeta.

Glissant sobreviveu à erosão efetuada pelo colonialismo quando alimentou em si novos olhares sobre a história; o poeta é tomado pelo desejo de preencher as fissuras históricas do negro martinicano e de ceder espaço para falar da ação dos ancestrais, para que assim fosse possível compreender seu suposto silêncio ou sua aparente “passividade”; sua missão histórica é romper com as rédeas do colonialismo e legitimar as reivindicações de seu povo.

Por ter nascido em meio à plantação, Glissant conheceu os percalços dos que trabalhavam na exploração da cana de açúcar e tal fato, marcante na sua subjetividade, o faz apreender a realidade da colônia com toda a sua herança de racismo, analfabetismo e pobreza. Damato (1995) demarca que sua infância na plantação lhe permitiu, ainda, a oportunidade de ter acesso a contos narrados pelos contadores de histórias; a marca da oralidade revertida na escrita glissantiana, mudança de aspecto, do oral para o escrito, denominada na atualidade de oralitura<sup>11</sup>, ou seja, histórias com fortes marcas da oralidade na escrita, (res)significa o lugar da memória oral como forma de resistência à opressão colonialista; tão importante para a literatura francófona.

Assim, o conceito oralitura tornou-se importante ferramenta para as comunidades de cultura oral, quando passou a reverter na escrita o potencial de transmissão de valores patrimoniais da oralidade. Ressalta-se também que, a nova forma de dependência da ilha da Martinica – ao tornar-se departamento da França em 1946 e suas consequências – influenciou Glissant a criar, em 1967, o *Institut Martiniquais d'Études* (IME), outro centro de reflexão voltado para os problemas antilhanos, fazendo circular discursos desvinculados da submissão francesa.

Parte das considerações obtidas por meio das discussões no IME, encontra-se exposta no livro *Le Discours Antillais*, ensaios magistrais publicados em 1981, e por isso, é considerado uma das obras mais importantes daquela década no campo das ciências humanas por revelar a realidade das contradições e inexatidões históricas oficiais.

Em 1971, Glissant deu início à publicação do jornal *Acoma*, para fazer circular os resultados das discussões sobre os problemas culturais, sociais e psicológicos sofridos pela

---

<sup>11</sup> De acordo com Santos (2011), o termo oralitura, cunhado pelo haitiano Ernst Mirville e usado pela primeira vez em 1974, surge como um neologismo que destina um espaço específico para a literatura oral, sem se confundir com a mesma. Assim, demarca a literatura oral na relação com a escrita que reverte memórias em produções textuais. Sendo, portanto, o termo que melhor define a literatura oral em evidência à produção literária e cultural do negro. Para maior verticalidade ler *Entre o oral e o escrito: a criação de uma oralitura* de Margarete Santos, disponível em: <http://WWW.revistas.uneb.br/index.php/babel/article/view/97/164>.

comunidade martinicana desde a sua departamentalização; observações também exploradas por Fanon em sua obra *Pele negra, máscaras brancas* (2008).

Glissant, através de seus escritos, evidencia um povo que, assim como os negros da escravidão, luta com as armas das quais dispõe, e salienta que se não houve nos espaços internacionais a repercussão das lutas negras não foi por ausência de heróis negros, e sim em função da criação de um cenário de subalternidade que precisa ser desfeito.

Glissant publicou em 1953 pela editora *Dragon*, sua primeira obra de poemas intitulada *Un champs d'îles*, cujo primeiro poema, de título *Les Indes*, ironiza a conquista da Martinica escrita pela voz do colonizador, justamente para mostrar que o conquistado está sempre ausente. Após a publicação de *Le Sel noir* em 1960, especificamente um ano mais tarde, Glissant lançou seu primeiro ensaio intitulado *Solei de la Conscience*. No entanto, o grande reconhecimento de suas contribuições e carreira deu-se mesmo em 1958, com a publicação de seu primeiro romance chamado *La Lézarde*, ganhador do prêmio *Renaudot*: uma produção que dá início à literatura antilhana e a celebração da cultura negra crioula; e cujo enredo ficcional é sequenciado em 1965 no segundo romance, denominado *Le Quatrième Siècle*, igualmente vencedor, porém agora, do prêmio Charles Veillon.

Vale ressaltar aqui que, o mergulho de Glissant nas entranhas do povo negro não é especificamente nacional, sua luta contra as mentiras é continental. O autor foge da oposição cultura branca a outras culturas. Ele não perde tempo negando uma após outra cultura de diferentes nações. Por isso sua resposta è naturalmente transgressora.

Em 1956, Glissant assume o comitê-diretor da revista *Les Lettres Nouvelles*, participando no mesmo ano de dois congressos de escritores negros: o primeiro em Paris, o segundo Roma, nos quais manifestou sua recusa a nomenclatura de “literatura negra”, em função de não existir, por oposição, a nomenclatura “literatura branca”. E na tentativa de estabelecer um espaço de voz negra caribenha sem precisar da rotulação de literatura negra, o autor fundou em 1961, junto com Albert Béville e Paul Niger, *Le Front des Antillais et Guyannais pour l'autonomie (FAGA)*.

O pensador martinicano compreende que a história de seu povo não é dada apenas na apropriação cultural, mas sobretudo no combate as forças dominantes. Para ele, o autor que escreve para seu povo deve, ao utilizar o passado, convidá-lo a abrir-se ao futuro, instar a ação e resgatar a esperança. Para Glissant, não é suficiente fazer face às determinações falsificadoras do colonizador, é necessário lutar para preparar um terreno de impulsos resistentes sem fechamentos.

Nota-se que desde os anos 50, Glissant vem construindo um acervo de produções que atravessa estilos e meios. Em busca de atuações cada vez mais fortes e abrangentes do negro. O autor, entre 1982 e 1988, dirigiu *Le Courrier de l'UNESCO*<sup>12</sup> em Paris, tornando-se ainda um dos vice-presidentes do Parlamento Internacional de Escritores, com sede em Estrasburgo, na França.

A principal questão de Glissant é indicar o caminho do discurso das identidades negras, considerando que não se trata de se opor a identidade do opressor, pois as identidades martinicanas reivindicadas em suas obras consideram encontros e choques; seus escritos se distanciam do discurso meramente da cor da pele ou da inferiorização da história e da cultura negra, no qual raça e classe foram variedades da mesma exploração. A busca das identidades crioulas evidencia que o negro da ilha tem problemas, e que estes precisam ser vencidos para que se possa chegar ao reconhecimento de si, questões que são iniciadas na mudança do imaginário coletivo, como a depreciação da sua cor, a alienação do seu corpo, da sua história e da sua cultura.

Vale ressaltar que em 1997, Glissant esteve na cidade de Passo Fundo, estado do Rio Grande do Sul, no Brasil, lugar em que participou da 7ª Jornada Nacional de Literatura e se pronunciou sobre o Parlamento Internacional dos Escritores, afirmando a importância de “ouvir o grito do mundo” e, segundo Damato (1995), chegar a um acordo para que essa cidade brasileira fosse a primeira na América a se transformar em cidade-refúgio para os escritores que se achavam em situação de risco.

Já a entrada de Glissant para a *Gallimard*, considerada uma das mais influentes editoras francesas, se deu em 1994 com a obra *Poèmes Complets*, uma coleção de poesias selecionadas em 1983 e retiradas de três outras obras suas: *Le sel noir*, *Le sang rivé e Boises*. Após esta entrada tardia na editora, é só a partir da década de 90 e mediante a grande procura pelo autor e suas obras, que a *Gallimard* publica as obras *Poétique de La Relation* em 1990, e *Tout-monde* em 1995, tendo reeditado diversas outras obras, como *Mahagony*, *Malemort*, em 1997.

O retorno de Glissant à Martinica em 1960 foi, de acordo com Damato (1995), um momento de grande atuação política e poética de um “existir negro”, além do resgate de um passado histórico comum entre países colonizados e da memória negra esquecida, a fim de legitimar uma escritura negra própria. Cabe destacar que o poeta, tendo vivido o exílio

---

<sup>12</sup> Entre 1982 e 1988, Glissant, ao ocupar o posto de redator do Correio da UNESCO, desenvolveu reflexões sobre temas da miscigenação cultural, expondo uma Martinica despojada de valores culturais próprios, vestida de burguesia, resistente à assimilação política, e ao mesmo tempo uma terra de trocas, travessias e estrutura, como reflexo dos atos coloniais.



imposto, ficou longe da ilha durante o período de 1961 a 1965, em consequência da repercussão política gerada pela fundação da *Front Antillo-Guyanais* – um grupo que buscava a autonomia frente aos massacres sofridos pelos povos.

De escrita generosa e olhar militante, principalmente na exposição da urgência da superação da crise de identidade antilhana, o poeta martinicano sugere nos seus escritos a tarefa de (re)escrita da história única<sup>13</sup>, desterritorializando heranças e assimilações que deturpam o presente de seu país. Entretanto, ao retornar às condições históricas e sociais iniciais, resultantes das imposições e silenciamentos do sistema colonial, ele percebe a dubiedade na proposta de (re)visão a História oficial: de um lado, o doloroso processo da recuperação das feridas da(s) memória(s), e do outro, a superação frente aos ganhos e reflexos dos problemas vividos no presente.

É assim que as produções de Édouard Glissant destacam imbricações entre Literatura, História e Memória, em constante diálogo com as experiências dos negros. Seus trabalhos procuram realizar possíveis articulações entre as diferentes linguagens:

Je suis d'un pays où se fait le passage d'une littérature orale traditionnelle, contrainte, à une littérature écrite, non traditionnelle, tout aussi contrainte. Mon langage tente se construire à la limite de l'écrire et du parler; de signaler un tel passage – ce qui est certes bien ardu dans toute approche littéraire.<sup>14</sup> (GLISSANT, 1981, p.256).

Assim, através de um jogo de enigmas e respostas, Glissant demarca o fluxo oral da Martinica, por meio de um projeto literário/político que é a conjunção do tempo turbido e da dor sofrida pelos negros no espaço e tempo impostos, estes que viviam sob o peso da deposição<sup>15</sup>, e instala por meio de um pensamento de oposição, através de sua experiência militante e diaspórica, uma cultura de resistência e de reivindicação no espaço literário e acadêmico.

<sup>13</sup> Chimamanda Ngozi Adichie é uma premiada escritora nigeriana, nascida em 1977 em Enugu na Nigéria, oriunda de família Igbo. O termo história única é oriundo do discurso proferido pela escritora no evento Technology - transformado em texto - *O Perigo da História Única*, onde chama a atenção para a periculosidade contida na versão única de uma história, seja da história de um determinado povo ou da história que embasa um gênero etc, e sobre isso a autora profere: “[...] A “única história cria estereótipos”. E o problema com estereótipos não é que eles sejam mentira, mas que eles sejam incompletos. Eles fazem uma história tornar-se a única história”. (TED GLOBAL, 2009).

<sup>14</sup> Eu sou de um país onde se faz a passagem de uma literatura oral tradicional, violentada, a uma literatura escrita, não tradicional, igualmente coagida. Minha linguagem tenta se construir no limite entre o escrever e o falar; para relatar tal passagem – certamente é muito difícil em qualquer abordagem literária. (GLISSANT, 1981, p.256, tradução minha).

<sup>15</sup> O termo deposição, cunhado por Damato (1995), explica que a ilha da Martinica sofreu uma tripla supressão: espaço, história e língua. Esta tripla perda que acometeu a ilha implicou grandes problemas para seus habitantes. Sobre isto a autora explica: **DEPOSSessão DO ESPAÇO:** O caribe teve uma total substituição de sua população local, muito se deve ao massacre da população indígena. Todos os habitantes das Antilhas Francesas descendem de pessoas oriundas de outros continentes, conseqüentemente, todos os antepassados tiveram uma relação de estranhamento com a terra. **DEPOSSessão DA HISTÓRIA:** Para Glissant o que chamam de história da Martinica são eventos decididos na MetrÓpole que estão atrelados a vida na Colônia. **DEPOSSessão DA LÍNGUA:** Cada colonizador que chegava às novas terras apresentava um tipo de procedimento, com uma língua e cultura.

Este trabalho interessa-se, igualmente, em apreender o processo criativo do autor, acreditando ser importante destacar a forma de leitura que suas produções posteriores à obra *Le Lézarde* realizam de sua própria comunidade e país, ao posicionar-se frente aos dilemas identitários vivenciados por aquela coletividade, em luta pelo reconhecimento das diferenças frente ao sistema opressor francês.

Na sua perspectiva, Glissant procurará, ao longo de suas produções, reler diversos mitos que cercam o homem negro martinicano, tais como a sua relação com a sociedade, a sua relação com a história particular e a oficial. Sendo assim, Figueiredo (1998) afirma que tanto as obras teóricas, como as obras romanescas do autor, operam com um universo de representações dos negros. O poeta, autêntico e sensível a Relação do mundo, é propagador de uma linguagem que se propõe crioula, mas também barroca e opaca, desenvolvendo objetivos políticos e culturais descolonizadores sob procedimentos transgressores da estética e da literatura. Sua linguagem crioula, através do código oral das culturas negras, africanas, antilhanas, confronta valores que nutrem o pensamento metafísico ocidental, ao estabelecer uma teoria que se opõe ao pensamento do sistema corrente, indo ao seu oposto, em busca do pensamento dialógico pós-colonial.

Os romances *La Lézarde*, *Le Quatrième Siècle*, *Malemort*, *La case du Commandeur* e *Mahagony* consistem na representação dos mesmos personagens e temas, mas todos em uma busca obsessiva pelos povos que compõem da ilha, sua diáspora e seu pertencimento, porque para o autor, “Aquilo que petrifica, na experiência da deportação dos africanos nas Américas, é sem dúvida o desconhecido, enfrentando sem preparação nem desafio.” (GLISSANT, 2011, p. 17), assim:

A terra das Antilhas não podia tornar-se território, mas sim terra rizomada. Sim, enquanto absoluto enraizado a terra da Martinica não pertence nem aos descendentes africanos deportados, nem aos bekês, nem aos hindus, nem aos mulatos. Mas aquilo que era uma consequência da expansão europeia (o extermínio dos pré-colombianos, a importação de populações novas) é precisamente aquilo que funda uma nova relação com a terra: não o absoluto sacralizado de uma posse ontológica, mas a cumplicidade relacional (GLISSANT, 2011, p. 142).

A deportação dos negros para as Américas, narrativa iniciada na obra *La Lézarde* (1997), expõe dores, feridas e evidencia a diáspora preenchida pelo medo do desconhecido, no enfrentar sem preparação dos desafios impostos. De acordo com Zana Itiunbe Akipagu, em *Les D.O.M em question La Lézarde d'Édouard Glissant ou La lutte des jeunes contre la départementalisation* (1997), o autor se esforça para reconstituir o imaginário coletivo de histórias plurais, através da memória de seus personagens, como o *quimboiseur*, por se

considerar, e considerar seu povo, um conjunto de contradições no cruzamento de culturas e assimilações (in)conscientes; que como resultado engendra o que se chama de identidade diversa; (re)afirmando o direito à diferença dentro da mistura de raças, costumes e saberes.

Ao longo das produções do poeta, observa-se, a partir do *Dossier sur Édouard Glissant* et *Le Discours Antillais* (1983), que a quantidade de romances escritos é “equivalente” a quantidade de suas produções teóricas: produzir, na concepção do intelectual, não se explica como uma forma de ganhar o dinheiro necessário para o seu sustento. O que deve ser colocado em destaque aqui é o exercício da construção de sentidos pelas diferentes formas de arte (teatro, romance, novela, teoria etc.). Trata-se, para Glissant, do reconhecimento e da importância da literatura como espaço de reivindicação e de trabalho com a ficção sem, no entanto, desvincular o lugar próximo à realidade. É esta uma visão que leva o autor a agrupar em seus temas romanescos uma sintonia com seus textos teóricos.

Glissant sempre demarca a figura emblemática dos heróis negros revolucionários que proclamam a independência das colônias. A narrativa do romance *La Lézarde* (1997) – objeto desta pesquisa – relata a saga de libertação do povo negro martinicano e evidencia a alteridade no sentido da solidariedade entre os povos. Um dos grandes objetivos de Édouard Glissant é, para Damato (1995) e Figueiredo (1998), evidenciar as consequências do ciclo marítimo, cedendo espaço para uma representação histórica plural, cujo principal desdobramento literário reside na simbiose da terra, floresta, montanha, rio e mar, fundamentando todos os atos de sua(s) fala(s) devastadora(s) e salvadora(s).

Figura emblemática das Antilhas, vítima de complicações cardíacas, o escritor martinicano morreu em 3 de fevereiro de 2011, em Paris, aos 82 anos de idade; e deixou, através de suas produções, um legado de reivindicações cuja noção de identidade múltipla dialoga com sua definição do Caribe: como um arquipélago onde habitam Africanos, Europeus, Ameríndios e Orientais. Édouard Glissant postula a identidade como uma visão geopolítica, dissociando-se da definição epidérmica e étnica da Negritude e contra a ideologia ocidental, apontando a complementariedade dos sujeitos pelo Hibridismo, pela Crioulização e pela pluralidade, afinal a reprodução de seu pensamento, acerca de sua produção artística, não visa criar um vínculo estreito entre a sua obra e aquilo que ele quis expressar. Antes, ela aparenta apresentar a forma como o artista vê sua inserção no mundo, enquanto negro, no contexto histórico e social particular da Martinica.

#### 1.4 LA LÉZARDE, UMA NARRATIVA DA DESCOLONIZAÇÃO

Glissant faz de seus escritos um rito da vida e da morte, de declinações e de inclinações. No que se refere à obra *La Lézarde*, trata-se de uma criação romanesca que tem como centro a pequena cidade de *Lambrianne* – uma representação ficcional da cidade de *Lamentin*, lugar no qual o escritor viveu uma parte da infância. O termo que dá título à obra é, na verdade, o nome de um rio que flui no centro-oeste da Martinica, cuja representatividade se dirige aos povos da travessia, em seu sentido de descoberta de território e de extravio de povos, ao horror do tráfico e a união entre a montanha e o oceano, uma referência consciente dos obstáculos históricos e identitários do passado e do futuro do povo da Martinica.

*La Lézarde* (1997), uma obra feita da soma das partes, foi escrita após períodos de grande relevância para o cenário global: a Segunda guerra mundial, conflito militar que durou de 1939 a 1945 e envolveu a maioria das nações do mundo, também marcada por ataques contra civis (Holocausto), foi considerada o conflito mais letal da história da humanidade; a Declaração universal dos direitos do homem aprovada pela ONU, que teve instalado em 1948 como artigo primeiro a defesa de que “todos os homens humanos nascem livres e iguais em direito”, foi uma promoção de paz e democracia. Após a guerra, o mundo esteve dividido em duas zonas de influência, uma capitalista e outra comunista (a Guerra Fria); neste segmento, abalados com os resultados das barbáries e disputas, dirigentes das altas potências estabeleceram aspectos para a futura paz mundial, delineando direitos humanos básicos pautados em bases ideológicas.

Esses posicionamentos de luta e respeito são inseridos por Glissant no romance por meio de ações de seus personagens. Ora são desejados combates sangrentos que retirem de seus caminhos aqueles que o interferem, ora são incitados enfrentamentos pacíficos que instaure uma luta ideológica. A ficção é iniciada com a (re)territorialização dos personagens centrais *Thael* e *Mathieu*, o primeiro deixa sua casa, o segundo retorna do encontro com o *quimboiseur Papa Longué*, na qual ambos saem da obscuridade de seus conhecimentos limitados. Os jovens caminham em direção à cidade para juntar-se ao movimento eleitoral incitado por líderes partidários que almejam a libertação da Martinica, após o isolamento provocado pela guerra “Mathieu et ses amis avaient propagé la doctrine des libérés, sans vouloir se limiter (ansi pensaient-ils) aux cadres d’un parti. Pieds nus par bravade, endimanchés par goût de l’insolite, (...). Le peuple, prompt à juger, accordait son

indulgence.”<sup>16</sup> (GLISSANT, 1997, p. 19). *Gilles, Luc, Michel e Pablo* articulam em meio a praça pública palavras de incentivo e evidenciam a agitação frente as tentativas da metrópole para reprimir as ações do grupo. O governo francês, em repressão às movimentações de *Lambrienne*, designa a missão de conter a agitação ao oficial *Garin*, um antigo morador do país renegado por todos em função de seu histórico criminal de atos violentos. É em meio ao discurso do representante, expondo sua paixão pela França e posição contrária a reivindicação independentista dos jovens, considerada por ele um ato de loucura, que *Mathieu* vê pela primeira vez sua amada *Valérie*, uma jovem tímida que estava na cidade em função da agitação do dia, acompanhando uma pessoa de mais idade; no entanto, o jovem acredita que não pode se dispersar dos objetivos da luta que se inicia ali e nada faz ao vê-la passar. *Thael* é apresentado a *Mycéa* como o conhecedor das velhas lendas, e por ela logo se encanta. Em seguida, o negro da montanha conhece *Myrta*, uma jovem que se isola em sua tradição e faz sérias críticas a *Mathieu* por inserir diversos negros em sua pesquisa sobre a história da região. Demais personagens surgem em apoio e em oposição à batalha travada com vista à independência da ilha, que resulta em vitória para a juventude independentista. Cabe ressaltar que, a primeira obra de Glissant ainda está aprisionada a romantização, na qual a luta é travada, mas também se inscreve uma atmosfera de amor; ideia considerada por muitos críticos como horizontalidade romanesca.

Em linhas gerais, no primeiro capítulo, intitulado *La Flamme*, o grupo de jovens – *Mathieu* (caracterizado como historiador), *Myrta* (portadora da tradição e costumes afros, por conseguinte descendente direta de escravos e representante do primeiro século negro da ilha), *Gilles, Pablo, Margarita, Mycéa, Thael* (este descrito como morador das montanhas, portanto o negro marrom) etc. – organiza as primeiras eleições da cidade de *Lambrienne*: o primeiro grande ato político em busca de designar um representante do povo, contrapondo-se ao grupo de jovens que defendem a dependência à França. Diante desta movimentação, o governo francês envia à Martinica o oficial *Garin*, com a clara intenção de reprimir as ações dos militantes. A decisão do grupo para resolver o problema com o agente toma o caminho da violência, destinando a tarefa do assassinato, que não se concretiza, ao personagem *Thael*, por acreditarem ser a resposta violenta seu primeiro ato de liberdade.

O segundo capítulo, denominado *L'Acte*, o personagem *Thael* vai até a casa de *Garin*, construída as margens da nascente do *La Lézarde*, e juntos percorrerem o curso do rio, ambos

---

<sup>16</sup> Mathieu e seus amigos propagaram a doutrina das liberdades, sem querer se limitar (assim pensavam eles) aos quadros de um partido. Pés nus por bravura, suportados pelo sabor do incomum(...). O povo, rápido para julgar, acordou sua indulgência. (GLISSANT, 1997, p. 19).

expondo os méritos de suas ações, discutindo, em suma, a oposição entre tradição e lucro. Em paralelo a este acontecimento; *Mathieu* continua as reuniões eleitorais e prossegue com suas visitas ao *quimboiseur Papa Longoué*, este que, ao se encontrar em seus derradeiros dias de vida, narra pela última vez o trajeto dos novos protagonistas da história, no entanto a obra não descreve as histórias transmitidas ao historiador, apenas insinua que ensinamentos estão sendo transmitidos ao jovem. Seguindo a trama, *Garin* e *Thael*, ao chegarem ao nascedouro do rio, fazem o percurso de volta em um barco que termina por naufragar, levando ao afogamento do agente *Garin*. Diante da morte do oficial, *Thael* passa a ser interrogado pelo policial *Tigambá*, sendo salvo apenas pelo testemunho de *Lomé*, um morador que, ao viver nas margens do rio, assistiu toda a cena e desta forma pode atestar a inocência de *Thael*.

O terceiro capítulo, *L'Éclat*, trata da representação romantizada da ilha através da história de amor dos personagens *Mycéa* e *Thael*, e do desejo de se concretizar uma relação entre *Mathieu* e *Valérie*; mas os jovens apaixonados não escapam das mazelas da vida: no primeiro casal o sofrimento vem pela fatal morte da companheira, vítima do ataque dos cachorros de seu parceiro, e no segundo, *Mathieu* sofre diante do distanciamento de sua amada. Ao fim, após a vitória eleitoral, ocorre a separação da juventude revolucionária que retorna a sua vida cotidiana, mas antes optam por propagar as histórias de resistência do povo negro martinicano, tarefa destinada à *Mathieu*.

Em síntese, a obra dá início à saga de reconstituição histórica do mundo negro martinicano, reconhecendo as sequelas a serem vencidas e a necessidade de que ocorra o despertar de um povo e de um país, guiado pelo tom revolucionário logo nas primeiras páginas, quando o narrador afirma:

Mais la terre de Lambriane avait revendiqué une sorte d'autonomie. Ses habitants étaient fiers de leur nouveau représentant: une éclante habileté à l'art du discours, la force elliptique de ses formules, leur poésie à la fois sombre et mystérieusement évidente, cette manière de soleil qu'il prodiguait (disait-on) à chacune des réunions qu'il organisait, sa renommée déjà portée bien au delà des frontières de la Province, contribuaient à en faire un demi-dieu; (...).<sup>17</sup> (GLISSANT, 1997, p.18)

Nessa suposta representação crítica a Aimé Césaire, um sujeito revolucionário, de bons discursos, e sua traição aos militantes libertários da ilha, um grupo estabelece um enfrentamento à metrópole e aos líderes que defendiam a departamentalização:

---

<sup>17</sup> (...) Mas a terra de Lambriane tinha reivindicado uma espécie de autonomia. Seus habitantes estavam orgulhosos de seu representante: uma habilidade cintilante na arte do discurso, as forças elípticas de suas formas, sua poesia por vezes sombria e misteriosa evidente, esta maneira de sol que ele emanava (eles disseram) a cada uma das reuniões que ele emanava, sua fama conhecida além das fronteiras da Província, contribuíam para torna-lo um semi-deus; (...).(Glissant, 1958, p. 18, tradução minha).

La politique était le nouveau domaine de la dignité. Par un accomplissement, une nécessité inexorable toute une génération avait abandonné la naïve crédulité des anciens, depouillé le vêtement de l'illusoire ressemblance, pour affirmer enfin que l'homme d'ici n'était qu'à sa propre semblance. Les mots prenaient dans ces bouches une saveur toute neuve: il y avait là du soleil, du rêve débridé, une passion de connaissance et la rage de ceux qui savent contre ceux qui oppriment.<sup>18</sup> (GLISSANT, 1997, p.19).

A juventude independentista de *Lambrienne* pretende assumir o controle de seu país para fazer frente as imposições francesas, propondo uma possível libertação das amarras que os prendem à metrópole; estes jovens instam um processo eleitoral para a escolha de um representante político que defenda seus direitos, opondo-se àqueles que se viam representados por meio de uma política acuada e de privilégios limitados.

Desta maneira, Damato (1995) acredita que *La Lézarde* (1997) instala novos tempos e ações transgressoras, convidando a comunidade a se tornar mais que espectadores: agentes políticos ativos de sua própria história. E de acordo com Akpagu (1997), os jovens descobrem as especificidades antilhanas preenchendo os espaços intervalares deixados pela metrópole.

Os jovens negros possuem também, a tarefa de resgatar a esperança no futuro e de identificar os caminhos e os meios de mudanças, atentos às injustiças sociais e as consequências da departamentalização; no entanto, a juventude libertária esbarra em posicionamentos contrários aos seus, sendo desafiados a, antes de lutar com ela, conscientizar a população de sua situação de dependência à França. Acreditando que a eleição e o direito ao voto lhes dá força, *Pablo*, presidente do Partido Popular, fala aos ouvintes presentes na praça da cidade, como descreve o narrador:

La réunion commence avec un orateur du parti. Importance du pays, non des misérables qui l'exploitent. Le temps est venu de n'avoir plus peur. Ils nous ont enfermés dans la mer comme des rats dans un cagibi. Mais nous avons fécondé le cagibi, avec notre sueur et notre sang. (...) La question est claire comme l'eau de roche. Il n'y a pas de séparation plus nette. C'est la pure féodalité. Accepterons-nous longtemps encore d'assister à ce spectacle - 153 - de leur indignité doublé du spectacle de leur impunité? Tous, soyons les militants de notre foi.<sup>19</sup> (GLISSANT, 1997, p.133)

<sup>18</sup>A política era o novo domínio da dignidade. Para uma realização, uma necessidade inexorável de toda uma geração tinha abandonado a ingênua credulidade dos antepassados, despindo da vestimenta de semelhante ilusão, para afirmar enfim que um homem daqui não era só sua própria semelhança. As palavras tomaram em suas bocas um sentido todo novo: não havia sol, o sonho desenfreado, uma paixão de conhecimento e a raiva desses que sabem contra esses que oprimem. (GLISSANT, 1997, p.19, tradução minha).

<sup>19</sup>A reunião começa com um orador do partido. Importância do país, não dos miseráveis que o exploram. Chegou o tempo de não ter mais medo. Ele nos bloqueou no mar como ratos em um cubículo. Mas nós temos fecundado no cubículo, com nosso suor e nosso sangue. (...) A questão é clara como água nascente. É esta a pura feudalidade. Aceitaremos nós ainda por longo tempo de assistir a este espetáculo de sua indignidade dobrada no espetáculo de sua impunidade? Todos, sejamos militantes de nossa fé. (GLISSANT, 1997, p.133, tradução minha)

O discurso proferido faz a leitura de uma das muitas feridas abertas: os negros foram retirados de suas terras e aprisionados a outra na qual tiveram que reaprender a trabalhá-la e nela viver. Neste despertar, *Pablo* convida a comunidade a refletir sobre suas marcas e aprisionamentos, a mudança de visão capaz de estabelecer o novo futuro e o enfrentamento ao medo cristalizado.

Em razão da sensibilização de seus princípios, a massa torna-se ativa e passa a lutar junto com a juventude, como declara *Thael* em conversa com *Mademoiselle Thélus e Rafael*:

- Ce ne sont pas les mêmes hommes, dit Thael. Ils n'intriguent pas, ils n'ont rien. Ils ont la force. C'est le peuple qui marche.

-Excusez-moi, mes enfants, je suis vive comme l'agent! Mais, Raphael, que veulent-ils?

Ils veulent vivre, ils veulent être dignes de leur vie"<sup>20</sup>. (GLISSANT, 1997, p. 186).

É possível perceber, na passagem acima, posicionamentos diferentes em relação à eleição de um representante. *Mme Thélus*, embora defensora do elo entre a Martinica e a França, interessa-se em saber dos jovens as intenções de suas ações, se abrindo ao que está além de si. Assim, começa-se a quebrar as correntes da injustiça, no momento em que a população reflete sua situação de dependência e percebe a necessidade de libertar-se da metrópole e das distorções coloniais.

Dentro desse quadro, a juventude e as massas representadas na obra vão de encontro ao estatuto político opressor, e conseguem, ao fim, constituir um partido opositor triunfante. Muito além do ato político, os jovens dão a si mesmos a tarefa de fazer o povo reconhecer a fonte de seu sofrimento, apontando o caminho da cura em defesa de seus direitos pessoais.

A busca pela autonomia histórico-identitária é conduzida pelos jovens, de forma a não causar um ódio entre o Caribe e a França, ideia esta que deve ser associada às condutas do próprio Glissant, cujos jovens representados na obra são porta-vozes dele; a voz do poeta atravessa a narrativa analisando a Martinica em suas sobreposições e injustiças, dividida entre dependência e assimilação. Ele, que não esconde sua dívida intelectual com a França, é grato à metrópole, no entanto, também compreende seu estatuto ambíguo de filho e estrangeiro de um mesmo lugar. Na sua narrativa, Glissant empresta suas próprias opiniões sobre o processo de departamentalização aos jovens, na tentativa de assegurar aos negros martinicanos, e a todo povo antilhano, a “*Liberté, Égalité, Fraternité*”, como discorre o narrador:

---

<sup>20</sup> -Estes não são os mesmos homens, diz Thael, eles não intrigam, eles não têm nada. São pessoas que caminham. / - Me desculpem, minhas crianças, eu estou viva como o agente! Mas Rafael, o que eles querem? / - Eles querem viver, eles querem ser dignos de sua vida” (GLISSANT, 1997, p. 186, tradução minha).



Ils réclament une nouvelle organisation des ressources, ils veulent qu'on fasse des cultures vivrières, qu'on abandonne le système des "habitation" qui permet d'emprisonner à vie un ouvrier agricole, sans qu'il puisse partir ailleurs; ils exigent les mêmes droits pour eux que pour les hommes du Centre, et un plus grand pouvoir pour les élus locaux. On remarque une certaine opposition dans ce parti, touchant la question des rapports avec le Centre."<sup>21</sup>(GLISSANT, 1997, p. 132).

O narrador, muito além de demarcar a reivindicação do povo martinicano, denuncia o sistema "escravocrata" em sua nova roupagem: aprisionar trabalhador em sistemas desumanos de exploração e povos em alienações de si. Os jovens também querem seus direitos trabalhistas e culturais, reconhecendo-se em uma cultura outra que não a francesa.

A vitória da juventude parece querer demarcar a crença de Glissant frente ao novo tempo. Denis R. Pra (2012) afirma que, *La Lézarde* (1997) é um romance tomado pelo desejo de libertação do povo negro martinicano, por meio de uma história de resistência contra o processo colonizador, além de toda forma de assimilação política; tudo isto com vista a evidenciar que as Antilhas devem prosseguir na busca por seu espaço, sua(s) identidade(s) e lutar contra a colonização cultural.

*Mycéa*, descendente de escravos que se resguarda na tradição puramente africana, expressa:

Non, non, la semence est jetée, d'autres viendront après nous qui seront plus savants; mieux organisées. Je ne crois pas beaucoup à ces élections. Avont-nous choisi de voter? Sur ce mode-là, précisément? Non. A dire vrai, je suis contre toute cette politique de bulletins. Et le fond, l'âme, la nécessité?<sup>22</sup>(GLISSANT, 1997, p. 150).

A personagem não acredita nos procedimentos franceses e se mantém fiel às tradições africanas, supondo não a estereotipização da emoção sobre a razão e sim a retomada da alma, de uma alma africana carregada de costumes. Esta personagem representa, para Glissant, o retorno às origens, cuja identidade remete a África (unificada). Os jovens, lúcidos de que a luta não será fácil e de que a ação política não é suficiente para reverter séculos de "estagnação", mesmo diante da vitória nas eleições, mantêm seu olhar mais adiante, pensando poder desfrutar da independência em um tempo futuro; o personagem historiador, *Mathieu*,

<sup>21</sup> Eles exigem uma nova organização de recursos, eles querem que cultivemos culturas alimentares, que se abandone o sistema de "habitação" que permite aprisionar a vida de um trabalhador agrícola, sem que ele possa ir a outro lugar. Eles exigem para eles os mesmos direitos dos homens do Centro, e um maior poder para os eleitos locais" (GLISSANT, 1997, p. 132, tradução minha).

<sup>22</sup> "Não, não, a semente é lançada, os outros que virão depois de nós serão mais sábios; mais organizados. Eu não acredito muito nessas eleições. Nós escolhemos votar? Neste modo, precisamente? Não. Para dizer a verdade sou contra toda essa política de boletins informativos. E o fundo, a alma, a necessidade?" (GLISSANT, 1997, p. 150, tradução minha).

prevê, no final da obra, a necessidade temporal de duas décadas para se chegar à libertação total.

A departamentalização, denuncia a assimilação cultural, histórica e identitária, registrada na obra é sinônimo de dominação, desigualdade e intimidação; assim, a estratégia eleitoral adotada na narrativa é a de denunciar a “farsa” departamental, facilmente perceptível nas injustiças e deficiências das autoridades metropolitanas.

Glissant segue enfrentando a resistência do povo e a opressão dos governantes, por meio de uma ação “oral”, que se sustenta na dinâmica da violência pela violência; é neste sentido que a violência instada pela juventude deve ser entendida, como resposta a um choque violento entre colonizador e colonizado, evidenciando que o indivíduo dominado (sobre)viveu em uma atmosfera dura.

Reconhecido o significado do envio do oficial *Garin* à cidade, os jovens decidem por matar este representante do poder colonial, como orgulhosamente enfatizado por ele próprio, “Pas, trop mal, monsieur. Je représente la loi. Et vous ne pouvez pas m’accuser sans vous acuser, vous.”<sup>23</sup> (GLISSANT, 1997, p. 97). Este agente, personagem odiado e hostil, está ali para subjugar as ações progressistas daqueles jovens; sua morte simboliza também a morte da neocolonização e o fim da desunião entre as massas; em virtude da separação existente, como resultado da situação política da ilha, entre independentes e assimilacionistas, representando dois lados de um mesmo lugar: aqueles que se veem silenciados pelo sistema opressor e aqueles cuja francesidade lhes é suficiente; no entanto, neste trabalho optou-se por uma abordagem analítica sob a ótica dos jovens que lutam pela independência de seu país e de seu povo.

Seguindo a linha de raciocínio de Cilas Kamedjio, em seu artigo *Antilhanite et polyphonie dans La Lézarde d’Édouard Glissant*<sup>24</sup>, a Martinica deriva de um mar que une e separa passado, presente e futuro, transporta e distancia povos, liga continentes e fecha arquipélagos. Logo, a cidade de *Lambrianne* surge, na obra *La Lézarde* (1997), como ligação entre fronteiras nacionais, históricas, identitárias, culturais e linguísticas.

Glissant tem no rio *La Lézarde* seu eixo maior, um elo entre geografia e símbolo: o rio que atravessa as montanhas até chegar ao mar traz consigo as memórias coloniais que precisam ser superadas e as memórias negras que precisam ser reconhecidas. Sobretudo, este rio é um eixo afetivo, afinal, foram às suas margens que a comunidade martinicana floresceu.

---

<sup>23</sup> “Não, muito ruim, senhor. Eu represento a lei. E você não pode me acusar sem vos acusar.” (GLISSANT, 1997, p. 97, tradução minha).

Desta forma, as memórias da cidade de *Lambrianne* encontram-se submersas nas suas águas, um rio que é marca das lutas passadas e das que virão. Os personagens veem ali seus destinos cruzados, seguindo suas águas que oscilam entre a reconciliação e a confrontação entre povos, porque nesta história, a representação do negro revela o diferente, na separação entre o vivido e o imposto.

O primeiro romance de Glissant é, de acordo com Cilas Kemedjo (sd), uma escrita polifônica, uma inserção de diversas vozes, um jogo entre o óbvio e o mistério. A narrativa é conduzida a partir de uma tentativa de (re)apropriação do espaço, da história e da(s) cultura(s) caribenha(s) oprimida(s) pelo processo de colonização, evidenciando a(s) identidade(s) marcada(s) pela abertura cultural, geopolítica, etc.

As principais conquistas do *La Lézarde* (1997) são a apropriação do espaço, da memória coletiva e a formação de identidades que se ligam a terra, isto por que:

O africano deportado não teve oportunidade de manter, de conservar essa espécie de heranças pontuais. Mas criou algo imprevisível a partir unicamente dos poderes da memória, isto é, somente a partir dos pensamentos do rastro/resíduo, que lhe restavam: compôs linguagens crioulas e formas de arte válidas para todos [...] o pensamento do rastro/resíduo me parece constituir uma dimensão nova daquilo que é necessário opormos, na situação atual do mundo, ao que chamo de pensamento de sistema ou sistemas de pensamento (GLISSANT, 2005, p.20)

Com efeito, se nota no romance que os personagens buscam, através de suas ações, o acesso ao conhecimento e a consciência de si mesmos. A juventude do romance representa a esperança de gerações, configuradas na figura do *quimboiseur Papa Longoué*, figura que une o velho e o novo, o vivido e o sonhado.

À medida que os negros martinicanos se aproximavam da comunidade branca, na tentativa de viver seus costumes e hábitos, colocavam a cultura negra à parte, um processo de ganhos e perdas dado na assimilação da cultura do outro. A relação dos negros da Martinica com a França é entendida, dentro da narrativa, em dois momentos distintos, o primeiro quando os personagens não se dão conta de que a cultura francesa foi imposta em um processo de assimilação, o segundo quando se percebem dentro de uma natureza apática, mas logo seguida do clamor por uma tomada de consciência em busca de se afirmar uma cultura outra.

Figueiredo (1998) discorre que o processo de afirmação da identidade martinicana se deu através da língua crioula, quando na década de 80, alguns escritores colocaram em evidencia o crioulo enquanto língua falada e escrita, e o papel que esta desempenha como meio de (re)construção cultural. Neste segmento, é possível afirmar que há, portanto, uma

enorme valorização a tradição oral, um dado que faz da oralitura a bandeira martinicana; a qual por meio dela se pôde evidenciar a produção cultural do negro da ilha.

A relação entre o oral e o escrito é a saída da segregação entre literatura oral e literatura escrita encontrada pelos autores antilhanos (FIGUEIREDO, 1998), e isto posto, o *La Lézarde* surge para destacar a história oral negra martinicana no campo da escrita. O momento da oralidade no romance, que vale ressaltar se tratar de uma questão pontuada com mais destaque no *Le Quatrième Siècle* – obra que delinea, basicamente, as conversas entre o *quimboiseur* e o historiador no narrar das histórias ocultas – tem um aspecto marcante de reclusão; em representação aos tempos coloniais em que os escravos, após os trabalhos na lavoura, se reuniam para contar suas histórias. Este é um movimento de reprodução da memória coletiva cuja finalidade é a de fortalecer e implantar autoconfiança na (re)constituição de valores culturais negros, durante muito tempo silenciados; a marginalização da cultura negra impediu a compreensão da realidade multicultural da Martinica, tendo em vista que a imposição da cultura francesa gerou como consequência, a quase extinção da cultura popular local.

Neste contexto, os personagens da obra sofrem as inconstâncias da sua época e de sua identidade cultural, diante de seu passado histórico distorcido, cuja tentativa de influenciar o curso histórico da Martinica é, antes de tudo, uma tentativa de libertação de um país e de um povo ameaçados por problemas internos e externos. *Mathieu, Thael* e seus amigos aparecem na primeira cena reivindicando um representante local, clamando por independência e representatividade negra, por que:

Glissant souhaite une histoire dans laquelle le peuple martiniquais tient un rôle déterminant. Pour cela, il crée, selon une expression d'Alain Ménil, une « contre-Histoire » et utilise des références subtiles à la Révolution française, acte fondateur de la France moderne, pour écrire l'histoire d'un acte fondateur, celui de la Martinique et des Antilles modernes.<sup>25</sup> (DENIS, R. PRA, 2012, p.57).

O pensamento glissantiano “despreza” as marcas culturais africanas, francesas etc., mas só enquanto fechamentos e unicidades, sendo possível reconhecer nisso, as marcas iniciais do que mais tarde veio a ser conhecido como a Poética da Relação.

---

<sup>25</sup> Glissant deseja uma história em que o povo martinicano tenha um papel determinante. Para isso, ele cria segundo uma expressão de Alain Ménil, uma “contra-história” e utiliza referências sutis da Revolução Francesa, ato fundador da França moderna, para escrever a história de um ato fundador, este da Martinica e das Antilhas modernas. (DENIS, R. Pra, 2012, p.57, tradução minha).

Retomando a figura do *quimboiseur*, a palavra de *Papa Longoué* é marcada com ações típicas do que vem a ser o seu importante papel, ao pensar que ele carrega a responsabilidade de proteger seu povo através de previsões e na antecipação de acontecimentos que podem fornecer meios para que seu povo enfrente as opressões; em um esforço grandioso para descobrir os rizomas de uma identidade diversa. Ao resgatar a memória, Glissant opta por uma visão política do colonizado sobre o embate entre cultura ocidental e cultura negra. *Mathieu*, um historiador formado na metrópole, não cai na armadilha assimilacionista da educação branca, que só lhe ensina a história de vitórias do colonizador, no sentido contrário, o jovem procura na memória do *quimboiseur* os segredos da ilha; uma subjetividade desenvolvida por Glissant para demarcar que o conhecimento também está em outros lugares e que histórias plurais constituem a Martinica.

Na obra *La Lézarde* há apenas um herói: o negro, um indivíduo que ainda luta para conquistar seu lugar. No entanto, nela não há vencidos e vencedores, há a busca pela equidade, ou seja, igualdade com justiça entre brancos e negros; o autor desenvolve um desfecho narrativo que finda em conflito aberto, por meio do qual opressores e oprimidos continuam uma luta latente. Sua obra é uma cerimônia social, uma (re)escrita da história e uma celebração a diversidade.

Como discorrem Denival Venâncio Ramos e Márcio Araújo de Melo (2013), Glissant preenche o *La Lézarde* (1997) com um engajamento político desenvolvido sob o reconhecimento identitário; ainda que o autor tenha escrito a obra em uma temporalidade que referencia seu conceito de Antilhanidade, é possível perceber marcas iniciais, embora não definidas ou conceituadas, de uma Poética da Relação, levando os protagonistas a interrogarem não apenas de onde eles vêm, mas de quais relações resultam:

O que nos move não é apenas a definição de nossas identidades, mas também a sua relação com o todo possível: as transformações mútuas que esse jogo de relações gera. As crioulizações introduzem à Relação, mas não para universalizar; no seu princípio, regressaria às negritudes, às francidades, às latinidades, todas elas generalizantes. (GLISSANT, 2011, p. 89)

Assim, ao instar a constatação das diversas direções que trouxeram o negro até a Martinica, Glissant parece contrapor a busca pela origem, enquanto lugar único, tão forte no movimento da Negritude, assegurando a ideia da diversidade na composição da(s) identidade(s) martinicana(s). Com efeito, trata-se de implantar histórias que fazem uso da história oficial escrita pela França, para preencher as fissuras negras da ilha; são as vozes da

juventude que compõem as cenas de revolta e revolução no romance, no clamar de um novo olhar sobre si e sobre seu país:

Dis-leur que nous aimons le monde entier. Que nous aimons ce qu'ils ont de meilleur, de vrai. Que nous connaissons leurs grandes oeuvres, que nous les apprenons. Dis que nous disons là-bas le Centre, pour dire la France. Mais que nous voulons d'abord être en paix avec nous-mêmes. Que notre Centre il est en nous et c'est là que nous l'avont cherché. Que c'est cela qui nous donne parfois cette amertume, ce goût de la tristesse, cela, oui, toute cette lutte au fond de la nuit, avec le tam-tam qui flamboie em nous et nous crions pour aller, pour y battre. Mets le rytme, c'est notre connaissance à nous. Mets le rytme, déchiré ou monotone, ou joyeux ou lamentable...<sup>26</sup> (GLISSANT, 1997. p. 229).

A partir do supracitado se pode notar que, Glissant reconhece a contribuição francesa, tanto no âmbito colonial quanto no que diz respeito à sua educação, entretanto, o autor anseia pela autoconfiança negra voltada para o novo olhar sobre si mesmo. Sua ficção é a representação de uma busca “real”, implícita na juventude desejosa de instrumentos de libertação de seu povo e de mudanças sociais no cenário mundial, falando de pessoas que sonham com a independência e a autonomia de seu próprio país.

Por sua vez, a geografia assume um importante papel na obra *La Lézarde* (1997), Denis R. Pra (2012), no subtópico, **De la montagne à la plaine: un cheminement symbolique pour une réécriture de l'histoire martiniquaise**, a paisagem martinicana é abordada como o primeiro símbolo da reescrita da história do povo negro; o geopolítico, é na obra, um campo variado de extensão potencial que denuncia focos de interesses diversos que acometem o local, ligado à exploração de recursos e à circulação de corpos; a dicotomia entre planície e montanha emerge na literatura de Glissant como objeto de análise e cumpre a função estratégica de definições espaciais, críticas e políticas sobre a ilha e sua comunidade; uma análise que, segundo o pensador, é rejeitada pelo Ocidente, mas percorrida pelo realismo:

(...) o realismo soube desde o início tão bem percorrer: a posição das paisagens, a lição dos cenários, a leitura dos costumes, a descrição motivada das personagens. Aí quase nunca encontramos o relato concreto dos factos e dos gestos, mas, em contrapartida, deparamo-nos com a evocação simbólica das situações. Como se esses textos se esforçassem por esconder sob o símbolo, por dizer, não dizendo. (GLISSANT, 2011, p.71)

<sup>26</sup> “Diga-lhe que nós amamos o mundo inteiro. Que amamos o que eles têm de melhor, de verdade. Que nós conhecemos suas grandes obras, que nós as aprendemos. Diga que nós dizemos lá o centro, para dizer a França. Mas que nós queremos estar paz com nós mesmos. Que nosso centro está em nós e é aí que nós vamos buscar. Que é isto que nos dá por vezes está amargura, esse gosto de tristeza, essa, sim, toda essa luta nas profundezas da noite, com o tam-tam flameando e chorando para ir, para ir lutar. Coloque o ritmo, é o nosso conhecimento de nós. Coloque o ritmo, rasgado ou monótono, ou alegre ou lamentável...”.(GLISSANT, 1997, p. 229, tradução minha)

Assim, a geografia da ilha, lida a partir da paisagem, é o coração do primeiro romance e da poética glissantiana, por meio da qual ele compreende as histórias plurais:

Mais uma vez, contra a convenção de uma paisagem-cenário falsamente legitimadora, as obras surgidas nesses países conceberam inicialmente a paisagem como implicada numa história, tornando-a personagem falante. (GLISSANT, 2011, p.74).

Nesse sentido, para pensar a geografia da Martinica dentro da obra *La Lézarde* (1997), assim como de outros países colonizados, em especial no espaço da América Central, é preciso centrá-la em diversas imagens: planície, montanhas, mar, vento. Tais representações, embora diferentes, se imbricam de forma a resultar num conjunto heterogêneo de fissuras existenciais e físicas que altera os imaginários, as línguas, e a própria leitura da paisagem; em uma constante comunicação entre diferentes aspectos – materiais e imateriais. A partir do romance, é possível fazer a releitura de limites geográficos e espaciais definidos e que permitem o trânsito de novas histórias: na montanha se esconde o mundo marrom, o vale conserva as cicatrizes dos escravos e da plantação, a praia representa o espaço social, a planície denuncia os efeitos da colonização. A paisagem é, antes de tudo, a realidade vítima da condução política que atravessava os espaços francófonos das Antilhas.

Com efeito, a poética da paisagem de Glissant, lida a partir de Damato (1995) como uma espécie de problemática do lugar e lugar de memória, possibilitando um regresso aos primórdios em busca do rastro africano e de outros povos que ali estiveram, permite que a(s) voz(es) negra(s) se faça(m) ouvida(s) e que se dê a (re)leitura histórica que recupera o silêncio imposto pelo discurso colonial ao escrever o não-dito; críticos caracterizaram esta estratégia como escrita genealógica<sup>27</sup>, por meio da qual Glissant mostra a convergência das histórias das ilhas caribenhas como dimensão transversal dos povos, na oposição entre unicidade e diverso, opacidade e fragmento.

Cabe frisar que, essa leitura dos espaços geográficos fundamenta-se na base do pensamento glissantiano na ideia de arquipélago, termo que leva em conta a formação geográfica para (re)territorializar aspectos morfológicos como terra, água, em uma tentativa de instalar um novo circuito geocrítico; Glissant considera que o arquipélago é um espaço pluridisciplinar e (des)territorializador. No entanto, assim como a noção de criouliização, o

<sup>27</sup> De acordo com Foucault (1978), o trabalho genealogista não se pauta no absoluto, fundamenta-se no saber e no poder de coisas que se constroem e se reconstroem, é polifônico, e produz história a partir dos percursos acidentais, analisando as condições específicas dos acontecimentos. Nele, a certeza das evoluções lineares é abandonada, dissolvendo a ideia de verdade única e pura dos começos, fugindo das claras evidências, apreendendo apagamentos e tudo aquilo que foi obscurecido por conhecimentos impostos como definitivos e únicos. Nesse sentido, não se encontra a identidade inédita, preservada na origem, mas seus desvios acidentais.

autor não teve preocupação de definir o que ele chama de arquipelização ou de pré-estabelecer um rigor científico ao termo; trata-se, contudo, de pensamentos arrebatadores, de harmonia e conflito, em busca de uma presença sempre inibida.

De fato, a opressão ocidental alcançou espaços ultramar criando mitos, produzindo castrações, estabelecendo superioridades e inferioridades que perduram no tempo e no (in)consciente, mantidos no pensamento de povos colonizados. Mas indo no sentido contrário, o autor ocupa-se no *La Lézarde* (1997) em rejeitar o passado martinicano em que toda história é constituída sobre eventos exteriores ao Caribe, e cede espaço para a escrita de histórias em que o negro martinicano tem papel ativo e determinante na elaboração de uma nova história coletiva.

É possível perceber na obra a abordagem a uma juventude consciente de sua situação, jovens negros que buscam uma autonomia nacional, que ao fim “Ce ne sont pas les mêmes hommes (...) C’est le peuple qui marche (...) Ils veulent vivre, ils veulent être dignes de leur vie”.<sup>28</sup>(GLISSANT, 1997. p. 186-187), uma afirmação do narrador, sem no entanto, causar ódio entre a metrópole e a ilha.

A polifonia da obra também permite arriscar que *La Lézarde* é perpassada pela voz do próprio autor, uma voz que analisa a sociedade franco-caribenha, que expõe as injustiças e hierarquias, emprestando aos seus personagens suas opiniões e desejos, escrevendo um fim em que os jovens revolucionários alcançam a vitória, tornando-se precursores dos novos tempos, cujo desejo de atuação é uma espécie de visão profética determinada pelo otimismo do próprio Glissant. E mesmo diante do resultado das eleições, os personagens não se deixam levar pela vitória, sabendo que muito ainda deve ser feito, reconhecendo, mesmo diante das movimentações, que outras mudanças devem ser implantadas na mentalidade da população antilhana. A ação dos jovens condiciona a percepção de que a movimentação política, de forma isolada, não é suficiente, porque antes, é preciso enfrentar o medo e a insegurança de um povo que sofreu inúmeras violências.

A luta do romance é uma luta simbolicamente sangrenta que indica a coragem de eliminar toda opressão e toda ordem injusta, no qual o derramamento de sangue torna-se um ato redentor, uma espécie de sacrifício para a liberdade; em suma, a violência como uma espécie de representação literária dos efeitos coloniais.

*La Lézarde* (1997) também pode ser visto como um questionamento à departamentalização, espécie de estrutura organizacional responsável por toda dominação

---

<sup>28</sup> “Estes não são os mesmos homens (...) Este é o povo que anda (...) Eles querem viver, eles querem ser dignos de sua vida”. (GLISSANT, 1997, p. 186-188).



estabelecida na imposição cultural e histórica francesa, em detrimento de uma padronização identitária não compartilhada. Os jovens personagens negros são semeadores de ideias, desempenham papéis heroicos, eles são, como demarca o narrador, “(...) ce peuple veut être différent, il veut sa place au soleil, il veut être défenseur de la liberté”<sup>29</sup>(p.178), pessoas que evocam uma era de esperança e a justiça social para com o negro antilhano; ainda que suas ações não alcancem a independência.

Figueiredo (1998) acredita que Glissant, através de seu primeiro romance, denuncia os mitos literários – principalmente no que diz respeito à hegemonia e ao cânone – que foram transformados em História com H maiúsculo, além dos modelos utilizados como medidores de valores e identidades; e que indo na contra mão destes, por fim, propõe identidades de base em um modelo civilizacional fundado na diversidade cultural e linguística. O autor exerce, por meio do romance *La Lézarde* (1997) e outros escritos seus, uma força poética de atração contida em mensagens que dissolvem as evidências coloniais, reconstituem a(s) história(s) e revelam a diáspora dos povos negros que (sobre)vivem para além das memórias dolorosas colonialistas.

O homem negro, do *La Lézarde* (1997), reivindicador da redução à escravidão e sujeição ao regime colonial, se esforça para se libertar do julgamento europeu. Nesta obra, a luta é pela libertação e restauração da dignidade do povo negro, cujo começo também está ligado aos movimentos de Negritude e Antilhanidade. Mas o que interessa a este trabalho, na análise da obra, não é apenas a paisagem interpretada pelos narradores, mas, sobretudo, a leitura da paisagem em termos de identidade e relação com o outro, pensando em como os espaços da planície e da montanha apontam para a Poética da Relação e a Crioulização. Nabil Boudraa, em *La poétique du paysage chez Édouard Glissant*, alega que:

Le paysage présenté dans son œuvre, et dans *La Lézarde* en particulier, correspond justement à cet espace géographique qui s’avère autobiographique pour l’auteur. Cependant, ce n’est pas la description réaliste de ce paysage concret qui nous intéresse ici, mais plutôt une analyse de la poétique sous-jacente à cet espace<sup>30</sup>.(BOUDRAA, 2016, p. 30).

Como afirmado no fragmento acima, este trabalho não faz uma descrição da paisagem enquanto ambiente fiel, e sim uma análise poética implícita ao espaço da cidade de *Lambrianne*, ou seja, pensar em como esta paisagem pode ser interpretada.

<sup>29</sup> “este povo que quer ser diferente, ele quer seu lugar ao sol, ele quer ser defensor da liberdade” (GLISSANT, 1997, p. 178, tradução minha)

<sup>30</sup> A paisagem apresentada em sua obra, e no *La Lézarde* em particular, corresponde justamente a este espaço geográfico que se transforma autobiográfico para o autor. No entanto, esta não é a descrição realista desta paisagem concreta que nos interessa aqui, mas uma análise poética subjacente a este espaço. (Boudraa, 2016, p. 30, tradução minha)

Quando este trabalho, em um primeiro apontamento da obra glissantiana, resume sua escrita na ideia de falta ou ausência, se trata, na verdade, de falar sobre a falta de reconhecimento e da autonomia do povo e da cultura negra martinicana; surge daí a missão de sua obra: fazer emergir histórias e linguagens que possibilitem a recuperação da dignidade e da identidade daquele povo. Na necessidade de (re)constituir histórias martinicanas negras, o autor opta por não seguir o modelo ocidental de história, fazendo brotar da consciência coletiva narrativas escritas de linguagem pessoal e própria da região, cujo ponto de partida é dado justamente com a paisagem da ilha: “Notre paysage est son propre monument (...) C’est tout histoire,”<sup>31</sup>(GLISSANT, 1981, p. 21).

---

<sup>31</sup> Nossa paisagem é nosso próprio monumento (...). Isso tudo é história (Glissant, 1981, p. 21, tradução minha)

## 2 TRAMAS DE IGUALDADE E DIFERENÇA: IDENTIDADE RELAÇÃO

“No panorama atual do mundo, a questão capital é saber-se como ser um eu mesmo sem sufocar o outro, e como abrir-se ao outro sem asfixiar o eu mesmo.”  
(Édouard Glissant, Introduction à une poétique du divers, 1996).

O tema da identidade será discutido neste trabalho a partir das considerações expressas nas reflexões de autores como Édouard Glissant (2011), Stuart Hall (2001), Nestor Garcia Canclini (1995) etc., que compreendem a identidade e seus desdobramentos como um conjunto de significados em relação dialógica. Perpassando algumas revisões teóricas da literatura a respeito desse tema, este texto procura trazer para a discussão a concepção das identidades martinicanas além de outras ideias e problematizações, das quais não pode ser dissociadas. Nesse sentido, a proposta é uma passagem por contribuições teóricas julgadas importantes, de proximidade com o objeto e epistemologias do tema, por exemplo, a emergência do fenômeno globalização – objeto de estudo das ciências sociais – que ocupa uma função norteadora das identidades no período pós-colonial. É sabido que discutir o processo de globalização, norteador de identidades e tendências, é também referenciar os sistemas que localizam os sujeitos e as culturas em um determinado posicionamento, no qual o global é um espaço de múltiplas relações e fluxos.

A identidade é aqui observada a partir de diferentes prismas. Alguns pensadores percorrem a perspectiva da identidade pessoal, a nível ontológico e psíquico, outros envolvem a ideia da identidade sob a ótica coletiva ligada a sistemas culturais específicos. Tais perspectivas compreendem a identidade como uma formação cultural, que se conecta ao coletivo da mesma forma que ao regional e ao nacional. Assim, esta pesquisa não coloca as posições subjetivo e coletivo em oposição, por acreditar na forte relação entre elas no que diz respeito à vivência das identidades. No caso da Martinica, elas exercem uma interdependência nas suas funções sociais, salientando Glissant (2011) que não há como vivenciar a identidade plural se esta não for incorporada à identidade de cada sujeito.

Em busca de suscitar interrogações acerca da(s) identidade(s) martinicana(s) a partir do diálogo entre o romance *La Lézarde* (1997) e a obra teórica *Poética da Relação* (2011), de Édouard Glissant, enfatizar-se-á que, embora o autor produza uma literatura particularizada,

seus escritos remetem a um espaço comum, de duplos gestos e de movimentos abertos a uma existência híbrida e às identidades rizomáticas<sup>32</sup>.

Investigar a identidade crioula na obra *La Lézarde* (1997) é, antes de tudo, trazer à cena vozes silenciadas e posicionadas poeticamente como um “eu” múltiplo, apostar na existência da memória coletiva e na materialização da história oral que redesenha a trajetória histórica, e, por fim, territorializar um devir histórico contínuo. Assim, a identidade no romance em questão é o encontro das diferenças e ponto interseccional de memórias; este estudo avaliará como o conceito literário de Antilhanidade, considerado no contexto da obra romanesca glissantiana como o início do pensamento da Relação, trabalha para o progresso do homem negro martinicano de forma a identificar vestígios, do que posteriormente veio a ser denominado, de Crioulização. Rodrigues escreve que Glissant:

(...)desenvolve a ideia de uma “identidade regional”, a partir da observação dos traços comuns das várias culturas caribenhas. Elabora, assim, o conceito de “Antilhanidade”, confirmando a existência de uma cultura crioula que, apesar de diversa e sem consciência de si mesma, possuiria uma identidade própria. Para ele, o devir crioulo passaria por essa conscientização. (RODRIGUES, 2007, p.141)

Neste seguimento, André Ntonfo, em *L'Homme et l'identite dans le roman des Antilles et Guyane françaises* (1982), vê no romance *La Lézarde* (1997) a recusa de um destino imposto, cuja escrita participa daquilo que ele chama de consciência do inacabado; sua argumentação repousa sobre a ideia do deslocamento dos personagens *Thael* e *Mathieu*, do qual a ideia do inacabado torna-se elemento de estrutura do olhar e da consciência dos próprios personagens:

Ils campèrent, il n'y a pas d'autre mot, dans le feu souverain. Thael connaissait enfain la plaine, ses éblouissements lourds, l'inoccupation fertile des jours chauds. Ce qui travaille obscurément: la glaisse brûlante, les éclairs, et le desir, les mots, les mots (chaque fois que la conscience a avancé dans son fleuve d'enfer), et les silences éclatants pour étreindre la force en vous. Ce qui éblouit le plus: l'impalpable, sourde, mortelle ivresse des routes; le sentiment tout-puissant que voici l'orage s'avancer; la lutte sans détour entre le principe de cette aridité et l'accident de l'eau. *Le soleil qui brille et la pluie...* Thael découvrait en Mathieu la zone innommée, et torride, que chacun porte en soi, invisible pour soi. C'étaient les souffrances passées, les tournants impirs, et les défaillances: ce qui fixe déjà la solitude future.<sup>33</sup> (GLISSANT, 1997, p.26).

<sup>32</sup>Insistindo na ideia movimentada por Glissant de identidade rizomática, este trabalho esclarece que a noção de rizoma é uma linha de fuga dos pensadores franceses Gilles Deleuze e Félix Guattari, em Introdução: Rizoma, onde o termo é abordado como alternativa aos sistemas de pensamentos centralizados.

<sup>33</sup>Eles acamparam, não há outra palavra, no fogo soberano. Thael conhecia enfim a planície, seus pesos deslumbrantes, a inocupação fértil dos dias quentes. Este que trabalha obscuramente: a quentura brilhante, os raios e o desejo, as palavras, as palavras (cada vez que a consciência avançou no seu rio de inferno) e silêncios clareadores para compreender a força dentro de você. Isto que deslumbra o máximo: o impalpável, surdo, aborrecido e mortal das estradas; o sentimento pulsante que a tempestade faz avançar; a luta sem desvio entre o princípio dessa aridez e o acidente da água. O sol brilhante e a chuva ...

Para o narrador, houve uma espécie de estagnação negra na ilha advinda da barbárie europeia. O deslocamento de *Thael* faz com que ele se aproxime das memórias ignoradas, sinta as dores e feridas abertas em sua carne e reconheça a participação francesa na formação da ilha e, por conseguinte, em sua constituição enquanto sujeito crioulo. Assim, o romance é um projeto de conhecimento dado na relação com o outro, um dos temas fundamentais da escrita de Glissant, com a finalidade da eventual descoberta da pluralidade, digo, Relação; Na obra, é possível identificar uma narrativa que se propõe aberta para o futuro, um processo em realização que retira toda ideia de fechamento sobre si mesmo; daí a necessidade e a crença de poder falar também da poética da Relação na obra.

## 2.1 PARA ALÉM DA ANTILHANIDADE: O LA LÉZARDE SE CRIOULIZA

“Et nous avons besoin de la nuit. Je veux des verites qu'on ne peut que deviner. Peut-etre [avons-nous] besoin de nous tromper un peu, de mediter nos erreurs. Et il faudra revenir du cote de papa Longoue. Tout ce que nous avons oublie. L'Afrique. La mer. Le Voyage.”<sup>34</sup>

(Glissant, 1997, p.199)

Falar da identidade martinicana, dentro do romance *La Lézarde* (1997), evoca não apenas a compreensão do conceito, mas também problematizações ligadas à questão; para tal reflexão é necessário compreender um espaço de mudança em que coabitam o tradicional e o moderno, a comunidade e a sociedade, em que não há anulação do antigo para substituição, mas um contexto que permite a ocupação do mesmo espaço por diferentes temporalidades:

Voici le lieu: un étirement de tôles, qu'avoisine familièrement la terre rouge. Entre la ville et les hauteurs, voici la route, gardée (...). A l'opposé, la plaine inaltérable, jusqu'aux blancheurs du sud. A l'ouest, la boucle tourmentée de la Lézarde: elle veut emprisonner la cité, mais soudain elle se reprend, elle refuse ce gardienage, et ver l'est, passé les cannes sinistres, elle se perd dans son delta. Sa goulée est parcourue de courants sales (...).<sup>35</sup>(GLISSANT, 1997, p. 33)

---

Thael descobriu em Mathieu a zona sem nome e tórrida que todos carregam dentro de si, invisível para si mesmo. Eram os sofrimentos passados, as voltas impuras e as falhas: o que já consome a solidão futura. (GLISSANT, 1997, p.26, tradução minha).

<sup>34</sup> “E nós temos precisado ainda da noite. Eu quero as verdades que eu não posso adivinhar. Talvez (temos-nós) precisemos de nos romper um pouco, de meditar nossos erros. E será preciso retornar do lado de Papa Longué. Tudo isso que nós esquecemos. A África. O Mar. A viagem. (GLISSANT, 1997, p. 199, tradução minha)

<sup>35</sup> Aqui está o lugar: um trecho de lençóis, que se aproxima familiarmente com a terra vermelha. Entre a cidade e as alturas, aqui está a estrada, guardada (...). Do outro lado, a planície inalterável, a brancura do sul. Ao oeste, o laço atormentado do Lézarde: ele quer aprisionar a cidade, mas de repente ele se recupera, ele recusa essa guarda e, para o leste, passando pelas canas sinistras, ele se perde no delta dela. Seu gole está coberto de correntes sujas (...). (GLISSANT, 1997, p. 33, tradução minha).

A partir do supracitado, é possível ler a relação estreita que os espaços mantêm entre si, não há a sobreposição de ambientes, leituras e vozes, no entanto há o novo olhar sobre aquilo que já foi dito para que se possa preencher os espaços intervalares com a voz negra. O rio, testemunha do horror do tráfico e das travessias de povos, abraça a cidade e dá a ela o poder de se desfazer das amarras dominantes.

Desta forma, um termo que não pode ser eximido da compreensão da identidade martinicana é o de “crise das identidades” (HALL, 2001); cuja crise martinicana pode ser compreendida no romance a partir do descentramento do sujeito negro, quando o homem do ideal humanista francês começa a ruir e suas fronteiras já não conseguem sustentar sua integridade, pois a ilha, assim como o universo pós-colonial, é constituída de descentramentos e deslocamentos. O termo identidade emergiu de um panorama agonístico que desestabilizou as certezas do mundo ocidentalizado, contribuindo para a visão de um tempo de sujeitos constituídos de identidades fragmentadas e plurais. Assim, a identidade na modernidade tornou-se problemática no momento em que junto com uma sociedade ansiosa surgiram as preocupações e debates em torno da(s) fronteiras, consideradas agora, permeáveis.

Nos anos 1990, Hall iniciou a teorização sobre identidade cultural com os textos *Identidade, Cultura e Diáspora* (1996) e *Quem precisa de identidade* (2000), levando a crer que o surgimento de tal identidade se deu em função da desestabilização gerada pela modernidade na crise dos processos de globalização. O autor apurou-se em uma perspectiva discursiva de reconhecimento do povo negro do Caribe, descobrindo uma nova identidade a partir do tempo que ele chamou de pós-colonial – ensaios marcados por sua trajetória pessoal como jamaicano –, afirmando que:

(...)a identidade é irrevogavelmente uma questão histórica. Nossas sociedades são compostas não de um, mas de muitos povos. Suas origens não são únicas, mas diversas. (...) A terra não pode ser “sagrada”, pois foi “violada” – não vazia, mas esvaziada. Todos os que estão aqui pertenciam originalmente a outro lugar. Longe de constituir uma continuidade com os nossos passados, nossa relação com essa história está marcada pelas rupturas mais aterradoras, violentas e abruptas. (...) nossa “associação civil” foi inaugurada por um ato de vontade imperial. O que denominamos Caribe renasceu de dentro da violência e através dela. A via para nossa modernidade está marcada pela conquista, expropriação, genocídio, escravidão, pelo sistema de engenho e pela longa tutela de dependência colonial. (HALL, 2001, p. 30)

Hall acredita que a identidade caribenha não é uma viagem de redescoberta ou de retorno, por não se tratar de uma arqueologia – estudo da cultura e modos de vida de uma sociedade já extinta – e sim, uma produção que tem sua matéria prima, seu trabalho e seus recursos na mutação, vistos sob o efeito de uma genealogia, cujos estudos se opõem à

pesquisa de origem; as forças que compõem os acontecimentos são agenciadas e heterogêneas.

Não obstante, Glissant (2011) desenvolveu a ideia de identidade(s) concebida como uma cultura compartilhada que congrega os sujeitos à identificação totalizante, oferecendo um exercício das identidades que se distancia da unificação e do viés essencialista, e faz da identidade nacional – uma espécie de fechamento – um termo ambivalente. O romance *La Lézarde* (1997) torna evidente a diferença, fator central na (re)constituição das identidades, fazendo com que ela encerre as posições fixas e esteja aberta para sentidos adicionais, afinal, são nas diferenças que grupos estabelecem parâmetros para seu próprio reconhecimento.(FIGUEIREDO, 1998).

Hall define as identidades culturais como:

(...) pontos de identificação, os pontos instáveis de identificação ou sutura, feitos no interior dos discursos da cultura e da história. Não uma essência, mas um posicionamento. Onde haver sempre uma política da identidade, uma política de posição, que não conta com nenhuma garantia absoluta numa “lei de origem” sem problemas, transcendental .(HALL, 1996, p.70).

Com base no supracitado pensador, a compreensão das identidades culturais, não como o “ser” mas enquanto um “estar”, não encerra esse conceito de identidade numa concepção pronta, como algo definido, contudo a compreende em uma relação dialógica-dialética, de essencialismo e construtivismo, o primeiro necessário a sobrevivência das comunidades e o segundo necessário a compreensão da identidade através da diferença, como discorre o autor:

A dualidade do pensamento de si (há o cidadão, e há o estrangeiro) repercute-se na ideia que se tem do Outro (há o visitante e o visitado; aquele que parte e aquele que permanece; o conquistador e a sua conquista). O pensamento do Outro só deixará de ser dual no momento em que as diferenças forem reconhecidas. O pensamento do Outro <<compreende>>, a partir de então, a multiplicidade, mas de uma maneira mecânica que cultiva ainda as subtis hierarquias do universal generalizante. Reconhecer as diferenças não obriga a envolver-se na dialética da sua totalidade. No limite, <<posso reconhecer tua diferença e pensar que ela te prejudica. Posso pensar que a minha força está na Viagem (faço a História) e que a tua diferença é imóvel e muda>>. Há um passo a dar antes de entrar verdadeiramente na dialética da totalidade. Parece aqui que, ao contrário da mecânica da Viagem, essa dialética é movida pelo pensamento de errância. (GLISSANT, 2011, p. 27)

É neste sentido que, Glissant (2011), querendo ultrapassar as barreiras essencialistas – criadas pelo ocidente e, repito, projetadas por movimentos como o da Negritude – desenvolveu a ideia de uma identidade regional – Antilhanidade – observando os traços

comuns das diferentes culturas que compõem o Caribe, assegurando a existência da cultura plural, convidando a conscientização de um devir crioulo e a tomada de consciência de si:

Com Édouard Glissant e a “Antilhanidade” por ele proposta, tratar-se-ia não de privilegiar a Europa ou a África, mas antes de explorar-lhes as respectivas contribuições para aquilo que veio a ser a cultura antilhana, de compreender o que é o Antilhano. A Antilhanidade repousaria, pois, na possibilidade de se fundar uma nação nas Antilhas ou de se recriarem as Antilhas como nação: apesar das diferenças sociais, políticas e econômicas entre os países da região, laços de unidade seriam tecidos pela literatura, “a nação aparecendo não como eco de um sectarismo, mas como promessa de uma partilha com outras”. (GIRAUDO, 1996, p. 101)

Seguindo esta linha de raciocínio, acrescentando-se em Maria Helena Valentim Duca Oyama, em *O Haiti como locus ficcional da identidade olhares transnacionais em Carpentier, Césaire e Glissant* (2009), a noção de Antilhanidade, surgida no final dos anos de 1950, partiu da consideração de desequilíbrio do povo antilhano, este, segundo Glissant, conseqüente da escravidão e da cidadania francesa advinda da lei de departamentalização; cujo paternalismo provocou na ilha a falta de iniciativa na resolução dos problemas locais e isolamento em relação às outras ilhas:

Assim, a Antilhanidade surgia como uma solução para a união política e cultural das ilhas caribenhas, já que a região era um verdadeiro arquipélago também no sentido histórico, cultural e econômico. Glissant defendia a ideia que os caribenhos, independentemente do tipo de colonização, tinham uma história comum. A Antilhanidade seria um novo olhar, uma nova forma de conceber as ilhas do Caribe, como um espaço comum, com histórias e poéticas comuns e problemas cuja solução estaria na aceitação destes fatores que unem as ilhas. (OYAMA, 2009, p.55).

Logo, a tentativa de (re)apropriação da história e da identidade martinicana na obra *La Lézarde* (1997) passa antes pela aceitação da situação de unicidade histórica e social das Antilhas. No entanto, a noção de Antilhanidade supõe a reunião das ilhas e não a unidade da região, como muitos críticos acreditam; em outras palavras, para Glissant trata-se de uma busca coletiva do real que abarca a terra, a língua e as histórias com vista a conscientizar o povo de cada ilha a buscar soluções para suas questões sem que para isso haja a intervenção da metrópole.

Para José Eduardo Fernandes Giraudo, em *Americanidade, Antilhanidade e Crioulidade: Tentativa de delimitação de uma comunidade interliterária específica* (1996), a Antilhanidade designa o processo de americanização dos europeus, africanos e outros, através do arquipélago antilhano, o que faz dela uma noção geopolítica; os laços de solidariedade montados por Glissant visam sustentar uma comunidade cujos limites se dão, inicialmente, no



espaço geo-cultural antilhano. A primeira vista, Antilhanidade e Crioulização parecem referir-se à realidades distintas; vale ressaltar que, a Crioulização não deve ser confundida com Antilhanidade, afinal os processos históricos são diferentes: com efeito a Antilhanidade foi um processo de traslado de culturas alógenas das terras antilhanas, enquanto a Crioulização é uma fusão não harmoniosa de línguas, culturas etc., de diferentes povos postos em contato.

Giraudou discorre que “Já a Antilhanidade, província da Americanidade, padece das mesmas limitações daquele conceito”, omitindo “que houve em certas ilhas, mais que uma simples americanização, um fenômeno de crioulização, (...)” (1996, p. 103). Por exemplo, houve, no espaço da Martinica, um profundo processo de Crioulização, no qual os martinicanos são portadores de uma dupla solidariedade, “de uma solidariedade antilhana, de ordem geopolítica, com os outros povos caribenhos, independentemente das diferenças culturais; e de uma solidariedade crioula com os outros povos que partilham das mesmas afinidades antropológicas, sejam eles africanos, malgaxes, asiáticos ou polinésios.” (GIRAUDO, 1996, p.103).

A Antilhanidade é no *La Lézarde* (1997), também, a consciência da diferença, como memória e Relação, resultante de um espírito ativo de recusa a opressão, sendo, portanto, uma luta contra a desigualdade erguida como sistema hierárquico que torna o homem negro martinicano e sua cultura coisas subalternizadas. Neste sentido, a Antilhanidade dentro da obra, identificada neste trabalho como o início subjetivo do pensamento da Relação, considera o indivíduo um vir a ser, um tornar-se.

Em *Le Discours Antillais* (1981) Glissant cita a palavra Antilhanidade defendendo uma Martinica que vive sem a ajuda da França, buscando uma ideia que tenta a superação da relação de amor e ódio entre martinicanos e franceses: “Plus qu’une théorie, une vision. La force en est telle qu’on en dit n’importe quoi. J’ai entendu en deux ou trois occasions proposer l’antillanité (sans autre précision) comme solution globale à des problèmes vrais ou fantasmés.”<sup>36</sup> (GLISSANT, 1981, p.56).

Para Glissant, a Antilhanidade seria uma possível solução para os problemas antilhanos, desde que não ficasse apenas no plano teórico, mas atingisse o real, “La notion de antillanité surgit d’une réalité que nous aurons à interroger, mais correspond aussi à un vœu dont il nous faudra préciser ou fonder sa légitimité.”<sup>37</sup> (GLISSANT, 1981, p.422).

---

<sup>36</sup> Mais que uma teoria, uma visão. Sua força é tamanha que dela se diz qualquer coisa. Em duas ou três ocasiões ouvi a proposta da Antilhanidade (sem nenhuma outra precisão) como solução global para problemas reais ou imaginários. (Glissant, 1981, p.56, tradução minha).

<sup>37</sup> A noção de Antilhanidade surgiu de uma realidade que devemos questionar, mas corresponde também a um voto, um desejo, cuja legitimidade necessitaremos fundar ou legitimar. (Glissant, 1981, p. 422, tradução minha).

*La Lézarde* (1997) é um receptáculo de vozes múltiplas – eco da pluralidade (kamedjio, sd), cuja reivindicação eleitoral, como dito em outro momento deste trabalho, representa um antídoto contra a escuridão que engloba os negros martinicanos e os torna invisíveis; a figura da noite, os espaços intervalares, as rotas de fugas, a conotação ao colonial, ao tempo da servidão e a deportação dos africanos exprimem o grito que desafia o monólogo para fazer germinar a polifonia: o grande clamor negro.

Em 1989-1990, afetado pelas reflexões de Deleuze e Guattari, Glissant atualizou a noção de Antilhanidade em relação à oposição raiz-única *versus* raiz-rizoma:

Gilles Deleuze e Félix Guattari criticaram os conceitos de raiz e, porventura, de enraizamento. A raiz é única, é uma origem que de tudo se apodera e que mata o que está à sua volta; opõem-lhe o rizoma, que é uma raiz desmultiplicada, que se estende em rede pela terra ou no ar, sem que nenhuma origem intervenha como predador irremediável. O conceito de rizoma mantém, assim, a noção de enraizamento, mas recusa a ideia de uma raiz totalitária. O pensamento do rizoma estaria na base daquilo a que chamo uma poética da Relação, segundo a qual toda identidade se prolonga numa relação com o Outro. (GLISSANT, 2011, p.21)

Esta raiz entra em consonância com a miscigenação e contato entre povos – provocados pela diáspora, colonização, globalização etc.:

A noção de ser e de absoluto do ser está associado à noção de identidade “raiz única” e à exclusividade da identidade, e que se concebermos uma identidade rizoma, isto é, raiz, mas que vá ao encontro de outras raízes, então o que se torna importante, não é tanto um pretenso absoluto de cada raiz, mas o modo, a maneira como ela entra em contato com outras raízes: a Relação. (GLISSANT, 2005, p. 37)

Com base nos fragmentos anteriores, o autor defende a ideia de uma identidade rizomática, que é uma identidade fundamentada no diverso, na aceitação das diferenças e no Outro. Assim, a identidade da Martinica deixou de ser vista pela regionalidade e assumiu a multiplicidade decorrente da relação com o Outro, neste caso com a França, a África e demais povos e nações; imbricamentos da obra *La Lézarde* (1997).

O ato de releitura, análise e interpretação do mundo por meio do conceito rizoma está relacionado, em Glissant, à explicação das diversas manifestações da sociedade, da cultura e da história através de uma categoria interpretativa desterritorializadora. De acordo com os pensadores franceses – Deleuze e Guattari com o conceito de livro- rizoma, e Glissant, com o conceito de raiz-rizoma – a visão plural, contida na ideia de rizoma, concebe o mundo sob uma formação em que há um ponto como eixo central cuja função seria difundir visões plurais de análise, uma ação marcada pela reterritorialização, que seria para estes autores não uma restrição a uma referência, mas um lugar de onde se gera múltiplas ações do mundo, com

assimilações as diferenças, dissolvendo, assim, a cultura e a identidade do lugar de subordinação e hierarquias, sendo ao fim uma proposta do romance *La Lézarde* (1997).

Neste segmento, com vista a apontar uma perspectiva pós-negritude, o primeiro romance do autor – no cenário da pós-colonialidade<sup>38</sup> – está imerso no campo teórico dos estudos culturais; a releitura da raiz, que abandona seu lugar de única e começa a assumir o rizoma, assim como as noções de Crioulização e Relação, não porta a intenção de universalizar seus princípios; dentro da obra o autor, implicitamente, problematiza ideias como negritude, francesidade, latinidade, americanidade, ao percebê-las como processos homogeneizadores, embora propague o conceito de Antilhanidade para fazer referência a uma voz antilhana. Para Glissant:

A terra das Antilhas não podia tornar-se território, mas sim terra rizomada. Sim, enquanto absoluto enraizado a terra da Martinica não pertence nem aos descendentes africanos deportados, nem aos bekês, nem aos hindus, nem aos mulatos. Mas aquilo que era uma consequência da expansão europeia (o extermínio dos pré-colombianos, a importação de populações novas) é precisamente aquilo que funda uma nova relação com a terra: não o absoluto sacralizado de uma posse ontológica, mas a cumplicidade relacional (GLISSANT, 2011, p. 142).

Glissant, em *Poética da Relação* (2011), propõe que a Crioulização abarca e amplia a Antilhanidade – e a crioulidade – e que, por seu aspecto cultural, ela aplica, não apenas no contexto caribenho, e sim ao mundo inteiro. Para o autor a Crioulização é “Não só um encontro, um choque (...) uma mestiçagem, mas também uma dimensão inédita que permite a cada um estar ali e noutro lugar, enraizado e aberto, perdido na montanha e livre no mar, em acordo e em errância.” (GLISSANT, 2011, p.40). Embora o poeta pareça equiparar a crioulização à mestiçagem ele se atenta ao movimento e o dinamismo da primeira:

Se postulamos a mestiçagem como, em geral, um encontro e uma síntese entre dois diferentes, a crioulização surge-nos como a mestiçagem sem limites, cujos elementos são desmultiplicados, e as resultantes imprevisíveis. A Crioulização difrata, ao passo que certos modos da mestiçagem podem voltar a concentrar, Esta aqui voltada ao estilhaçar das terras, que já não são ilhas. (GLISSANT, 2011, p. 41).

Assim, a apropriação da história, do espaço e da língua, é o eixo para a crioulização glissantiana, vale ressaltar se tratar do clamor central do romance *La Lézarde* (1997), porque, segundo Damato (1995), o espaço do Caribe é um espaço de aberturas em diálogo e relação com outras realidades, cujas ilhas representam realidades diversas de culturas compósitas em

---

<sup>38</sup> O teórico François Cusset (2008) discorre que o pós-colonialismo refere-se a um conjunto de teorias que analisa os efeitos políticos, literários, artísticos, filosóficos deixados pelo colonialismo nos países conquistados.

movimentos imprevisíveis. O despertar deste novo olhar é demarcado em diferentes passagens, a saber:

Un matin, ils allèrent à la rencontre de la mer. Si proche, on l'oubliait; mais sa pensée en secret se maintenait, nourrissait l'être. Puis, brusquement, sans raison sûre, le voeu s'impose; il faut la voir, il faut marcher vers elle.  
 - La mer, c'est toute une politique, disait Pablo. Avec elle nous vaincrons. Juste au moment de sombrer, vous verrez, nous agripperons le monde. C'est la mer: on coule, et soudain on est à flot. Pourquoi? Parce qu'on ne s'est pas laissé faire!  
 Il y avait là une barre terrible, même aux nageurs accomplis; et que les voiliers rentrant de la pêche abordaient avec une extrême prudence.<sup>39</sup> (GLISSANT, 1997, p. 44).

Os jovens vão ao encontro do novo, do aberto, do imprevisível, conciliando o oculto e o imposto, encontrando dentro de si uma força ímpar que os faz refletir sobre sua situação enquanto negro e martinicano. Da mesma forma que o mar traz de suas profundezas as lembranças, medos e torturas, a juventude resgata estes elementos de seu interior aliando-os à vontade de mudança e reconhecimento, falando de si como agentes ativos de sua própria história.

No *La Lézarde* (1997), e em outras produções de Glissant, surgem métodos de descolonização em busca de criticar perspectivas unitárias da história e da identidade; no romance a identidade não se vincula mais com tanta força ao mito da raiz, diante da aceleração das relações e mudanças consequentes da globalização, destacando, por exemplo, três gerações de negros cujos comportamentos diferem da África unificada; há na obra o reconhecimento de diferentes peças compondo o jogo e dos esforços para se desprender das amarras opressoras, como sugere a fala do personagem *Mathieu* “(...)l'échiquier sans ordre des tôles où le soleil joue chaque jour sa partie solitaire et jamais gagnée. Alors il connut le frisson de ceux qui pleurent doucement un bonheur enfui.”<sup>40</sup> (GLISSANT, 1997, p. 13); assim, a cultura da Martinica impelida pela estética diaspórica, em termos antropológicos, é irrevogavelmente impura, e sua impureza é construída sob ganhos e perdas através de encontros e contatos, em um jogo de seleções e eliminações, identificado no romance por meio da descrição de momentos de luta ideológica, revisão e reapropriação histórico-cultural.

<sup>39</sup> Uma manhã, eles foram ao encontro do mar. Tão perto, se esqueceram; mas seu pensamento em segredo se manteve, nutrido pelo ser. Então, abruptamente, sem motivo seguro, o voto é imposto; é preciso o ver, é preciso caminhar em direção a ele.

- O mar, é uma política inteira, disse Pablo. Com ele nós vamos ganhar. No momento de afundar, você verá, nós pegaremos o mundo. Este é o mar: se afunda, e de repente se está a flutuar. Por quê? Porque não se quer o deixar por fazer! Havia uma barra terrível, mesmo para os nadadores realizados; e os veleiros que retornavam da pesca se aproximaram com extrema cautela. (GLISSANT, 1997, p. 44, tradução minha).

<sup>40</sup> (...) o tabuleiro de xadrez sem ordem das peças onde o sol joga todos os dias sua parte solitária e nunca ganhou. Então, ele conhece a emoção dos que choram baixinho (...). (GLISSANT, 1997, p. 13, tradução minha)

É sabido que a globalização não é um fenômeno novo, sua história inicia com a era da exploração e da conquista europeia; tal situação modifica a compreensão e recepção do conceito de identidade, ao considerar os distintos modos como as diferentes comunidades participam da relação global. É também importante enxergar essa perspectiva diaspórica da cultura enquanto subversão dos modelos culturais tradicionais mantidos pela nação.

O narrador discorre:

Oui, ce qui étonne, c'est qu'ici tant de merveilles du monde soient reçues. Qu'une si infime partie de l'univers soit à ce point remplie du bruit de l'univers. Mais aussi, l'homme y connaît une immobile ferveur, un unique et perpétuel assaut de chaleur, et il se tient debout dans le mirage né de lui. Le lieu, la flamme. Dont il faut rendre l'éclat avec des mots de force précise, qui soient aussi des mots de chatoiement. Ainsi nos amis, déchirés par les événements, les passions soudaines, le remords jadis inconnu; conscients du temps que l'on peut perdre à débattre des misères du coeur (et acceptant ce temps perdu, pour les retours et pour l'unique flamme qu'il permet), nos amis s'étaient réunis solennellement dans le royaume dans frontières de la plage: et c'était là un étrange dialogue, sec, intrépide, fou; avec des alluvions et des courants qui sous les mots charriaient leurs fureurs secrètes.<sup>41</sup> (GLISSANT, 1997, p. 64).

Neste reconhecimento do diverso desperta-se a consciência do inacabado, cujos sujeitos estão sempre a se refazer. A identidade, no *La Lézarde* (1997), é capacidade de variação, e não mais permanência. A principal ideia de Glissant dentro da obra é de que o contato com o Outro produz novas identidades, linguagens e relações, sua proposta é conceber a identidade como um sistema relacional local em que o negro marrom desce a montanha ao encontro do historiador da planície, conjuminando conhecimentos, tradições e costumes africanos, franceses, entre outros.

Diversos fatores, como a diáspora, a interculturalidade, a globalização, permitem o deslocamento e o movimento da identidade e da cultura. Como se pode notar, a identidade no romance em questão tem distintas manifestações que se atrelam a formação histórica e social de seu país da mesma forma que sofre a influência de outras culturas, que, por sua vez, intervêm no pertencimento histórico-identitário-cultural. A identidade martinicana representada no *La Lézarde* (1997) é composta de diversas significações híbridas e representações identitárias como um processo resultante de histórias plurais e vozes múltiplas.

---

<sup>41</sup> Sim, o que é surpreendente é que aqui são recebidas tantas maravilhas do mundo. Que uma pequena parte do universo esteja tão cheia do barulho do universo. Mas também, o homem conhece um fervor imóvel, um único e perpétuo assalto de calor, e ele se tem na miragem nascida dele. O lugar, a chama. Então é preciso fazer luz com as palavras de força precisa, que também são palavras de brilho.

Assim, nossos amigos, rasgados pelos eventos, as paixões repentinas, o remorso anteriormente desconhecido; conscientes do tempo que pode ser perdido ao debater as misérias dos corações (e aceitar esse tempo perdido, pelos retornos e pela única chama que permite), nossos amigos se reuniram solenemente no reino nas fronteiras da praia: e esse era um diálogo estranho, seco, intrépido, louco; com aluviões e correntes que sob as palavras carregavam seu furor secreto. (GLISSANT, 1997, p. 64, tradução minha).

Para Glissant “(...) a Relação é primeiramente consciência, (...)”(1981, p.13); por sua vez, a identidade na Relação, não significa a produção de novas identidades, trata-se de afirmar uma dimensão relacional de identidades em permanente construção, sendo uma alternativa à identidade-raiz, colocando o foco na diferença e na alteridade. Tal abordagem permite pensar que a afirmação das identidades no objeto deste estudo se dá pelas relações que estas identidades estabelecem com o meio, gerando um jogo de transformações.

Ao observar a perspectiva dos estudos culturais latino-americanos se nota a contribuição de Garcia Canclini para as discussões da identidade cultural, dadas a partir da concepção de hibridismo – um modelo explicativo da identidade – como uma identidade cultural em comum entre os povos, em especial da América Latina. *La Lézarde* (1997) é marcado pelo trânsito de temáticas que suscitam discussões acerca da cultura, ao que diz respeito às misturas e imbricamentos, como se nota no diálogo entre *Thael* e *Garin*:

- Aussi sûr que la terre est noire, oui.  
- Elle est noire, la terre? Moi je vois qu'elle est rouge, et puis jaune, et puis brune, jusqu'au fond des fonds.  
- Elle est noire, c'est vrais.<sup>42</sup>  
(GLISSANT, 1997, p.114)

Mesmo o questionamento do oficial confirma a pluralidade da ilha, sua composição dada a partir do diverso, com misturas que se perpassam e conectam para formar o imprevisível. A partir do questionamento do personagem, caracterizando a terra em distintas cores e propondo um distanciamento, mas exercendo ao fim a Crioulização; a interculturalidade trabalhada nesta passagem ultrapassa a compreensão de imbricamento de culturas quando subjetivamente considera seus tensionamentos, negociações e conflitos dentro daquilo que é chamado de cultura negra.

Na América, a interpenetração de culturas resultou em alterações de ordens e sedimentações de tradições no entrecruzamento – e justaposições – de setores que geraram as chamadas culturas híbridas. Garcia Canclini (1990) sugeriu a modernidade como um complexo de fluidez construtiva e sem enraizamento de manifestações, falando de entradas e saídas de movimentos multidirecionados que desestabilizam as fronteiras entre subalterno x hegemônico, popular x erudito e contribuem para diluir os paradigmas binários.

A identidade no *La Lézarde* (1997) é concebida a partir de sistemas culturais e conceituada como um sentimento de pertencimento e significados compartilhados. Ou seja,

---

<sup>42</sup> -Tão seguro que a terra é negra, sim. /-Ela é negra a terra? Eu vejo que ela é vermelha, e depois amarela, e depois marrom, até o fundo dos fundos. /-Ela é negra, isto é verdade. / (GLISSANT, 1997, p.114, tradução minha)

ela é culturalmente formada, um posicionamento e não uma essência. Dentro desse intercâmbio cultural entre os sujeitos e as sociedades, a narrativa glissantiana assume destaque e afirmação que ganha base nas análises de Bhabha (1997) quando este entende a identidade como algo gerado no ato de narrar como uma história.

Nesse contexto, o híbrido, para Garcia Canclini (1990), é algo que vai além da mestiçagem e da aceitação mais convencional, afirmando que todas as culturas – sobretudo as Americanas – são de fronteiras e práticas transculturais, que desterritorializam e multidirecionam articulações como vias de passagens transversais, explicando o autor que:

A hibridação sociocultural não é uma simples mescla de estruturas ou práticas sociais discretas, puras, que existiam em forma separada, e ao combinar-se, geraram novas estruturas e novas práticas. Às vezes isto ocorre de modo não planejado, ou é o resultado imprevisto de processos migratórios, turísticos ou de intercâmbio econômico ou comunicacional. Mas com frequência a hibridação surge do intento de reverter um patrimônio (uma fábrica, uma capacitação profissional, um conjunto de saberes e técnicas) para reinseri-lo em novas condições de produção e mercado. (CANCLINI, 1997, p.113).

Seguindo o pensamento de Canclini, a hibridação reverte o sistema patriarcal na busca de inserir novas formas de leitura e análise cultural. Para Glissant, o terreno das literaturas compreende melhor este fenômeno da hibridação – cultural ou linguística, preferindo, para expressar o contexto da interculturalidade e da mestiçagem<sup>43</sup>, e o termo Crioulização abarca melhor a sua comunidade, por acreditar que abrange distintas mesclas culturais que ultrapassam a racialidade, as quais se costuma limitar a mestiçagem. Se para Canclini (1990), o termo hibridismo desencadeia combinações imprevisíveis, a crioulização glissantiana seria a mestiçagem imprevisível dada na diferença e na multiplicidade. Vale ressaltar que este trabalho entende como mestiçagem o encontro entre duas diferenças, finitas e limitadas, de efeitos previsíveis.

O crioulo – *le créole* – na interpretação de Glissant, é uma linguagem cuja sintaxe pertence a duas massas linguísticas. Ele é uma língua compósita nascida do contato imprevisível entre elementos heterogêneos (FIGUEIREDO, 1998). Ao que se refere ao processo de crioulização, os elementos heterogêneos em contato precisam se intervalorizar para não ocorrer a degradação no contato. Seguindo este raciocínio, para além da Antilhanidade, o *La Lézarde* (1997) se criouliza quando as culturas do *tout monde* se colocam em contato, se transformando. No território da crioulidade, sob a perspectiva da cultura da

---

<sup>43</sup>Gilberto Freyre retira a mestiçagem do processo degenerativo que colocava o branqueamento como hibridação racial, e estrutura-a como mito formativo que referencia acontecimentos em simultânea relação com o passado, presente e futuro, e dá ênfase a identidade nacional integrante de elementos díspares.

plantação e da monocultura, constitui-se, assim, um sistema econômico em decorrência do qual se forma uma dinâmica política e um domínio linguístico. Glissant enfatiza:

Penso ser necessário afirmar que existe apenas o sendo, ou seja, existências particulares que se relacionam, que entram em conflito, e que é preciso abandonar a pretensão à definição do ser. Ora, é isto o que a criouidade faz – ela define um ser crioulo. É uma forma de regressão, do ponto de vista do processo. (GLISSANT, 2005, p. 148)

Dando seguimento ao supracitado, Glissant alerta para o perigo do fechamento e retorno a raiz única contido na ideia da criouidade, sobre isso cita-se:

É preciso lembrar que a raiz única tem a pretensão de alcançar a profundidade, ao passo que a raiz rizoma se expande na extensão. Os espaços brancos dos mapas planetários estão agora entremeados de opacidade, e isso rompeu, para sempre, com o absoluto da História, que significava, primeiramente, projeto e proteção. A partir de então, em seu conceito mesmo, a História se desfaz; e, ao mesmo tempo, ela ruma esses retornos da questão identitária, do nacional, do fundamental, ainda mais sectários porque tornados caducos. (GLISSANT, 2011, p.82-83).

Uma vez que o absoluto da história tenha se rompido, as problematizações acerca do nacional e da identidade ressignificam lugares, como o cenário da montanha, emergenciando a necessidade de analisar os lugares como um laboratório de forças antagônicas, do escrito e do oral. Sobretudo, é o cenário da plantação, local de trabalho dos negros da ilha, o lugar do encontro entre culturas, pois “É nessa segunda matriz da Plantação, depois do navio negreiro, que devemos situar o vestígio das nossas origens, difíceis e opacas” (GLISSANT, 2011, p. 75); para o autor, este lugar de aprisionamento e dominação transformou-se em local de reversão, tornou-se espaço aberto de onde derivou outro mundo, e este outro mundo foi criado nos espaços intervalares, nas fissuras e trilhas, afinal, como fica subentendido na passagem do romance, os espaços intervalares “(...) n’est qu’un filet de ciel entre deux abîmes.”<sup>44</sup>. (GLISSANT, 1997, p.151), “la route est semée de pierres – les ingénieurs dans ce pays n’achèvent pas les routes.”<sup>45</sup> (GLISSANT, 1997, p.13); portanto, no oculto se esconde toda a sabedoria do povo negro, as rotas carregam particularidades que só podem ser vistas a partir da reapropriação.

*Mathieu*, atento a retomada de si, enquanto negro e martinicano, orgulha-se e reconhece as deficiências de sua formação – acadêmica e social – quando percebe as fissuras

<sup>44</sup> (...) é apenas um pedaço de céu entre dois abismos. (GLISSANT, 1997, p.151, tradução minha).

<sup>45</sup> (...) a trilha está cheia de pedras – os engenheiros neste país não acabam as trilhas. (GLISSANT, 1997, p.13, tradução minha).



de sua memória negra e do conhecimento científico adquirido sem depreciar ou sobrepor ambos, intentando, sobretudo, a mudança no cenário mundial:

J'aime la terre pesante. Oui, j'aime ce goût de fadeur qu'elle a sur la peau. Je suis sombre comme la terre, et miserable, et comme elle fabuleux. Mais je suis aveugle. Je ne vois pas la sève couler dans les entrailles de la terre. Je suis sourd, et les mots n'ont pas connu le toucher de la roche, l'amour de la terre noire. Pourtant je suis assisa au plein de ce bouillonnement, je crie dans cette naissance. Et nul ne m'entend. Je veux dire cette naissance et ensemble cela qui naît. Je veux conclure, signaler. Et cela qui naît, qui est moi et qui me dépasse, occupé à bien naître ne m'entend pas. Folie, folie de l'esprit!<sup>46</sup> (GLISSANT, 1997, p. 43).

Pode-se notar na obra que, o resgate da identidade martinicana só se dá na ruptura com a filiação<sup>47</sup> e a tradição, ambas presas no processo de colonização e assimilação – de base no discurso hegemônico ocidental. O condutor da narrativa, que se reveza entre personagens, narrador e autor, produz o sentido dos acontecimentos de forma a evidenciar as perseguições, a cultura e a(s) identidade(s) negro-martinicana(s). O narrador se desloca e se apropria dos espaços e da cultura, desta forma Glissant percorre os espaços históricos abrangendo as questões humanas e ampliando as fronteiras da Martinica, das Antilhas e das Américas.

Assim, por meio das lembranças dos espaços, mediadora da história, a juventude do *La Lézarde* (1997) faz a abertura dos registros, situa as datas marcadas pela memória negra em recusa ao modelo da história escrita. Quando os jovens, na imagem do rio e do mar, instam as lembranças da viagem e da chegada dos africanos deportados eles não apenas representam a história sob outra visão como também legitimam a violência ocorrida na colonização, nos processos de escravidão e na assimilação cultural, em busca de desvendar “Quels desastres, quels bonheurs, dans cet humble travail d'un peuple? Quelles souffrances encore, après l'abrutissement et le sang de la naissance?”<sup>48</sup>(GLISSANT, 1997, p.135), afinal as aspirações do passado podem justificar as amarras do presente. O retorno ao passado através da memória do personagem mais velho permite, ainda, a reconstrução temporal própria e a reescrita da coletividade da comunidade a partir do imaginário individual.

<sup>46</sup> Eu amo a terra pesada. Sim, eu amo esse gosto de banalidade que ela tem na pele. Eu sou escuro como a terra, e miserável, e como ela fabuloso, Mas eu estou cego. Eu não vejo o fluxo da seiva nas entranhas da terra. Eu estou surdo, e as palavras não conhecem o toque da rocha, o amor da terra preta. No entanto, eu estou sentado no auge deste borbulhamento, eu choro neste nascimento. E ninguém me entende. Quero dizer neste nascimento e junto aquilo que nasceu. Eu quero concluir, relatar. E o que nasceu, que é meu ou que me excede, ocupado para nascer bem não me entende. Loucura, loucura do espírito! (GLISSANT, 1997, p. 43, tradução minha).

<sup>47</sup> De acordo com Glissant (2011), quando uma criação do mundo é repetida, certificada, numa filiação, se desenha o sentido inverso da comunidade; a filiação é uma violência intolerante que impõe legitimidade, esta ligada a ordem das possessões e conquistas.

<sup>48</sup> Quais desastres, quais felicidades, neste trabalho humilde de um povo? Quais sofrimentos ainda, após a brutalidade e o sangue do nascimento?(GLISSANT, 1997, p.135, tradução minha).

O personagem *Mathieu*, em sua busca incessante pelas memórias ocultas, afirma que “On les retrouve-ra, bien plus loin encore! Nous remonterons jusqu'aux origines. Mathieu cherche”. Et plus loin: “(...)Tu as vu papa Longoué. On a beau dire, on revient toujours vers le passé pour connaître l'avenir<sup>49</sup>.”( GLISSANT, 1997: 186), demarcando que encontrá-la é também encontrar a si; A questão da memória, que redireciona a(s) identidade(s) na obra não é simples nem neutra, ela penetra a voz dos vencedores e atravessa o poder que rege as relações sociais humanas.

Na obra, o sentido do passado configura as aspirações do futuro. Mas, o processo de seleção que ocorreu na história do negro martinicano na decisão do que seria lembrado ou esquecido, do que seria transmitido ou silenciado, se deu não apenas como movimento voluntário, grande parte foi dada como imposição e manipulação, resultando no desconhecimento de si voluntário ou imposto, como se pode notar na obra a partir do embate ideológico e político entre a juventude assimilacionista e a juventude independentista. Os esquecimentos, fortes geradores de conflitos, resultaram em crises de identidade, e provocam resistências. O silêncio, muito embora não possa ser visto, deixa pistas e traços que podem ser vislumbrados através das fissuras, falhas e rupturas dos discursos. Assim, a obra desenha a trajetória do assujeitamento do indivíduo martinicano ao ser formado por uma constituição pronta de como ser negro, contida nas entrelinhas da história oficial, escravidão e assimilação, que dirigiu o povo a um papel vazio preenchido pelo outro, e reivindica a anulação da subalternidade ao revelar um processo de responsabilidade ao próprio futuro quando rompe com a unidade.

A obra de Glissant está repleta de palavras e silêncios, porque nele o silêncio é outra forma de expressão. O silêncio é no *La Lézarde* (1997) acidente, buraco, ausência e performance, possui ambivalência reveladora e veladora de sentidos, ora perigo, ora necessidade, porque, como demarca a passagem, (...) ils écoutent dans le silence un écho possible; et ils souhaitent entendre à nouveau cette voix<sup>50</sup>. (GLISSANT, 1997, p.159). Sócrates, no discurso *Timeu*, afirma que o silêncio é mais decisivo porque ele tem valor transcendental. É neste sentido que, em busca de combater o silenciamento que encobre seu povo, Glissant faz uso dele para demarcar o espaço de reivindicação e de denúncia a solidão que acomete o corpo negro:

<sup>49</sup> "Nós remontaremos até nossas origens. Mathieu procura." E mais adiante: "(...) Você viu Papa Longoué. Se pode bem dizer, se volta para o passado para saber o futuro.".(GLISSANT, 1997, p.186, tradução minha).

<sup>50</sup> (...) Eles escutam no silêncio um possível eco; e eles desejam entender a novidade desta voz. (GLISSANT, 1997, p.159, tradução minha).

La solitude est cette maladie: nulle société n'en guérit. Nulle rêve n'emporte cet extrême silence (une foison de voyages) de l'être qui se parle sans fin. Les ambitions, les élans vagues, les longues et véhémentes disputes, la ripaille des carnivals, rien n'y peut. Au détour du moindre refrain, au coin de la plus banale rue, voici l'image éternelle.

Acoours, ombre. Fleuris, rosier! Enfle, voix souterraine pleide de maléficaes. Mathieu scrutait les visages, plus sombre que le prolongeur aux clairs déserts sous-marin. Il se fortifiait dans cette faiblesse de son corps. Il créait mille sujets de gloire, pour son inquiétude de ne pouvoir y atteindre. Maléfique, pourquoi?<sup>51</sup> (GLISSANT, 1997, p. 50).

Assim, *La Lézarde* (1997) exprime os primeiros gestos de romper com o silêncio dos negros, evidenciando as resistências em busca da reapropriação – histórica, identitária – e resgastes – memória, contos crioulos, etc. –, porque, como afirma o narrador, “Peut-être les legendes correspondaient-elles à une part inexplorée de l’avenir, et peut-être l’avenir avait-il fondu sur lui (...).”<sup>52</sup> (GLISSANT, 1997, p.17). As inquietudes martinicanas são desvendadas por um caminho que se faz em espirais. O romance pressupõe negociações e deslocamentos, e assume papéis imaginados que deslizam por significados construídos em duplos gestos em confronto do real e do simbólico, do escrito e do falado; ele é misto de individual e coletivo, de passividade e atuação, de passado e presente, é tarefa angustiante e disposição nem sempre confortável. A “originalidade” da ética crioula, presente na obra, repousa sob o compromisso frente à investigação da identidade cultural da Martinica.

Ao iniciar a (re)constituição histórica da Martinica, e portanto plural, Glissant expõe a complexidade da formação identitária, evidencia a diferença, desarma a ilusão da totalidade e atesta um sujeito negro martinicano imprevisível. Sob essa perspectiva, o devir glissantiano se dá no espaço do não-tempo, um lugar que se habita provisoriamente e se reaviva a transformação e reformulação do passado e do futuro. O romance *La Lézarde* (1997) transmite e reivindica “verdades” plurais; sendo um reflexo do “eu” a margem de toda imposição, e se propõe coletivo sem ser totalizante, como base na relação entre ser e realidade.

A identidade tem sido afetada pela globalização, e este acontecimento tem possibilitado mais contato entre nações, povos e civilizações, proporcionando novas formas

---

<sup>51</sup> A solidão é essa doença: nenhuma sociedade pode curá-la. Nenhum sonho traz esse silêncio extremo (uma abundância de viagens) do ser que se fala sem fim. As ambições, os impulsos vagos, as longas e veementes disputas, o banquete dos carnivals, nada pode. No retorno do menor refrão, na esquina da rua mais banal, está a imagem eterna. (...), sombra. Florido, rosado! Inferno, vozes subterrâneas cheias de malefícios. Mathieu examinou os rostos, mais escuro do que a extensão aos claros desertos subaquáticos. Ele se fortificou na fraqueza de seu corpo. Ele criou mil sujeitos de glória, por sua ansiedade de não poder alcançá-lo. Maléfico, por quê?(GLISSANT, 1997, p.50, tradução minha)

<sup>52</sup> Talvez as lendas correspondam a uma parte inexplorada do futuro, e talvez o futuro tenha caído sobre ele (...).(GLISSANT, 1997, p.17, tradução minha).

de produzir cultura, de ver o mundo, de construir o eu e o outro. A literatura de Glissant proporciona nova leitura desta situação e da sociedade martinicana.

Desta forma, o *La Lézarde* (1997) é uma oportunidade de identificação múltipla do povo negro da Martinica, cuja identidade dos personagens é moldada objetivando proporcionar novos olhares e reflexões por meio da literatura enquanto lugar de resistência e instrumento ideológico de interpelação da alteridade. A literatura glissantiana tem sido espaço privilegiado de resiliência e denúncia às mazelas raciais do sistema opressor, sua obra é arquitetada pelo viés da alteridade e da diferença; o autor opta por construir quebra-cabeças, cujas peças possuem a necessidade de unir-se para assim compor o todo, evidenciando personagens com características distintas e destinos coincidentes.

Ao considerar o processo de colonização da Martinica, e das Américas, se percebe que a intenção de unificação do mundo que caracterizou a conquista de territórios e processos de apropriação, sobretudo na exclusão de culturas e identidades, foi dada através da assimilação dos costumes, conhecimentos, ações etc. O romance denuncia a extensão do pensamento advinda da raiz única, que, por sua vez, conduz a dominações de valores e hábitos de uma cultura em relação à outra; esses elos de raízes circulares, que conduzem a mesma rota, ao se desenvolverem em espaços determinados, tendem a manter vínculos hierárquicos com limites estabelecidos pelo centro. A ideia de identidade-raiz, segundo Glissant (2011), desenvolve um processo de anulação, ou seja, submissão de valores em que conhecer o Outro, seria uma ação realizada por meio de movimento linear e direcionado.

O *La Lézarde* (1997) questiona esta linearidade, cedendo espaço para outras maneiras de conceber o tempo, através de noções, descontinuas e espirais, que permitem trajetórias desordenadas em desconstrução a linearidade ocidental. O autor acredita que não se pode “conhecer um negro” através de um ponto de vista cronológico. Neste segmento, as relações estabelecidas na obra rompem com o tronco principal que é a raiz única, indo ao encontro do desconhecido, considerando as transformações geradas pelos contatos, abandonando esquemas pré-definidos, ordenados e uniformes, por se ver em um processo de ir e vir, um devir gerador da desterritorialização e reterritorialização, portanto, uma poética da Relação.

Apontar o processo de construção identitária martinicana através da escrita glissantiana, seja ela autobiográfica ou fictícia, é desafiador. Em *La Lézarde* (1997), por ser uma obra de reivindicação, Glissant expõe implicitamente a criouliização; nascidos na África ou na Martinica, vivendo na França ou na ilha, carregando dentro de si diferentes culturas, os personagens apresentam a característica da incerteza identitária enquanto fechamento e pureza, revelando um comportamento diaspórico. Os martinicanos se sentem ausentes de sua

pátria, e ao mesmo tempo próximos dela, afinal estar na França também é estar em casa, porque, uma identidade que se sinta pura é, na atualidade, um grande equívoco:

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente. (HALL, 2001, p.13).

Diferente de outras formas críticas que objetivam superar conceitos e definições fechadas, Glissant coloca certos termos-chaves sob “rasuras”, por exemplo quando não transforma em conceitos fechados noções como Relação, Crioulização, Antilhanidade e a própria identidade, aspirando uma produção de conhecimento desconstrutiva. Ao apontar noções que releem conceitos anteriores, o autor evidencia que não se trata de os superar dialeticamente. Derrida descreve essa abordagem como “pensamento no intervalo” “(...) a inversão que torna baixo aquilo que era alto” (1981, p.42). Por sua vez, a identidade é um desses conceitos operados em rasura, uma ideia que não pode ser pensada em sua forma antiga.

Para Glissant, a identidade – e as relações étnico-raciais – é formada historicamente mediante representações sociais. As representações de grupos sociais nos diferentes meios se propagam de forma a produzir sentidos e consequências. Algumas dessas representações assumem um espaço maior de notoriedade e ganham expressões de verdade. Na Martinica, as representações predominantes foram construídas por narrativas hegemônicas, mediante a ótica eurocêntrica e da anormalidade – nas quais se tem como padrão o homem, heterossexual e branco; o romance surge para contrapor esta situação e exigir uma memória mais ativa, uma atuação que, de acordo com a passagem extraída da obra, entende (...) les échos de la dernière fête, j’entends l’ivresse du temps passé. Ils crient. Ils crient tous: << N’oublie pas, n’oublie pas. Souvenez-vous.>><sup>53</sup>. (GLISSANT, 1997, p.232), mas que reivindica uma posição de enfrentamento a toda atividade opressora vivida pelos martinicanos.

A estereotipização do negro martinicano decorre de rotulações histórico-culturais construídas a partir de teorias biológicas que estabelecem limites aos sujeitos. No *La Lézarde* (1997) a identidade é algo em processo de diálogo e interação estabelecido com o meio. O Caribe seria, para Glissant, um dos lugares em que a Relação se apresenta com maior visibilidade, por ser um lugar de encontros e travessias. Desta forma, esta parte do continente

<sup>53</sup> (...) os ecos da última festa, eu entendo a embriaguez do tempo passado. Eles gritam. Todos eles gritam: << Não se esqueça, não esqueça. Lembre-vos. >> (GLISSANT, 1997, p.232, tradução minha).

americano, com seus arquipélagos, é um mar em constante mudança; sendo uma das características do romance *La Lézarde* (1997) a recusa aos modelos universais que se pretendem únicos e padronizadores de diferentes realidades. O texto glissantiano caminha na direção de uma maneira distinta de pensar o mundo, e de permissão às manifestações culturais silenciadas. A obra é a pretensão do traçar de novos percursos históricos e identitários sem a proposição de um sistema universal.

Para Glissant (2011), a posição essencialista indica a postura de naturalização da cultura e se desconecta da história, fato que faz do passado uma essência única e imutável. A noção de Relação, proposta pelo autor, assume uma posição histórico-estrutural, como uma espécie de equilíbrio entre as posições anteriores, concebendo a identidade como algo em (re)constituição, e como um processo discursivo de interação recíproca entre as esferas.

O *La Lézarde* (1997) está relacionado ao movimento de aproximação de noções que não se pretendem modelo de análise. O processo de conexão, contido na Relação, trata de um ir e vir contínuo, que promove mudanças marcadas pela heterogeneidade – cultural, histórica etc. Dentro deste quadro, a narrativa do romance reconhece uma realidade na multiplicidade de aspectos constituintes de seu povo – elementos em processo de mutação e interpenetração cultural e linguística – que não definem o “ser” (*être*) enquanto conhecimento estável, mas, sim, o “sendo” (*étant*) como possibilidade de mudança e alteração. A este processo Glissant nomeia Crioulização.

O imaginário que Glissant exalta na obra aborda a dimensão cultural e emocional de personagens negros inseridos em relações de alianças, de trabalho e de estratégia, em que não existe glorificação e sim a exaltação da comunhão dos personagens com a natureza, como possibilidade de mudança e subversão de hierarquias. O autor implementa em seu romance diversas linguagens e meios de narrativas para criar a atmosfera de recuperação dos fatos que vão além da evidência histórica, na busca de revelar o que existe por trás da realidade colonial.

Retomando as premissas glissantianas, a proposta do Caos<sup>54</sup> denuncia a existência de sistemas erráticos e se distancia da eleição de valores, porque abrange o que está dentro de cada ser; é uma ação em fluidez, em análise a movimentos e agenciamentos, que assume, conecta, espalha e transforma o mundo – poética da Relação.

Em uma tentativa de “definir” o que não foi definido em Glissant, por considerar a conceitualização um fechamento, cita-se um trecho da *Introdução a uma poética da*

---

<sup>54</sup> Para Glissant (2011) o Caos é um processo de relação que opera no real, entre elementos que estabelecem combinações; sendo fluido e viável também é incerto. Ele também é uma forma de organização do mundo.

*diversidade* (2005) que evidencia o potencial da noção de Crioulização para considerações de um não-sistema relacional ou linguístico, que não tem a pretensão de dominar ou sistematizar e que se adequa à multiplicidade do mundo:

[...] exige que elementos heterogêneos colocados em relação “se intervalorizem”, ou seja, que não haja degradação ou diminuição do ser nesse contato e nessa mistura. [...] “Crioulização” vem do termo crioulo (a) e da realidade das línguas crioulas. E o que é uma língua crioula? É uma língua compósita, nascida do contato entre elementos linguísticos absolutamente heterogêneos uns aos outros. (GLISSANT, 2005, p. 21-22).

A crioulização pode ser lida como futuro possível para a humanidade, por ser uma espécie de mestiçagem distanciada do fator biológico e sempre imprevisível; de fato, a crioulização iniciou sua expressividade na linguagem, no entanto este não foi o único espaço de expressão, por ser ela uma potência que (des)organiza, resiste e rompe hierarquias de poder em suas diversas instâncias. A crioulização é um transbordamento da ideia de mestiçagem e não tem a dimensão do determinismo ao ser produzida na errância. Ela, para Glissant, não tem território, se tratando de um processo que se excede sobre a geografia do Caribe em um movimento contínuo que acelera as relações em todo o mundo, e se distingue da crioulide por não se reduzir à ideia de mescla antropológica e cultural harmoniosa de resultados previsíveis, pois suas repercussões não se limitam à fusão de elementos.

Atentando para tais argumentações, a crioulização marca sua presença no romance *La Lézarde* (1997) no instante em que emerge novas redes relacionais e comportamentos, criando ecos que não podem ser reduzidos à ideia de um caldeirão cultural. Outra maneira de apreender o processo de crioulização, dentro da obra, é pensá-lo como força poética que não se detém a uma maneira reducionista – não permeando a ideia do uno ou do mono. Através de sua poética, Glissant desconstrói sua própria cultura e história, criando aberturas culturais e linguísticas que concebem relações entre elas. Desta forma, o processo de crioulização do romance é uma construção histórico-identitária e poética que abre mão de toda estabilidade ideológica, certezas, superioridades ou excelências culturais. Decerto, trata-se de um processo produzido na imprevisibilidade, aberto e multi, em contato com o todo – França, África, e os espaços martinicanos etc. – e com o princípio da diversidade. Esse movimento lança os sujeitos martinicanos na Relação, recusando visões estereotipadas.

A noção de Crioulização se relaciona, ainda, no *La Lézarde* (1997) à noção de errância, ao se opor a visão simplista e reducionista de análises pré-estabelecidas, passando a buscar o transcendental. O que deve ser considerado como fundamental no pensamento em errância de Glissant é o distanciamento de uma referência balizadora porque, para o filósofo,

o movimento em direção ao outro não é um sentido dualista. *La Lézarde* (1997) é um projeto poético que propõe a não transparência, não há “clareza” e limites, há encontros, reencontros e tramas relacionais.

Como já visto, a ideia de imprevisibilidade, centrada nas discussões de Glissant (2011), sobretudo nas problematizações das noções de Crioulização e Relação, supõe a fuga à metrificacão dos ordenamentos sistêmicos. O poeta esclarece que a desmedida contida na imprevisibilidade de suas proposições não tem pretensão universal ou anárquica – ela é uma tendência à diversidade. Glissant discorre:

A imprevisibilidade sempre provocou medo nas culturas, sobretudo no Ocidente, talvez menos no resto do mundo. As culturas ocidentais tenderam sempre para a predizibilidade, o que significa: construir castelos de areia [...] E ter de renunciar a isso talvez seja assustador para o pensamento. Penso que a predizibilidade teve, conheceu seus excessos. Isso porque a bela fórmula “mudar o mundo” aos poucos transformou-se em colocar o mundo em mapa, em sistema, [...] . Conhecer a imprevisibilidade é sintonizar-se com o seu presente, com o presente que vivemos, de uma outra maneira, não mais empírica e sistemática, mas poética. Dizem na França que a poesia está morta. E eu, ao contrário, penso que a poesia, e em todo caso, o exercício do imaginário, a visão profética tanto do passado quanto dos espaços longínquos constitui, em toda parte, a única maneira que temos de nos inscrever na imprevisibilidade da relação mundial. (GLISSANT, 2005, p.75)

Neste segmento, a imprevisibilidade no *La Lézarde* (1997) admite a ausência da dominação, hierarquização e padronização ao reconhecer as diferenças culturais em contato, na promoção de mosaicos que abandonam a necessidade de excluir ou anular culturas. Ao ler o romance e conseguir identificar traços antecipados da Crioulização se nota que tal noção equipara-se ao conceito de Antilhanidade ao propor um movimento de nuances diversas: processos harmônicos e não harmônicos, de choques ou encontros culturais etc. A Crioulização se define como uma forma de conhecer o mundo, uma espécie de operador poético, no romance ela seria um instrumento de conhecimento de realidades plurais e complexos encontros entre as diferentes manifestações culturais.

Em síntese, a noção de Relação pode ser lida no *La Lézarde* (1997) a partir do significado de “estar em relação”, ou seja, perceber o estabelecimento de vínculos que se renovam e se modificam em concordância com a dinâmica cultural e os processos postos em contato. Os negros martinicanos estão inseridos num movimento de mudança contínua, dentro do espaço da imprevisibilidade; tal complexidade relacional se contrapõe à visão de mundo com base no pensamento ocidental. Para Glissant, o pensamento ocidentalizado é projeto político que caracteriza o mundo pelo aspecto universalizado através de imposições e propagações únicas.



A partir do romance *La Lézarde* (1997) se pode pensar que a ilha representa uma realidade cuja formação cultural está ligada a outras culturas, característica particular do movimento e das mudanças, explicitando a Relação, ou seja, o reconhecimento de pontos que se conectam a outros pontos – sejam realidades, culturas ou identidades, sem imposição ou sobreposição de uma referência, desterritorializando a ideia de Transparência<sup>55</sup>, como aparelho refletindo o mesmo, e ressignificando a ideia de Opacidade, com o direito à diferença de vínculos e encontros. Dentro deste quadro, a permissão à mudança e à transformação – mútua – autoriza conhecer a complexidade dos processos que engendram cada cultura, e neste caso, conhecer a formação da comunidade negro martinicana.

A terra natal de Glissant está inserida na realidade de aspectos característicos à Relação, e através do romance *La Lézarde* (1997) o autor reconhece a presença de elementos plurais de um povo que conviveu com culturas dos povos colonizadores das Américas – espanhóis, franceses etc. O *La Lézarde*, assim como os artigos e outras produções de Glissant, exige do leitor uma leitura não linear, sem uniformidade ou sequência, pois se trata de um estilo de escrita complexo imbricado em noções e elementos que se relacionam entre si e com outros, porque o autor rompe com a sequência lógica dos fatos ou com a ordenação do pensamento, com vista a demarcar uma poética múltipla que se abra em relações – expressivas, textuais, culturais e representacionais.

A noção de Relação no *La Lézarde* (1997) explicita as múltiplas facetas da realidade, da representação do povo negro martinicano, de suas lutas e dos diversos aspectos que constitui sua identidade; No romance a história do negro e as marcas que carrega no corpo e na mente ganham visibilidade, a exemplo quando o *quimboiseur* assume sua posição: “(...)il marchait entre les mots, retrouvant une odeur qu’en vérité il n’avait jamais oubliée.”<sup>56</sup>, (GLISSANT, 1997, p.189); recuperando dentro de si aquilo que tentaram fazer perder-se. A (re)apropriação histórica do romance permite diversos caminhos e possibilidades de conhecer ao se distanciar da adoção do modelo histórico único e universalista. Se de um lado a história oficial assume valores particulares como absolutos e verdadeiros, por outro lado, o discurso romanescos pressupõe multiplicidade do olhar que analisa a história.

Antes de qualquer coisa, a poética glissantiana instaura uma forma de conhecimento de base no que é vivido nas diferentes manifestações. Segundo Damato (1999) a poética da

---

<sup>55</sup> Segundo Glissant (2011), a Transparência é o fundo do espelho que reflete o mesmo, um reflexo da humanidade ocidental que legitima e reflete o mundo à sua imagem.

<sup>56</sup> (...) ele andou entre as palavras, encontrando um odor que em verdade ele não tinha esquecido jamais. (GLISSANT, 1997, p.189, tradução minha).

Relação não tem a pretensão de inaugurar um sistema de análise e sim uma prática de investigação e de exploração de uma mesma realidade. Assim, a poética da Relação que parece já se fazer presente no primeiro romance de Glissant não pretende eleger um padrão de pensamento histórico, cultural e identitário, antes ela recusa o modelo universal que legitima uma única forma de conhecimento.

Para Glissant (2011), a Relação tem como característica a imprevisibilidade originada dos contatos entre realidades e culturas, resultando na ruptura, pois não há impedimento de mudança de direção: são movimentos de resignificação. A identidade-relação do romance *La Lézarde* (1997) questiona a legitimidade das filiações impostas pela identidade de raiz única, apontando a direção em construção que considera entrelaçamentos e uma rede de relações rizomáticas construída na totalidade-mundo. Nele a ideia de rizoma reforça a abertura, a pluralidade, o movimento e as conexões a diferentes lugares e culturas. A Relação é o princípio da nova visão de mundo, de uma totalidade-terra que não é fechamento.

O *La Lézarde* (1997) desenvolve uma narrativa de enfoque aos direitos do homem negro martinicano, questionando valores racistas de nações e sistemas que não se assumem preconceituosos. O poeta, ao externar sua história e de seu país, e ao ativar a memória, tenta fazer com que sua nação não esqueça seu passado. Assim, deixa transparecer em seu discurso romanesco a afirmativa de não pertencer a uma nação definitiva e, sim, ser cidadão do mundo. Tal fato condiciona o povo negro a um processo de desenraizamento, afinal como propõe Todorov em *O homem desenraizado* (1999), um sujeito pertencente a várias culturas ao mesmo tempo.

Portanto, a obra *La Lézarde* (1997) compreende que as lógicas que sempre organizaram os fatos, ações e histórias negras adotaram o caminho de exclusões das possibilidades das relações e leituras diversas, dispondo de respostas simplificadas e hierarquizadas, difundidas entre as gerações, que conseqüentemente se tornaram a única forma de interpretação do mundo. O romance reivindica uma nova visão dos acontecimentos na ilha; o processo gerado por esta mudança insta a interpenetração cultural sem limites, em que o mundo se crioualiza, no qual não há a construção de critérios hierárquicos, não há dominação de uma cultura sobre a outra porque os elementos na obra são colocados no mesmo processo de igualdade e importância: a crioualização exige a justaposição. Assim, entendida como movimento ativo, a crioualização é um dos elementos principais da Relação, explicitando o emaranhado entre duas ou mais culturas, ou ainda dentro de uma única, que se transformam através das relações que estabelecem.

A escrita Glissantiana é uma forma de alertar quanto à necessidade de valorizar a história e a cultura negra de um povo. O escritor busca, através de seu romance, uma consciência política e histórica pautada na heterogeneidade do mundo e capaz de superar as indiferenças e as injustiças, as quais os negros são comumente tratados. O *La Lézarde* (1997) procura fortalecer identidades e direitos, para que seja desencadeado o processo de afirmação da historicidade silenciada e da identidade negada ou distorcida, rompendo com o veicular de imagens negativas propagadas por diferentes discursos e meios.

Nesse sentido, o movimento de assimilação sofrido pela colônia passou a ser questionado, e por meio da obra buscou-se o reconhecimento de cada vestígio cultural. Em síntese, conhecer e interpretar a realidade martinicana consiste em reconhecer a noção de Relação e Caos-mundo, em consideração à dinâmica e imprevisibilidade em que não há a apropriação do outro e, sim, o direito à Opacidade. Por sua vez, o direito à Opacidade, reivindicado pelo poeta martinicano, em sua obra, abandona os modelos pré-definidos como verdadeiros e únicos, e estimula o reconhecimento dos olhares diferenciados no respeito às diferenças.

## 2.2 CRIOULIZ(AÇÃO)

As vozes inseridas no *La Lézarde* (1997) surgem, inicialmente, como expressão (in)consciente do coletivo, desviante da conduta do colonizador e enaltecida da face da resistência, os escritos de Glissant são pontuados por Kátia Frazão Costa Rodrigues, em *A construção da identidade no Caribe de língua francesa: Da Negritude à Antilhanidade: Césaire e Glissant* (2007), como uma escrita de reformulação do pensamento humano que possibilita o diálogo entre as diferenças e o engajamento social e político necessário ao progresso da humanidade (p.138).

Logo, a subjetividade glissantiana é vista, a partir do encontro dessas diferenças, como ponto interseccional de sua poética, estando ligada diretamente à questão identitária. A intenção literária do *La Lézarde* (1997), não é simples expressão do real, tão pouco é fusão de opiniões próprias, por ser a marca de pontos de vistas frente aos impasses da existência negra martinicana. Ela é consciência e fala em nome de uma causa que delinea novos contornos do tempo e da fuga dele, promovendo a comunhão de autor e leitores.

Rodrigues (2007) afirma que o pensamento de Glissant abrange as problemáticas humanas, dissolvendo fronteiras de países, continentes etc.; a ressignificação do sujeito

martinicano é jogo híbrido de proximidades e distanciamentos. Tão logo, o romance de Glissant não pode ser considerado um movimento isolado, em função de suas tentativas de ressignificação do sujeito martinicano, representando o entre-lugar de outras falas, porque sua narrativa é um apelo fundado em verdades exteriores que não se restringem, nem mesmo, à conscientização do negro colonizado.

A escrita do *La Lézarde* (1997) não se resume a apreensão do passado, aquilo que deve ser apreendido, cuja pintura é inversa ao exotismo no que diz respeito à antítese branco-negro, expressa nas perversidades exercidas pelo outro em sua passagem pela ilha; a obra denuncia o negro como alguém que, diante dos sofrimentos morais e sociais a que foi submetido, perdeu a noção da realidade e de si, e como propõe Fanon (2008), foi condicionado a perda do contato com o mundo e sua própria condição humana, entregando-se a coisificação. Essa dimensão psicológica do negro, denunciada nas produções de Glissant, evidencia uma auto fragmentação patológica do negro que fixa o drama e o sentimento de incapacidade do martinicano diante da supremacia francesa (branca).

O personagem *Mathieu* é um jovem em busca de outra história da região, aquela história que não é encontrada nos livros e arquivos escritos pelo colonizador. Ele vai ao encontro do *quimboiseur* – o conhecedor da tradição oral – *Papa Longoué*, negro velho ciente do seu papel enquanto portador da memória, para preencher as fissuras históricas. O jovem procura na memória do ancião a experiência da luta marrom e a genealogia de seu povo, demarcando as resistências à escravidão e seu papel de historiador descolonizado:

Et Mathieu s'était présenté avec un geste large dans la direction des maisons, comme s'il avait voulu signifier que *cela* s'appelait Mathieu (non Lambrienne), ou que lui (Mathieu) résumait par son nom toute la réalité éclore là-bas, sur l'ardeur des toits rouges; comme s'il avait voulu, une fois pour toutes, affirmer qu'il n'était point là par hasard, mais pour être venu au-devant de l'invité, au jour et à l'heure marqués. (GLISSANT, 1997, p.16)<sup>57</sup>

Na memória de *Papa Longoué* está o passado de seus ancestrais escravos e dos povos que perpassaram a ilha, cuja retomada dá ênfase a tradição oral, transmitida de geração em geração, visa revalorizar os mitos, retificar as distorções e ratificar as histórias e identidades.

A subjetiva indicação dos sofrimentos oriundos da deportação, da escravidão e das torturas faz da obra uma escrita marcada pela emoção; o primeiro romance de Glissant pode ser considerado, também, uma obra de cunho pedagógico que inova questões morais e valores

<sup>57</sup> “E Mathieu foi apresentado com um gesto largo na direção das casas, como se ele pretendia significar que esta se chamava Mathieu (não Lambrienne), ou que ele (Mathieu) resumia por seu nome toda a realidade que choca lá, sob o ardor dos telhados vermelhos; como se ele pretendia, uma vez por todas, afirmar que ele não estava lá por acaso, mas por ter vindo ao encontro do convidado, dia e hora marcados.” (GLISSANT, 1997, p.16, tradução minha).

como o respeito e a dignidade. É neste sentido que Glissant perpassa o *La Lézarde* (1997) com diversas interrogações, incita a reflexão dos leitores, sacode a consciência histórica reivindicando atitudes diante dos acontecimentos que silenciam a voz negra.

A interpelação do *La Lézarde* (1990) é interrogação e resposta ao lugar ocupado pelos negros e, antes de tudo, é estratégia de resistência, porque, como supõe o narrador, para os negros martinicanos “C’était la même tourmente, c’était le même charroi de révoltes et d’espoirs, mais apaisés, diffusés;”<sup>58</sup> (GLISSANT, 1997, p.27), que agora escreve uma história carregada do testemunho coletivo acerca do passado traumático, descrito em um tempo constituído do ficcional que remete ao que existiu. De fato, parece haver ambiguidade na escrita glissantiana, por vezes apresentando uma descrição da ilha, constituída pela miséria e revelando uma escrita de antítese branco-negro (RODRIGUES, 2007), no entanto, se nota que suas predicções compõem, ao fim, o cenário do drama vivido, revelando a dura realidade e escrevendo o desencanto da História Única. Esta representação do negro colonizado, e de sua(s) identidade(s), explicita o sofrimento moral e material a que o negro foi submetido. Assim desajuntado, ele perdeu a noção de si e da realidade entregando-se a coisificação instaurada pela escravidão e subserviência.

Quando *Mathieu* exprime: “les souffrances passées, les tournants impurs, et les défaillances: ce qui fixe déjà la solitude future.”<sup>59</sup> (GLISSANT, 1997, p.26), ele expõe a dimensão psicológica de seu povo, evidenciando a auto fragmentação patológica do negro e, na recorrência dessa, atesta a permanência de uma auto-inferiorização do negro no imaginário coletivo, diante da supremacia do branco, questão discutida e rotulada de “psicopatologia do negro” por Frantz Fanon em *Pele negra, máscaras brancas* (2008), como já demarcado neste trabalho em outros espaços. Em uma abordagem resumida acerca da constituição do sujeito, com base na teoria psicanalítica, Jacques Lacan, em seu seminário “*O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*” (1954-55), discorre que o exterior tem influência decisiva, afirmando que o “eu” se descobre no “outro”, mesmo se tratando de comprometimento involuntário. Pode-se supor, desta forma, que a relação que um sujeito mantém com o mundo é sempre ambígua, tratam-se de aproximações e distanciamentos, admirações e repulsas.

*La Lézarde* (1997) porta, segundo Damato (1995), uma dimensão ampla que desconstrói os relatos oficiais criados por nações dominantes, ao mesmo tempo em que legitima a nova ordem social, ao propor o reconhecimento das contradições internas vividas

<sup>58</sup> Era a mesma tormenta, era o mesmo cartage de revoltas e de esperanças, mais apaziguadas, difundidas. (GLISSANT, 1997, p.27, tradução minha).

<sup>59</sup> “(...) os sofrimentos passados, os tornando impuros, e as falhas: esta que fixa a solidão futura.” (GLISSANT, 1997, p.26, tradução minha).

por algumas sociedades que se formaram a partir dos processos de colonização. Como discorre a passagem, “Mathieu et ses amis avaient propagé la doctrine des libertés, sans vouloir se limiter (ainsi pensaient-ils) aux cadres d’un parti. Pieds nus par bravade, endimanchés par goût de l’insolite, noctambules tenaces. Le peuple, prompt à juger, accordait son indulgence.”<sup>60</sup>(GLISSANT, 1997, p.19); os jovens buscam descentrar de forma simbólica a autoridade dos modelos ocidentais sociais, políticos, identitários e históricos, que conduzem o mundo. A obra é cercada de questionamentos à autonomia do povo antilhano que em tudo assimilou a França, evidenciando a maneira como o mundo segue os modelos considerados de prestígio, porque, como afirma o narrador, só “Ainsi pouvaient-ils confronter la misère, et vouloir la combattre, sans s’étonner, sans se lamenter – avec puissance et raison, et un éclat naïf dont ils n’étaient pas maîtres.”<sup>61</sup>.(GLISSANT, 1997, p.20)

Ao considerar que a intenção poética de Glissant se organiza em torno da estruturação cultural advinda das relações dos homens com os fatores histórico e geopolítico, as questões identitárias e culturais da obra – martinicana e americana – vão buscar nos espaços marcados pela escravidão bases para problematizar a “não-relação” dos sujeitos negros com sua história, sua cultura e sua língua visíveis no processo de deposição do espaço, da língua e da história (DAMATO, 1995).

É preciso frisar que Glissant apresenta características consideradas por ele comuns à escrita das Américas, por exemplo, a reconstituição pelo passado – característica fundamental da produção literária de países que compõem o continente –, em busca da cronologia ocultada pela colonização, o que faz emergir um passado fragmentado da memória. No entanto, o autor não busca o tempo perdido e sim debate com o tempo conturbado. Neste sentido, a obra é a tentativa de instaurar um tempo durativo, mas não petrificado, colocando em evidência o espaço em que europeus e africanos vivem uma nova realidade. Segundo Glissant (2005), a escrita das Américas esta atada às estruturas moveis de suas paisagens, muitas vezes constituindo-se de espaços despedaçados, fragmentados e rizomáticos.

O primeiro romance glissantiano realiza ação criadora que visa o conhecer (FIGUEIREDO, 1998). A visão histórica que o autor insere em seus escritos é a visão da nação enquanto povo; o povo revisto pela ótica social e no centro de seu interesse. Desta

---

<sup>60</sup> Mathieu e seus amigos tinham propagado a doutrina das liberdades, sem querer limitar (assim pensavam eles) aos quadros de um partido. Pés descalços por bravura, dominados por gosto do insólito noctívagos teimosos. O povo rápido para julgar, concedia sua indulgência. (GLISSANT, 1997, p.19, tradução minha).

<sup>61</sup> Assim podem eles confrontar a miséria, e querer a combater, sem se surpreender, sem se lamentar – com poder e razão e um brilho novo onde eles não eram mestres. (GLISSANT, 1997, p.20, tradução minha).

forma, Glissant insta o leitor a pensar como as ressonâncias das transformações históricas podem modificar a vida cotidiana.

Glissant, atento ao mundo, demarca, através do *La Lézarde* (1997), uma das características da contemporaneidade: o crescimento vertiginoso do contato entre culturas e povos. Este é para o autor a base dos países colonizados e da atualidade globalizada, trata-se de um processo irreversível que se estabelece, por meio da Relação e da multiplicidade. É interessante assinalar que as noções de um (ser único) e do diverso (Relação) desenvolvidas pelo poeta martinicano apontavam para a reflexão das diferenças entre o pensamento ocidental e o pensamento da relação, uma oposição ao projeto universal ocidental de um indivíduo padrão. A própria noção de Relação pressupõe vínculos transversais e múltiplos, em referencia a uma postura ético-política que recusa a generalização ao trabalhar o pensamento plural.

O *La Lézarde* (1997) opõe o pensamento da conquista, desfazendo o centro de orientação cultural e histórica que define as normas e realidades, faz conhecer os sofrimentos e lutas de um povo, satisfeitos, como afirma o narrador, “(...)d’avoir ainsi connu son pays, les mirages, les laideurs, tous les éclats, et les grandeurs et les terribles quotidiens labeurs, les rires, les eaux, les sables, les misères, l’espoir et la rage, et la sueur et le sang, qui d’être ainsi pétris l’un dans l’autre formaient son pays.”<sup>62</sup>(GLISSANT, 1997, p.182). Na busca de desfazer as trajetórias definidas, os modelos impostos e o estado de passividade, expressos por meio da relação de receptividade, Glissant construiu em sua obra uma oposição ao universal, à postura limitada, aos enquadramentos de formações culturais. Assim, no que se refere à noção de tempo, ela não pode ser entendida como uma sequência de momentos – Filiação. A situação caótica da Martinica, vista a partir do romance, explicita as trocas e mudanças que provocam novas configurações políticas, culturais e sociais. *La Lézarde* (1997) é um projeto estético que leva em consideração essa dinâmica e movimento, considerando o(s) outro(s) na Relação.

Como já visto até o momento, o romance glissantiano – bem como sua poética – se constrói em movimento contínuo em que noções se imbricam a outras noções. Cada termo que compõe o pensamento do autor tem característica polissêmica, vai além da definição habitual. Esta ação trata-se de ampliação de sentido e abertura ao espaço de reflexão que estabelecem conexões em distintas direções e ideias. A indagação ao que o termo quer dizer, e

---

<sup>62</sup>(...) de ter assim conhecido seu país, as miragens, a feiura, todos os estouros, e as grandezas e os terríveis trabalhos cotidianos, os risos, as águas, as areia, e as misérias, a esperança e a raiva, e o suor e o sangue, que de ser assim amassados um no outro formam seu país; (GLISSANT, 1997, p.182, tradução minha).

sua amplitude de significado são a marca fundamental da poética de Glissant. Logo, limitar seu ponto de vista ou enquadrar suas noções em única referência é contradizer sua poética.

Desta forma, *La Lézarde* (1997) é o princípio da conexão e da heterogeneidade histórica, identitária e cultural da Martinica, por ser ele um movimento em direção ao outro, descentrando a origem, fazendo emergir um povo plural (DAMATO, 2005), como supõe a seguinte passagem da obra: “Cette gésine de son peuple, dont il avait maintenant l’image écartelée dans son esprit, dans qu’il en eût les souffrances dans le corps.”<sup>63</sup>(GLISSANT, 1997, p.183). Ele é multiplicidade em oposição ao único, entende o eixo determinante dos procedimentos interpretativos, mas rompe radicalmente com a ideia do uno; cria espécies de diferentes entradas, agenciamentos e resultados.

Em seu primeiro romance, Glissant evidencia o nomadismo circular, uma posição caracterizada pelo movimento em espiral, uma espécie de conciliação dinâmica, deslocamentos e multiplicidade de vínculos. Trata-se de uma obra que tem como pressuposto o conhecimento plural de uma realidade, igualando os elementos que a compõem, uma aceitação da confluência que não se hierarquiza diante da referência única – origem – mas que coexiste na Relação (FIGUEIREDO, 1998).

A leitura da obra conscientiza o leitor da necessidade de criticar e reconhecer a participação do negro na sociedade, promovendo novo olhar sobre o papel da literatura; esta luta proposta pelo poeta está fortalecida na consciência de ser negro, de ter a memória diferenciada e fazer a releitura da história, na busca de evitar que a violência, a pobreza e a desigualdade do passado continuem a serem reproduzidas. Portanto, *La Lézarde* (1997) é uma tentativa de resgate cultural e histórico, cuja paisagem guarda as lendas e pluralidades históricas que compõem um novo mapa da coletividade martinicana (DAMATO, 1995). Na obra, a história está contida na densidade da terra, na fala escrava, nos caminhos que evidenciam a dor das imposições e nas imagens da força da natureza. Os elementos metaforicamente descritos elucidam a presença da memória, expressam os diferentes povos disseminados que constituem a coletividade. Os personagens do romance são perpassados pelos rastros de sua história, esta que não foi incorporada pela consciência oficial.

*La Lézarde* (1997) tece a trama histórica da coletividade da Martinica (re)escrevendo o processo de resistência histórico-cultural dos negros no decorrer dos séculos, estes que são sobreviventes dos modelos escravocratas e da contemporaneidade assimilacionistas, fazendo emergir as narrações e catástrofes cotidianas. A Martinica é, para Glissant, um país-paisagem

---

<sup>63</sup> Este parto de seu povo, que ele já tinha agora a imagem rasgada em sua mente, em seu espírito que ele tinha os sofrimentos no corpo. (GLISSANT, 1997, p.183, tradução minha).



em que a terra é uma continuidade geográfica, com uma força que percorre florestas, montanhas, morros, litorais etc. Trata-se de espaços reais e imaginários que misturam o corpo à terra a partir de mergulhos que desafiam a obscuridade do mar e das noites. A escrita escrava retomada pela história guarda resíduos da memória. Assim, o romance ancora o mar e o oceano à terra e à coletividade martinicana fazendo ressurgir das profundezas marítimas a história propagada nas vozes do vento.

Em meio a toda essa fertilidade literária, de acordo com Rodrigues (2007), Glissant aparece submetendo em sua escrita personagens que enfrentam forças externas e internas, que ordenam sua “dupla identidade”. Tão logo o questionamento da identidade está relacionado com aquilo que se é individualmente e com aquilo que se é perante a sociedade. Percebe-se que, diante de uma miscigenação étnica e cultural, diferentes identidades se entrecruzam, resultando na imprevisibilidade prevista pelo autor. *La Lézarde* (1997) oferece ao leitor a interpretação de temas como a conduta humana, a busca das verdades que também se encontram na memória, o desmascarar do real e do imaginário; nele a alteridade implica na empatia, um sujeito que se coloca no lugar do outro, uma relação dialógica de valorização as diferenças.

Diante dos inúmeros conflitos de identidades culturais, vividos na atualidade, Édouard Glissant, em seu primeiro romance, aponta indagações sobre o tema, fornecendo em sua obra teórica *Poética da Relação* (2011) instrumentos para a compreensão da realidade descrita em suas obras ficcionais. No *La Lézarde* (1997) o autor concorda com o descentramento das identidades sob o estigma da fragmentação do sujeito e das sociedades. Para ele, o sujeito compreendido como unificado e dotado de razão – o iluminista – não condiz com a concepção de sujeito sociológico formado na Relação, uma inicial contraposição ao personagem *Mathieu*, um historiador que concluiu seus estudos na capital, que cede espaço para reconhecer as deficiências de sua formação essencialmente eurocêntrica. Esta concepção de sujeito sociológico é caracterizada por Hall (2001) como uma identidade em busca de equilíbrio entre o interior e o exterior, o pessoal e o público.

Glissant quando resgata do anonimato social a identidade negra e a coloca em conflito com os ideais eurocêntricos e hegemônicos, faz isso não para comover o leitor ou vitimar os negros, mas para marcar fortemente a consciência crítica ao compartilhar a luta contra a discriminação e a opressão (FIGUEIREDO, 1998). Em tempos de sujeitos descentrados e de identidades que se fragmentam é preciso refletir os elementos que constroem a tradição cultural. Assim o romance do autor, na sua qualidade de objeto cultural, torna-se capaz de formular hipóteses e desfazer estereótipos ao prospectar vozes até então negligenciadas, que

reivindicam os danos causados, que por sua vez são fortes geradores da pobreza extrema em consequência do racismo e de exclusões perceptíveis.

A sustentação da identidade martinicana é construída com o esquecimento de violências, no entanto a voz poética do romance denuncia e refaz a história de sofrimento e acima de tudo constrói a imagem de resistência de seu povo. O romance explosivo e acusatório transmite a vontade de libertação de toda opressão branco-patriarcal, nele o autor atua a partir de um eixo desconstrutor ao fazer uso da palavra para escrever um romance negro contemporâneo preocupado com o histórico, utilizando um tom que ultrapassa o texto.

O *La Lézarde* (1997) é resposta à exclusão, ao privilégio incontestável, às distorções raciais, aos silêncios, ao uso de estereótipos e a todo apagamento histórico e identitário; constitui ato essencial de sobrevivência das vozes que ecoam a trajetória de dor, e se mostra para curar as feridas. Através dele o autor busca a valorização da(s) identidade(s) negra(s) e da diversidade cultural, caminhando na contramão do preconceito e da intolerância. Ele atreve-se a questionar o discurso hegemônico etnocêntrico europeu que ignora a proatividade da identidade racial do negro da Martinica, esta sempre inserida em local de subserviência e opressão: *Il allait y saluer les premières floraisons du jours, ou se perdre dans le silence de la nuit peuplée de fantômes agiles. (...)*.<sup>64</sup> (GLISSANT, 1997, p. 50); *Mathieu* acredita que a mudança no imaginário começa a reverter o lugar de subservienciado negro, passando a enxergar nas fissuras da história a glória de seu povo.

*La Lézarde* (1997) apresenta um povo que se mistura a outros povos, seus personagens ultrapassam os limites fixos da nação e reivindicam a(s) identidade(s) em devir no mundo. Ao dissolver as barreiras entre espaços e tempos o autor reitera nações que têm sua história e sua identidade marcada pela repressão na força hostil do colonialismo. De acordo com Denis R. Pra (2012), a partir do romance é possível apreender importantes aspectos da vida social negra na Martinica. Composta de indivíduos e ações peculiares, a obra possibilita a compreensão do tempo e do lugar sob a nova perspectiva de análise. Trata-se de fornecer elementos importantes para a reconstrução dos espaços sociais martinicanos, em que o leitor, através da interpretação, poderá recompor um significado à nação diante do aparato de informações fornecidas.

Glissant, ao escrever seu primeiro romance ficcional teceu como principal referência a reflexão sobre a realidade do Caribe e dos países que (sobre)viveram ao processo de colonização, distorcidos de sua história e memória. A Martinica do romance, local

---

<sup>64</sup> Ele tinha louvado os primeiros florescimentos do dia, onde se perde no silêncio da noite povoada de fantasmas ágeis. (...) (GLISSANT, 1997, p. 50, tradução minha).

privilegiado de passagens, encontros e trocas entre culturas e pessoas, é um espaço aberto em movimento contínuo a outros espaços que se projeta em distintas direções (FIGUEIREDO, 1998). Atentando para o sentido glissantiano, o conceito de Crioulização e a noção de Relação estão ligados entre si, se completam e se conectam à “totalidade” – que por sua vez está verticalizada na ideia de outras realidades e não com definições ou conceitualizações homogeneizadoras – produzindo “mutações” nas culturas e povos postos em contato.

*La Lézarde* (1997) assume o local de exposição de relatos informativos e formativos que possibilitam visibilidade à memória do período e articula indivíduos e grupos dispersos pela repressão colonialista a suas identidades. Sua escrita é a busca da sobrevivência em meio ao segmento racial caracterizado pelo preconceito; ela enfrenta reações e dispositivos de recusa que se armam contra o respeito ao Outro. O segmento social em questão é o povo martinicano em busca de (res)significação e de (re)conhecimento sociopolítico como componentes de sua identidade.

Para Glissant, romper com a fidelidade colonial exige a recusa dos universais, das identidades fixas, do monolinguismo etc., atividade que ele exerce dentro de sua obra, em defesa e afirmação da identidade em Relação, uma noção que permite à identidade negra assumir múltiplas facetas em meio a tensões, conflitos e errância. A substituição de antigas ideologias identitárias pelo novo olhar da identidade-relação entre distintas culturas e comunidades caracterizam as lutas pela descolonização no ocidente.

Assim, da Antilhanidade à Crioulização, a história martinicana escreve a existência de indivíduos que se reinventam incitando o exercício de um olhar amadurecido sobre si e sobre sua história:

É preciso pensar o trauma antilhano como bloqueio, mas também como possibilidade de encontro com o desejo do outro, único caminho para a fantasia que, ao ser atravessada, alavanca o processo de subjetivação do drama, chamando para si o sujeito, fazendo com que ele assuma não só as responsabilidades, mas o gozo de uma vida. (RODRIGUES, 2007, p.151).

O que sempre deve ser ressaltado é que o primeiro romance de Glissant é uma forma de conhecimento com vista a uma postura ético-política em recusa à hegemonia de culturas que desconsidera o Outro como um processo plural. No que se refere à realidade da Martinica, vale frisar que a perspectiva glissantiana não descarta as influências francesas – europeias – na formação identitária martinicana. No entanto, o autor reestabelece o lugar ocupado por estas influências, levando em consideração todos os elementos que a constituem sem sobreposições ou julgamentos de valores.

Glissant combinou dramas pessoais com o panorama geral da história do país; ele aproxima o leitor ao passado com um olhar diferenciado, atento a detalhes. Assim, antes de todo processo de conquista é preciso visibilizar o legado deixado pelos africanos, enaltecendo as misturas que foram estabelecidas a partir dos contatos entre diferentes povos. *La Lézarde* (1997) chama a atenção para o fato de que é preciso ter conhecimento da complexidade que envolve o processo formador da identidade negra.

O romance *La Lézarde* (1997) é uma espécie de “etnopoética” associado à funcionalidade social e a responsabilidade de sua cultura, confrontando fortemente a política de seu espaço. Esta obra é nuance de luzes, constitui espaços de incursão à busca pelo tempo silenciado, e constrói o colonizado pelo próprio olhar, não mais pelo olhar do Outro. A poética glissantiana intenciona descolonizar o real na relação entre olhar e sentir, entre cultura e paisagem.

Glissant constrói um romance de cunho pedagógico ao abordar a conscientização dos negros e da organização de um povo reivindicador, na luta contra o sistema opressor, violento e preconceituoso. A partir de *La Lézarde* (1997) fica evidente que as barreiras sociais estão bem definidas e resultaram na construção de impedimentos invisíveis universais que dificultam, até os dias atuais, a ascensão social do negro. Nas páginas do romance, a discriminação racial começa a ser denunciada através da tomada de consciência dos personagens sobre sua condição de negro no passado e no presente.

O trabalho de Glissant é destacar a pluralização, o deslocamento e o jogo de identidades pensando as consequências diante da situação, e é neste sentido que ele tem sido lido pelo público crítico que se volta para as teorias e análises identitárias negras. Se nota que, ao escrever suas histórias, de posse de alguns percursos da vida do escritor martinicano, fica evidente a presença de episódios da experiência pessoal do autor nos enredos do seu romance. É possível arriscar que um escritor traça seus escritos a partir de sua experiência, ainda que se trate de um objeto desconhecido; no caso de Glissant, há uma marca autobiográfica, pois ao mesmo tempo em que o autor age, fica visível a posição crítica do poeta; transcrevendo o que por ele foi vivenciado, mudam-se nomes, ficcionaliza-se situações, mas há sempre um ponto de referência da memória. O poeta parece exteriorizar as suas discussões interiores, e, para este processo, ele faz uso da memória construindo identidades de seu lugar de enunciação.

O romance evidencia que ao longo dos séculos a luta foi intensa e repleta de instabilidades. Nos dias atuais, o negro martinicano ainda reclama seu espaço social e insta assumir o discurso sobre histórias reescritas por mãos negras. O negro sabe que, a categorização dele, em sua estigmatização de sujeito a-histórico, é uma tentativa de

aprisionamento a uma alteridade forjada e a um lugar social imposto. Este trabalho, quando fala em identidade estereotipada, atribuída ao negro, em especial ao negro martinicano, refere-se ao forjar social de intuito inferiorizante. Na comunidade martinicana, de acordo com o *La Lézarde* (1997), a identidade foi formulada historicamente com base na inferiorização das diferenças do corpo escravizado. Assim a assimilação à cultura e à história francesa foi um ideal de branqueamento que conduziu os negros da ilha a negação de sua “negridão”. Trata-se de um processo de alienação histórica diante de seu próprio corpo, levando-o ao “apagamento” de marcas históricas, memorialísticas e identitárias; *La Lézarde* (1997) denuncia as contribuições para a aquisição de uma identidade rotulada e os impedimentos do negro martinicano de tomar posse de suas histórias, culturas e identidades.

### **3 HISTORIA E MEMÓRIA: O NEGRO DA MARTINICA**

A primeira treva foi o ser arrancado à terra cotidiana, aos deuses protetores, à comunidade tutelar. Mas isso ainda não é nada. O exílio suporta-se, mesmo quando sidera. A segunda noite foi de torturas, de degenerescência do ser, provocada por tantos incriveis sofrimentos. Imaginem duzentas pessoas amontoadas num espaço que mal poderia conter um terço delas. Imaginem o vômito, a carne viva, os piolhos pululantes, os mortos jacentes, os agonizantes

apodrecendo. Imaginem, se forem capazes, a embriaguez vermelha das subidas ao convés, a rampa que é preciso subir, o sol negro no horizonte, a vertigem, esse deslumbramento do céu colado às ondas. Vinte, trinta milhões de deportados durante dois séculos ou mais. A degradação, mais sempiterna que um apocalipse. Mas isso ainda não é nada.

(Édouard Glissant, *Poética da Relação*, 2011, p.17).

Este capítulo propõe interfaces entre memória e história, contidas na leitura da paisagem martinicana, na dicotomia entre planície e montanha presente na obra *La Lézarde* (1997), com o objetivo de manter vínculo com o passado por meio da articulação de duas abordagens que ressignificam representações e valores negro-martinicanos. Para tanto, se relaciona as reflexões teóricas de pensadores como Pierre Nora, em *Entre memória e história - a problemática dos lugares* (1993), Jacques Le Goff em *História e memória* (1994), Maurice Halbwachs em *A memória coletiva* (1990), Paul Ricoeur em *A memória, a história, o esquecimento* (2007), cujos enfoques retomam o paradoxo da incapacidade de lembrar ou da perda da consciência histórica.

De origem latina, a palavra “memória” deriva de outras duas - *menor* e *oria* - significando o “já vivido” e “o que se lembra”; denotando a ligação com o passado, o termo valida a identidade – que permeia aspectos do pessoal ao coletivo – pois, como enfatiza Neves, na memória:

(...)se cruzam passado, presente e futuro; temporalidades e espacialidades; monumentalização e documentação; dimensões materiais e simbólicas; identidades e projetos. É crucial porque na memória se entrecruzam a lembrança e o esquecimento; o pessoal e o coletivo; o indivíduo e a sociedade; o público e o privado; o sagrado e o profano. Crucial porque na memória se entrelaçam registro e invenção; fidelidade e mobilidade; dado e construção; história e ficção; revelação e ocultação. (NEVES,1998, p.218)

Ainda sobre a etimologia da palavra, o termo memória significa a faculdade de reter ou reavivar ideias, expressões, imagens e conhecimentos. A memória e a forma como ela funciona são temas de estudos recorrentes entre filósofos e cientistas há séculos, e que vem se adequando às funções, utilizações sociais e regramentos nas mais diferentes sociedades humanas.

Consideradas antagônicas, a memória e a história – montanha e planície na representação romanésca glissantiana – surgem como duas abordagens do passado. A

proposta de Glissant, de retomar a memória negra de seu país, leva a pontuar que o conceito de memória, no sentido de patrimônio histórico, firmado nos últimos anos da década de 1980 entre historiadores, levou diversos grupos a dela se ocupar, na tentativa de salvaguardar seus acervos históricos, materiais ou imateriais. Em síntese, Le Goff (1994) afirma que as reflexões sobre a memória – individual e coletiva – atribuídas aos textos na década de 1950, se enveredam por caminhos teóricos e analíticos de crítica a metafísica ocidental, abrindo diálogo com a sociologia, a antropologia e outras áreas do cientificismo, tentando compreender produções realizadas às margens da história oficial; portanto, a memória se tornou relevante na medida em que se buscou investigar as origens da cultura popular de forma a demarcar a identidade de povos, atentando-se para seus costumes e tradições, sobre isto cita-se:

[...] a memória não é apenas uma conquista, ela é também um instrumento de luta pelo poder, já que decidir a respeito do que deve ser lembrado e do que deve ser esquecido integra os mecanismos de controle de um grupo sobre o outro. (LE GOFF, 1994, p.476)

A escolha da paisagem-memória como aspecto analítico deu-se, neste trabalho, de forma subjetiva, sendo tratada como gênero artístico. Anne Cauquelin (2007) discorre que aquilo que muitas vezes é chamado de paisagem se refere, em sua maioria, à lembranças, contos, relatos e aquilo que se é guardado na memória. Neste sentido, Simon Schama, em seu livro *Paisagem e Memória* (1996), afirma ser a constituição da paisagem uma forma de percepção humana e estratos da terra:

Pois, conquanto estejamos habituados a situar a natureza e a percepção humana em dois campos distintos, na verdade eles são inseparáveis. Antes de poder ser um repouso para os sentidos, a paisagem é obra da mente. Compõe-se tanto de camada de lembranças quanto de estratos de rochas. (SCHAMA, 1996, p.17).

Dentre as distintas noções e estudos da paisagem, o que mais se encaixa à obra *La Lézarde* (1997) é o de paisagem cultural:

Então, a paisagem cultural refere-se ao conteúdo geográfico de uma determinada área ou a um complexo geográfico de um certo tipo, no qual são manifestas as escolhas feitas e as mudanças realizadas pelos homens enquanto membros de uma comunidade cultural. (ROSENDAHL, 2003).

Pelas palavras dos supracitados pensadores, há a necessidade de fazer um estudo sistêmico, de trabalhar diferentes contextos e conceitos, e analisar o espaço e suas diferentes

transformações, não apenas espaciais mas sobretudo sociais, logo, histórico-culturais. Uma vez entendida para além de um fruto da produção e reprodução colonial, a paisagem martinicana assume papel fundamental nos processos históricos negros que não podem ser separados de seu contexto dominante. A partir de tal constatação é possível identificar a memória como outro importante tópico no estudo dos fatores da paisagem, afinal ela não padece, não deixa cair no esquecimento total os eventos, práticas, costumes, associados à Martinica negra, tornando possível (re)conhecer a partir dela tradições e identidades. O relato dos personagens *Thael* e *Mathieu* no deslocamento por diferentes caminhos e direções é emblemático neste sentido.

Interessa a este trabalho, portanto, o estudo de como os discursos imagéticos se manifestam e constituem a paisagem martinicana. Na abordagem tomada no romance glissantiano, as implicações da paisagem formam um discurso instaurador de histórias, que por sua vez estabelece-se a partir da memória, tendo como fio condutor as experiências negras.

No âmbito dessas discussões, considera-se a narrativa memorialística de Édouard Glissant em *La Lézarde* (1997) o reivindicar da história e da memória martinicana e um veículo de representações do panorama geopolítico da ilha; a obra evidencia um povo formado pela compilação de fatos históricos oficiais que ocupam maior lugar na memória dos sujeitos, acontecimentos passados selecionados e classificados, e fatos ocultos, silenciados pelo sistema opressor. No geral, a história martinicana começa onde termina a tradição; um momento de apagamento e de distorção da memória coletiva negra. É em contraponto ao antagonismo entre memória e história que o poeta martinicano vê na subsistência das lembranças negras, descritas na imagem dos lugares e paisagens, a necessidade de fixá-las por escrito em uma narrativa, para que sejam lidas as palavras, os pensamentos e os acontecimentos que dão suporte a um determinado grupo.

Boudraa (2012) discorre que “Appréhender le “réel” chez Glissant consiste d’abord à faire l’observation du rapport au paysage, car appréhender le langage du paysage permet la connaissance de soi.”<sup>65</sup>(p.4), assim subentende-se que pela leitura paisagística se pode entender todo o conjunto cultural antilhano, composto da herança africana, com seus mitos e tradições orais, e da experiência do novo mundo, ao que diz respeito a relação com outros países.

---

<sup>65</sup> Compreender o “real” em Glissant consiste em fazer a observação da relação com a paisagem, pois apreender a linguagem da paisagem permite o conhecimento de si mesmo. (BOUDRAA, 2012, p.4, tradução minha).



Em suma, o romance denuncia o apagamento cultural da Martinica que condiciona a ilha a uma dependência econômica e psicológica, e os extravios espaciais e temporais. Logo, a história do povo negro martinicano, repito, é ofuscada pelo culto à terra mãe – França, quando em termos de colonização, e África em ocasião do movimento da Negritude –. Glissant (2011) acredita que o estatuto de departamento francês e a fidelidade à África bloqueiam no imaginário martinicano o processo de sua capacidade ativa no contexto histórico e cultural de seu país, assumindo através de seu primeiro romance a missão de denunciar e ressignificar os elos políticos e sociais.

Em uma tentativa de apontar a mudança de olhares e posicionamentos, a trama romanesca inicia com o deslocamento de *Thael*:

Thael quitta sa maison, et le soleil baignait déjà la rosée mariée aux points de rouille du toit. Première chaleur du premier jour! Devant l’homme, l’alée de pierres continue vers l’argile du sentier; un flamboyant à cette place élève sa massa rouge, c’est comme l’argile de l’espace, le lieu où les rêves epars dans l’air se sont enfin rencontrés. Thael marcha loin de l’allée, s’arrachá de la splendeur de l’arbre. Résolument il enfonça dans la boue, et accompagna le soleil.

Mais il s’arrêta, et d’en bas fit comme un signe de connivence et d’adieu. Et il entendit les cris de son trapeau (il avait pourtant rempli l’abreuvoir); et lui sembla voir, comme du haut du manguier qui domine la maison, l’échiquier sans ordre des tôles où le soleil joue chaque jour sa partie solitaire et jamais gagnée. Alors il connu le frisson de ceux qui pleurent doucement un bonheur enfui.

Plus bas encore, la route est semée de pierres – les ingénieurs dans ce pays n’achèvent pas les routes. Thael avait la maîtrise des cailloux coupants, quoiqu’il ne fût jamais allé bien loin dans la direction qu’il suivait maintenant. Il aperçut bientôt, dais du pont d’eau, la masse du prunier qui, à cette place, marque de jaune (c’est un prunier moubin) la limite extreme du connu: faisant ainsi écho à la familière pourpre du flambouyant d’en haut. (GLISSANT, 1997, p.13)<sup>66</sup>

A partir dela é possível notar uma análise do personagem a paisagem que avistava todos os dias do alto da montanha, no entanto, *Thael* passa a perceber nela elementos distintos em sua formação. Na medida em que ele desce, a paisagem vai se configurando, criando características próprias e a história de seu povo ganha mais destaque com a incidência de memórias contidas nas rotas, trilhas, planície. Em uma espécie de despedida das amarras de um conhecimento estático e de boas vindas ao novo olhar sobre si e seu mundo, o jovem personagem passa a sentir a dor e a felicidade daqueles que lutaram e resistiram bravamente

<sup>66</sup>Thael deixa sua casa, e o sol já banha o orvalho misturado aos pontos de ferrugem no telhado. Primeiro calor do primeiro dia! Em frente ao homem, o corredor de pedra continua em direção a argila do caminho; um famboiã neste lugar levanta sua massa vermelha, esta é como uma argila do espaço, o lugar no qual os sonhos espalhados são finalmente encontrados. Thael caminha longe do corredor, absorve o esplendor da árvore. Decididamente ele afunda na lama e acompanha o sol.

Mas ele parou, e embaixo fez um sinal de cumplicidade e de despedida. E ele ouviu os gritos de seu rebanho (ele tinha portanto preenchido o reservatório); e ele parecia ver, desse topo da mangueira que domina a casa, o tabuleiro sem ordem das placas onde o sol joga todos os dias sua parte solitária sem jamais ganhar. Então ele conhece a emoção daqueles que choram lentamente uma felicidade que escapou.

Mais abaixo ainda, a estrada está cheia de pedras – os engenheiros deste país não concluem as estradas. Thael estava no controle dos seixos afiados, embora nunca tivesse ido tão longe à direção que ele estava seguindo agora. Ele logo percebeu, dossel do ponto d’agua, a massa da ameixa que, neste lugar, marca de amarelo (é uma mata de ameixa) o limite extremo do conhecido: fazendo assim ecoar a familiar púrpura do famboiã do alto. (GLISSANT, 1997, p.13, tradução minha).

por ele, caminhando por direções antes não imaginadas, ultrapassando o limite do seu conhecimento.

A paisagem martinicana tem, para o representante do negro marrom (*Thael*) algo de misterioso, a começar pelo fato de ter enfrentado a interferência da mão colonial e ainda assim conservar histórias ocultas e plurais; neste misto de imensidão e mistério, a paisagem causa deslumbramento no personagem, como é compreensível no fragmento infra:

Thael s'arreta encore sous les ombrages dangereusement frais de l'arbre; il foulait un tapis de fruits dédaignés par l'homme, oui, redoutables, et méprisés par les hommes futiles. Le voyageur haletant des efforts de la course, evite cette halte. Mais Thael n'avait à craindre nul refroidissement; il n'était enconre qu'au début de la course. La sueur et le sang viendraient ensuite. Ainsi pensa-t-il. Et ramassant une prune jaune il la magea comme par défi.

Alors, il entendit les chiens. *Sillon! Mandolée!*...noms de legende chers à cet homme nourri de contes et de mystères. Les chiens avaient concentre en eux toute la passion d'en haut, ils troublaient seuls la limpidité de la montagne: pour cette raison Thael les estimait et les fuyait a la fois. Or, les bêtes connaissaient la répulsion du maître, répulsion toujours vaincue. (...)

Être montagnard, dans ce pays de toute montagne qu'allèche toujours et de partout la tentation de la mer, suppose une suprême vocation du refus. D'autant que la montagne ici ne se départit jamais d'un manteau de brousse (...); manteau du corps secret, dernier refuge de la solitude tout unie, que la passion n'éclaire ni n'embrume. (GLISSANT, 1997, p. 14).<sup>67</sup>

O personagem sabe que aquele é apenas o começo da luta que precisará travar consigo e com os seus, reconhecendo os esforços de seus antepassados ao ter se retirado de seu lugar familiar e protetor, *Thael* desce a montanha carregando em si os segredos e refúgios de um passado que o ilumina e o orgulha da sua cor.

Cabe destacar que, este novo olhar sobre seu local é conduzido sem a sobreposição de elementos, abarcando distintas linguagens e objetos, a paisagem possibilita a (re)formulação de várias imagens da ilha. O narrador descreve o observar de *Thael* sobre os espaços:

La terre aux environs de Lambrienne est d'une épuisante splendeur. S'échappant de la route comme un drap léger qu'un dormeur déplace loin de lui, la savane va mourir à la lisière d'un maquis de goyaves. Thael regardait: la pente ici douce du vert tendre et le déchiqettement du vert opaque là-bas étaient séparés par un mince fillet bruni,

<sup>67</sup>Thael parou ainda sob as sombras perigosamente frescas da árvore; ele pisoteou um tapete de frutas desdenhado pelo homem, sim, temíveis, e desprezados pelos homens fúteis. O viajante ofegante dos esforços da corrida, evita esta parada. Mas Thael não tinha nenhum medo de esfriar; ele não estava mais do que no início do curso. O suor e o sangue vieram a seguir. Então ele pensa. E pegando uma ameixa amarela ele a come como que por desafio.

Então ele ouviu os cães. *Sillon! Mandolée!*...nomes de lendários queridos a este homem nutrido por contos e mistérios. Os cães tinham concentrado nele toda a paixão do alto, eles perturbam sozinhos a limpidez da montanha: por esta razão Thael os estimava e fugia deles por vezes. Agora os animais conheciam a repulsão do mestre, repulsão sempre vencida.

Para ser um montanhista, neste país em que toda montanha sempre alicia e sempre há a tentação do mar, supõe-se uma suprema vocação de recusa. Especialmente que a montanha aqui nunca se afastou do manto de arbustos (...); o manto do corpo secreto, último refúgio da solidão unida, que a paixão não ilumina e nem se envolve. (GLISSANT, 1997, p. 14, tradução minha).

la rivière même qui passait sous le pont d'eau. A l'ouest, l'apomb des bambous rejoignait les goyaves après milles cassures d'ombre; à l'est cependant, accourait un rideau de pluie comme un vol de fléchettes lancé sur la vallée. Le soleil venait d'apparaître (Thael l'avait devancé) derrière les remblais enormes auxquels s'agrippait la route; remblais où les canalisações de métal noir aménagées pour la descente des cannes à sucre semblaient de loing des toboggans, effrayants à force d'avoir été redressés et maintenus droits et rigidez. Tournoyant sur l'appui du pied gauche, Thael fit le toboggan avec la main droites, balancée comme un poids. Moulin-rivière-goyaves-pluie-route-remblais-soleil-moulin-rivière-goyaves-plui...Lorsqu'il s'immobilisa, dans le prolongement de la main apparut – comme un enfantement de la vitesse et du vertige (...) – Mathieu. (GLISSANT, 1997, p. 14-15).<sup>68</sup>

E segue com a descrição do espaço e do encontro entre os jovens personagens:

Thael eut un mouvement de rage. L'intrus interrompait son tourbillon, cassait net son ivresse, était venu trop tôt! Tout aussi vite il se calma. Le soleil pesait; le chemin suivait de grasses allées d'herbe para, aux odeurs de taureaux. Ils débouchèrent (thael et Mathieu) sur la grande artère coloniale, la route noire, d'où le mirage de chaleur faisait lever des rivières verticales, avec des courants paresseux. Alors ils tournèrent dans la direction de Lambrienne. Ce n'étaient que détours, fraîcheus subites, tamis de bruit. Si loin que l'on remonte dans le souvenir, nul chemin n'offre autant de quietude à la fois et d'agitation. Sur le côtes de la route, et légèrement en contrebas, des maison; mais si discrètes et en quelque sorte abandonnées du mouvement dont eles marquent les rives, que l'on hesite à croire qu'elle couvent des misères atroces et têtues. Leur rayonnement cependant (car le voyageurs ne peut s'empêcher de les sentir proches et lointaines) emplit la route d'une douceur amère. Même les cars bruyants, orchestres et vaisseaux du désert quando ils traversent ce silence, ne peuvent influer sur la nature ambigue du lieu, décider soudain qu'il est vivant, ou le rejeter au contrair ( et sans retours) dans son imobilité fraîche. Thael ramassa une pierre et à toute volée fracassa un peu de silence. Mathieu sourrit. (GLISSANT, 1997, p. 15-16).<sup>69</sup>

Inscreve-se, nos deslocamentos de *Thael* na descida a montanha e de *Mathieu* no seu encontro com a paisagem no percurso contrário (agora retornando a planície junto ao

<sup>68</sup>A terra em torno de Lambrienne é de um extenuante esplendor. Escapando da estrada como um feixe de luz que um dorminhoco afasta para longe de si, a savana vai morrer a beira de um matagal de goiabas. Thael olhava: a inclinação suave do verde tenro e a trituração do verde opaco eram separados lá embaixo por um fino filete marrom, o rio mesmo não passava sob a ponte de água. A oeste, o prumo dos bambus juntou as goiabas após mil quebras de sombra. A leste, no entanto, correu uma cortina de chuva como dardos voadores lançados sobre o vale. O sol começava a aparecer (Thael tinha percebido) atrás dos enormes aterros aos quais se agarrava a estrada; aterros nos quais as canalizações de metal preto indicavam para a descida da cana de açúcar que pareciam de longe tobogãs, assustando com a força de terem sido recuperados e mantidos retos e rígidos. Girando sob o apoio do pé esquerdo, Thael fez o tobogã com a mão direita, equilibrado como um peso. Moinho-rio-goiabas-chuva-estrada-aterros-sol-moinho-rio-goiabas-chuva...Quando ele se imobiliza, no prolongamento de sua mão aparece – como um nascimento da velocidade e da vertigem (...) – Mathieu. (GLISSANT, 1997, p. 14-15, tradução minha)

<sup>69</sup>Thael estava em um movimento de raiva. Um intruso interrompeu seu turbilhão, quebrou sua embriaguez, tinha vindo muito cedo! Rapidamente ele se acalmou. O sol pesava; o caminho seguiu grossas fileiras de pastagem, aos odores de touros. Eles saíram (Thael e Mathieu) sob a grande artéria colonial, a estrada negra, de onde a miragem do calor fazia levantar rios verticais, com as correntes preguiçosas. Então eles tomaram a direção de Lambrienne. Este não era mais do que desvios, arrepios repentinos, peneiras de ruídos. Na medida em que se volta à memória, nenhum outro caminho pode oferecer tanto quietude quanto agitação. Sob as costas da estrada, e ligeiramente abaixo, as casas; mas tão discretas e de certa forma abandonadas do movimento em que elas marcam as margens, que se hesita acreditar que ela conserva misérias atroz e teimosas. Seu brilho no entanto (para o viajante não pode deixar de senti-lo próximo e distante) enche a estrada com amargura e doçura. Mesmo os carros ruidosos, as orquestras e os navios do deserto quando eles atravessam este silêncio, não podem influenciar a natureza ambígua do lugar, decidir de repente que ele está vivo, ou rejeitar o contrário (e sem retornos) em sua imobidade fresca. Thael pegou uma pedra e a toda vontade esmagou um pouco do silêncio. Mathieu sorriu. (GLISSANT, 1997, p. 15-16, tradução minha).

descendente do negro marrom) a mudança de pensamento em relação a si mesmo, a seu passado e a seu povo. A partir disso, é possível começar a delinear histórias negras que não existem nos livros; o não-visível é trazido para oferecer elementos que despertem uma nova leitura negro-martinicana. Por meio do deslocar-se, *Thael* e *Mathieu* deparam-se mais com descobertas sobre si do que sobre a Martinica, porque suas inquietudes fazem com que eles, indo além do aproveitamento das maravilhas oferecidas em seu solo, encontrem respostas para suas perguntas.

Observando os fragmentos supracitados, pode-se, ainda, afirmar que já não se pode mais falar da paisagem martinicana apenas como bidimensional, afinal o romance incita as tramas dos distintos povos e homens que de alguma forma estiveram na ilha, não apenas a dicotomia França *versus* África, e agora por meio da reflexão da relação dos negros com ela. No *La Lézarde* (1997) é a experiência do negro com a travessia que imbrica a memória à paisagem. A passagem dos dois personagens por diferentes paisagens da ilha retoma os rastros da ação do corpo negro, inserindo-os no espaço e no tempo; os corpos negros não estão presentes, mas sua falta e ausência estão. O romance convida ainda a pensar o inverso, não mais a memória na paisagem e sim a paisagem da memória, implicando nas relações que a história negra tem com ela. A partir do olhar de *Thael* e *Mathieu*, ao se encontrarem na montanha, caminhando agora na mesma direção, o caráter simbólico dos lugares revela-se como algo que precede a razão discursiva por apresentar aspectos do real.

Ao considerar a escrita como um rastro, o *La Lézarde* (1997) é a organização de fragmentos da memória em função do editar das paisagens, avançando a paisagens outras. E, para avançar a novas paisagens é preciso se considerar as confluências entre escrita e apagamento, lembrança e esquecimento.

O narrador descreve a paisagem que pode ser compreendida como “[...] o conjunto de forma que, num dado momento, expressam as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza.” (SANTOS, 2002, p. 103), apresentando-a como uma coleção de memórias do passado negro, por meio da qual é possível a reapropriação de diversas etapas de evolução histórica da Martinica. A paisagem no *La Lézarde* (1997), enquanto discurso, dá contorno e caráter as relações e espaços que constituem a ilha da Martinica. Os espaços martinicanos são constituídos no jogo entre funcional e simbólico, material e imaterial, valorizando a ideia de território no sentido relacional e processual.

Assim, *La Lézarde* (1997) propõe um distanciamento da Metrópole, para abrir caminho ao reconhecimento de si e da comunidade martinicana, levando a crer ainda que “un

retour à la terre-mère (Afrique) semble à priori irréalisable”<sup>70</sup> (BOUDRAA, 2012, p.33), restando apenas a alternativa de sustentar as identidades e as histórias no solo antilhano para alcançar a diversidade proposta por Glissant – mais uma vez a inserção da noção de criouliização, base da Poética da Relação. No espaço da Martinica, tudo se tornou francês: a história, a geopolítica, e até mesmo a língua da população; tendo esquecido sua história, sua memória e sua própria terra, *Garin* afirma:

C'est un trou, même pas, on ne peut pas dire que c'est un trou, c'est un assemblage, il y a la terre, mais on ne peut pas la cultiver, il y a les maisons mais elles tombent sous le vent, il y a les hommes ! Que font-ils ? Ils ne travaillent pas la terre, ni le métal, ni la roche. C'est sale, mais c'est terreux, et il n'y a pas d'outils.<sup>71</sup>(GLISSANT, 1997, p. 126-127)

O oficial *Garin* ao descrever a situação da ilha termina por denunciar a comunidade martinicana, em sua submissão e subserviência, características que não compõem uma suposta passividade, porque o martinicano não pode ter o controle de suas terras. Para a juventude negra independentista do romance, a Martinica deve então reivindicar uma consciência coletiva, tal como proposta por Glissant, encontrando-a inicialmente ao se apropriar da paisagem. Essa busca pela recuperação dos espaços, das histórias e das identidades silenciadas pelos colonos e pela escravidão podem ser já identificadas no conceito de Antilhanidade; um anseio por tapar os buracos da memória: falar das lágrimas negras e estabelecer relações fora dos modelos ocidentais.

Glissant, ao criar a noção de Antilhanidade, compreendeu que toda cultura é antes de tudo “regional”, e percebeu que a interdependência econômica da ilha é mais forte que o passado que deseja reviver. Assim, a Martinica no romance ainda se vê submetida à pressões e opressões. Logo, o estilo do autor exprime o início da tomada de consciência por meio de processos de reivindicação. De escrita vibrante, carregado de imagens, o *La Lézarde* (1997) é a ponte que possibilita negociações entre o oficial e o silenciado; colorido, ensolarado e violento, o romance insinua um caráter histórico que revela o combate, cujo reencontro com o passado é reconhecer-se negro, não o negro desprezível ou um “verdadeiro” negro, como quer a cultura ocidental; reencontrar o passado é fazer-se crioulo, é reconhecer suas ramificações que há muito deixou-se de ver crescer.

<sup>70</sup> “um retorno a terra-mãe (África) parece à priori irrealizável.” (BOUDRAA, 2012, p.33, tradução minha).

<sup>71</sup> Este é um buraco, nem mesmo se pode dizer que é um buraco, esta é uma montagem, há a terra, mas não se pode cultivá-la, há casas, mas elas caem sob o vento, há os homens! Que fazem eles? Eles não trabalham a terra, nem o metal, nem a rocha. Isto é sujo, mas este é terrível, e não há ferramentas. (GLISSANT, 1997, p. 126-127, tradução minha).

A paisagem no *La Lézarde* (1997) desempenha papel de testemunha na evolução da comunidade, ao longo da narrativa ela se mostra cúmplice do povo negro. Os martinicanos na obra desprezam suas terras porque desejam um pertencimento à Europa – representados, com força maior, no grupo negro opositor –, contudo, para que uma comunidade se reconheça é preciso que seu povo finque raízes com o terreno em que vive.

Esta leitura da paisagem martinicana na obra, sem dúvida, influencia na maneira de pensar os negros e de viver o país, porque, ela é tempo e espaço, violência e beleza, real e mítico; um lugar de sofrimentos e extermínios; ela é testemunha da história, ou melhor, ela também é história, não apenas decoração, mas antes de tudo, um grito, como salienta o infra pensador:

Glissant conçoit le paysage comme une durée, dans laquelle cohabitent le passé et le futur. Le paysage du Nouveau Monde est une mémoire collective, et par conséquent approchable à travers une poétique de la durée, c'est-à-dire de l'accumulation, contrairement à la poétique de l'instant (la fulguration) qui caractérise plutôt le paysage européen.<sup>72</sup>(BOUDRAA, 2012, p.35)

Tão logo, sua oposição é dada frente ao que Boudraa (2012) chama de “francotropismo”, cuja denominação da paisagem na cena literária da época se abstinha a ideia do exótico.

No *La Lézarde* (1997) a montanha simboliza a resistência à dominação, refúgio dos negros marrons, ela deu a eles a liberdade; a planície, por sua vez, é o lugar onde se encontra todos os elementos que constituem a sociedade “moderna” martinicana; a floresta, em um instinto materno, portanto de proteção, acolhe aqueles que fogem da sociedade imposta pelos homens brancos. Seguindo este raciocínio, *Thael*, em sua montanha, se sente protegido dos perigos da planície, e carrega a resistência de seus antepassados; de acordo com Boudraa (2012), *Thael* é um protótipo de Zaratustra de Nietzsche, um indivíduo que vive sozinho nas montanhas alimentado por sua sabedoria particular, – uma suposta representação dos descendentes de negros livres, e do segundo século da ilha. A descida de *Thael* da montanha para a planície simboliza o compromisso de compartilhar com os moradores urbanos seus valores “naturais” em um desdobramento que se dá com a terra e a paisagem, e de ali também adquirir novos aprendizados. É também na floresta que *Mathieu*, fazendo o percurso contrário de *Thael*, vai alimentar-se da sabedoria de *Papa Longoué*, como dito anteriormente em outro

---

<sup>72</sup> Glissant conceitua a paisagem como um período, em que coabitam o passado e o futuro. A paisagem do novo mundo é uma memória coletiva, e por consequência uma poética da duração, ou seja de acumulação, contrariamente a poética do instante (a fulguração) que caracteriza a paisagem europeia. (BOUDRAA, 2012, p. 35, tradução minha)

espaço deste trabalho, um representante da memória coletiva e do passado heroico do negro martinicano.

Como supõe o título, a história central do romance se conecta ao rio *La Lézarde*, verdadeiro provedor da imagem da ilha; ele, ligado ao mar, permitiu a entrada de povos. O rio também é reflexo da escrita glissantiana, perpassando diversos espaços, montanha e planície, para simbolizar que as coisas não fluem em linha reta. *Thael* assim fala:

Fais-le [livre] comme une rivière. Lent. Comme la Lézarde. Avec des bonds et des détours, des pauses, des coulées, tu ramasses la terre peu à peu. Comme ça, oui, tu ramasses la terre tout autour. Petit à petit. Comme une rivière avec ses secrets, et tu tombes dans la mer tranquille(...) <sup>73</sup>. (GLISSANT, 1997, p. 226).

Nesta passagem, é possível compreender que o rio faz do corpo negro uma extensão dele; um sujeito composto de ressignificações, idas e voltas ao mesmo lugar com resultados novos a cada passagem, e mesmo diante do caráter diaspórico ele apreende o local e suas singularidades, sem jamais deixar de ser livre.

O rio, enquanto lugar traumático, é um local em que foram praticados atos de grande violência, como sugere a extração da obra:

Voici le lieu: un étirement de tôles, qu'avoisine familièrement la terre rouge. Entre la ville et les hauteurs, voici la route, gardée par le terrible fromager. A l'opposé, la plaine inaltérable, jusqu'aux blancheurs du sud. A l'ouest, la boucle tourmentée de la Lézarde: elle veut emprisonner la cité, mais soudain elle se reprend, elle refuse ce gardienage, et vers l'est, passé les cannes sinistre, elle se perd dans son delta. Sa goulée est parcourue de courants sales; la Lézarde n'a pas une belle morte. <sup>74</sup> (GLISSANT, 1997, p. 33).

No entanto, ele é, também, o sustentáculo das experiências compartilhadas, uma espécie de cemitério para os sobreviventes, de cenário das grandes vitórias para a classe dominante, de museu para aqueles que não têm vínculo direto, afinal ele é um local que porta as experiências da deportação, da diáspora, dos fatos opressores.

Como outro eixo importante na visão de Glissant, o mar se relaciona com a África, a Europa e o Novo Mundo, em verdadeiro paralelo com o homem, por ser testemunha do passado, testemunha das atrocidades do corpo negro, a imagem do mar é sinônimo de sofrimento e de morte; no entanto, para Glissant (2011), o mar, bem como o rio, também é

<sup>73</sup> Faça-o [livre] como um rio. Lento. Como La Lézarde. Com saltos e retornos, pausas, elenco, você pega a terra pouco a pouco. Assim, sim, você pega a terra toda ao redor. Gradualmente. Como um rio com os seus segredos, e tu caís no mar tranquilo (...) (GLISSANT, 1997, p. 226, tradução minha)

<sup>74</sup> Aqui o lugar: um trecho de mantos, familiarizado com a terra vermelha. Entre a cidade e as alturas, está a montanha, guardada pelo terrível queijeiro. No oposto a planície inalterável, até a brancura do sul. A oeste, a boca atormentada do Lézarde: ele quer aprisionar a cidade, mas de repente ela se recusa, ela recusa essa guarda, e para o leste, após as sinistras canas, ela se perde em seu delta. Boa parte está percorrida de correntes sujas; O Lézarde não é mais que uma bela morte. (GLISSANT, 1997, p. 33, tradução minha).

sabedoria, esperança e reconciliação, não apenas espaço da violência e do isolamento. A alienação do povo martinicano com sua própria paisagem leva *Mathieu* a exaltação, quando este afirma a *Thael*:

Elle n'a pas de racine – qui est-elle?- mais elle a plongé dans notre source, elle a remonté le temps, et connu cette puissance originele. Je sais qu'elle pleure sur moi: j'ai oublié le noir pouvoir. Et qui sommes-nous, et quoi si nous ne le disons pas, ici, à la face des mornes?<sup>75</sup> (GLISSANT, 1997, p. 42-43).

Concluindo mais adiante:

J'aime la terre pesante. Oui, j'aime ce goût de fadeur qu'elle a sur la peau. Je suis sombre comme la terre, et misérable, et comme elle fabuleux. Mais je suis aveugle. Je ne voir pas là sève couler dans les entrailles de la terre. Je suis sourd, et le mots n'ont pas connu le toucher de la roche, l'amour de la terre noire."<sup>76</sup> (GLISSANT, 1997, p. 43).

De acordo com o personagem, há um desconhecimento de si, de sua história e de seu povo, há uma espécie de cegueira, cuja cura estaria no sentimento de pertencimento; fatos não conhecidos ou encontrados em sua formação eurocêntrica.

Isto posto, pode-se arriscar dizer que, *La Lézarde* (1997) é uma poética de encontro e não de recusas, como supõe Michael Dash (1995), porque, para Boudraa (2012), Glissant fez da paisagem da Martinica um espaço equilibrado entre duas forças; sendo também, uma história de tensão entre o próprio povo negro: os escravos marrons e os escravos apreendidos, os negros independentistas e os negros assimilados. A obra seria também a denuncia aos binarismos, tentando desconstruir os elementos separatistas que compõe a comunidade martinicana.

Essa leitura sobre a paisagem remete a outra noção glissantiana, também desenvolvida na obra *Poética da Relação*, e que acredita-se aqui ser importante destacar: a opacidade<sup>77</sup>; é preciso salientar que o *La Lézarde* (1997) não descreve uma generalização, ou o todo-mundo, mas a experiência particular que se assemelha a outras experiências. Ora, se as Antilhas foram constituídas de diferentes grupos étnicos, seu aspecto de composição só pode ser expressado

<sup>75</sup> Ela não tem raça – quem é ela? – mas ela mergulhou em nossa primavera, ela remontou o tempo, e conheceu este poder original. Eu sei que ela chora sobre mim: eu tinha esquecido o poder negro. E quem somos nós, e o que nós não dizemos, aqui, face ao sombrio? (GLISSANT, 1997, p.42-43, tradução minha)

<sup>76</sup> Eu amo a terra pesada. Eu amo esse gosto inosso que ela tem sobre a pele. Eu sou escuro como a terra, e miserável, e como ela fabuloso. Mas eu estou cego. Eu não vejo que a seiva flui sobre as entranhas da terra. Eu sou surdo, e as palavras não conhecem o toque da rocha, o amor da terra negra. (GLISSANT, 1997, p.43, tradução minha)

<sup>77</sup> Para Glissant (2011), a opacidade a substituição da transparência cujo espelho não reflete mais o mundo à sua imagem; no fundo do espelho há agora a opacidade, um sedimento fértil depositado nos povos, inverti, inexplorado, quase sempre ofuscado e negado; uma presença que o autor acredita ser preciso deixar viver.



pela ideia de opacidade, muito embora os processos se assemelhem entre os espaços invadidos, situação instada por *Lomé* no pedido de propagação das histórias ocultas: “Tu leur dirás, avec des mots, tu leur dirás toutes les îles, non? Pas une seule, pas seulement celle-ci où nous sommes, mais toutes ensemble. Quand j’arriverai là-bas, tu auras déjà fait le travail. Mets que les Antilles c’est tout compliqué.”<sup>78</sup>(GLISSANT, 1997, p. 228), e ainda mais claramente entendida na fala de *Thael*: “(...)Pourquoi suis-je si compliqué? Parce que ma terre l’est aussi.”<sup>79</sup>( GLISSANT, 1997, p. 175).

No *La Lézarde* (1997) a terra está intimamente ligada ao tempo, ou seja, a história; é na posição das Antilhas, em sua aparência de arquipélago, que o pensamento de Relação começa a assumir dimensões explícitas na escrita glissantiana; para ele, a relação da terra com o que está ao seu redor se dá em uma posição horizontal, portanto não vertical; as representações das árvores, presentes na obra, surgem para simbolizar que o crescimento de uma planta é dado em sua altura, no entanto, é em suas raízes que se dá a relação, dita, rizomática. O autor, sobre as Antilhas, as Américas e a Poética da Relação, afirma:

Nous ne révélons pas en nous la totalité par fulguration ; nous l’approchons par accumulation de sédiments. Le sé- diment c’est d’abord le pays où ton drame se joue. Tout de même qu’elle n’est pas une pure abstraction remplaçant l’ancien concept d’universel, la relation n’implique pas un détachement œcuménique : le paysage de ta parole est pour toi le paysage du monde ; mais sa frontière est ouverte.  
<sup>80</sup>(GLISSANT, 1981, p. 13-14)

Glissant insiste na ideia de abertura e de fronteiras permeáveis, não se limitando ao passado, pintando as metáforas da paisagem para falar das chegadas e vivências sofridas daqueles que adentraram de forma “trágica” ao novo mundo.

A memória, por sua vez, com sua propriedade inerente de reter informações, remete inicialmente a funções psíquicas. No entanto, este trabalho, não pretende fincar suas reflexões no campo da psicanálise ou psicologia e, desse modo, procura demarcar o conceito de memória em relação a outros campos do conhecimento, tais como a Literatura, a Filosofia. Há, na memória, um fenômeno de “reconhecimento”, uma relação afetiva com o passado que veicula lembranças de acontecimentos vividos, no entanto, o esquecimento e a seleção do que será memorizado também são dela constitutivos, como propõe Ricoeur (2007).

<sup>78</sup> “Diga-lhes, com palavras, tu falaras de todas as ilhas, não? Não uma única, não apenas esta aqui que nós estamos, mas todas juntas. Quando eu chegar lá, tu já terás feito o trabalho. Coloque que a Antilhas é toda complicada” (GLISSANT, 1997, p.228, tradução minha)

<sup>79</sup> “Por que eu sou tão complicado? Porque a minha terra é também.” (GLISSANT, 1997, p.173, tradução minha)

<sup>80</sup> Nós não revelamos em nós a totalidade por fulguração; nós a aproximamos pro acumulação de sedimentos. O sedimento é antes de tudo o país em que seu drama é jogado. Mesmo assim ela não é mais que uma abstração substituindo o antigo conceito universal, a relação não implica um desapego ecumênico: a paisagem da fala é para você a paisagem do mundo; mas a sua borda está aberta. (GLISSANT, 1981, p. 2-14, tradução minha)

Parafrazeando Zumthor (1997), a memória transforma, de forma consciente ou não, o passado. Ela também perpassa tudo aquilo que é recorrente, até consigná-lo como simbólico, podendo, assim, criar mitos ou novas maneiras de descrever o real, sendo outra forma de estabelecer “verdades”. Por sua vez, a história instaura uma distância, descrevendo – pelo historiador – na maioria das vezes, um passado que não viveu. Seu posicionamento em relação às reflexões exige um distanciamento das relações afetivas, agindo como investigação, combatendo o esquecimento por meio da hierarquização e classificação dos fatos, sempre estabelecendo vínculo com a escrita.

Na Martinica, o movimento de reprodução da memória coletiva por meio da tradição oral é comumente representada através de lendas, ditados, lembranças, imbrincadas em um discurso poético cujo sentido, na maior parte das vezes, só pode ser dado na leitura completa dos longos parágrafos perpassados por múltiplas vozes que compõem o La Lézarde (1997); uma abordagem que demarca a cultura crioula da ilha de base na oralidade, em função disso cabe retomar o fato de que a negação da língua crioula resultou no esquecimento da cultura e no apagamento das tradições crioulas da ilha. Assim, história e memória são dois caminhos de acesso ao passado. E é neste sentido que Glissant utiliza a memória em seu romance, como única categoria capaz de dizer o indizível e de narrar as histórias ocultas da ilha, por acreditar que a História com H maiúsculo é obscena e banalizadora da realidade de seu país.

Neste segmento, a memória, por ser permeada de sentido não só do que ocorreu, mas também do tempo presente, possui fundamental importância acerca das questões das identidades, por ser um dos elementos constituinte identitário dos povos colonizados, que tem a partir dela outra face de seus percursos e deslocamentos. O exercício de análise da memória no cenário martinicano reflete suas variadas formulações num jogo entre lembranças e esquecimentos, contidos na representação de entre-lugares, a exemplo as trilhas que dão acesso à subida a montanha ou a descida à planície.

Diante da aceleração da história, Nora (1993) acredita que a midiaticização, a massificação e a mundialização provocaram o desprestígio da memória, findando as “sociedades-memórias” transmissoras e conservadoras de valores. Assim, a memória, não mais sendo interiormente vivida, passou a necessitar de suportes exteriores, resultando na obsessão por arquivos históricos no mundo contemporâneo. Para Nora:

Nenhuma época foi tão voluntariamente produtora de arquivos como a nossa [...]: À medida que desaparece a memória tradicional, nos sentimos obrigados a acumular religiosamente vestígios, testemunhos, documentos, imagens, discursos, sinais visíveis do que foi, como se esse dossiê cada vez mais prolífero devesse se tornar prova em não se sabe qual tribunal da história. (NORA, 1993, p.15).

De acordo com o citado, o arquivo, algo que “(...) não é mais o saldo mais ou menos intencional de uma memória vivida, mas a seleção voluntária e organizada de uma memória perdida” (NORA, 1993, p.16), faz com que o documento impresso seja entendido como lugar de memória. A obra *La Lézarde* (1997) é, portanto, um lugar de memória.

Assim, a memória do *La Lézarde* (1997) pode ser lida também nas entrelinhas, a exemplo nas indicações dos encontros entre *Papa Longoué* e *Mathieu*, cuja finalidade é a de fornecer subsídios para a compreensão dos acontecimentos do passado e fatos atuais das sociedades; no entanto, a obra não aborda este momento tão importante da tradição oral, nada é escrito sobre o conversado, não há detalhes sobre as histórias passadas. Le Goff (1994) discorre que no século XIX, e na primeira metade do século XX, a história ocupou todo o espaço de relação com o passado; quando ela se tornou científica seu propósito principal foi o de reforçar o sentimento nacional e a política do país. Portanto, essa história já apresentava características de memória pela faculdade de esquecimento. Esta situação se trata, para Glissant (2011), de uma história de separação entre “bons” e “maus”, onde minorias e vencidos não têm direito à cidadania; a história-memória nacional francesa era, nesse sentido, uma história homicida que “Nos pensamentos ocidentais, solicitadores da dignidade da pessoa humana e que decorrem de uma aventura individual, e através de um outro paradoxo, no fundo há apenas generalização. A história (natural ou da Humanidade) está em germe nas filosofias do Uno” (GLISSANT, 2011, p.55).

O que se percebe dentro do *La Lézarde* (1997), é que Glissant desvaloriza este tipo de história, estritamente político-econômica, centrada em “grandes” personagens e negligenciadora das realidades humanas; Através da obra, o autor coloca em cena personagens ignorados, o que faz dele uma forte crítica à história oficial: a história das elites e do poder. O romance é a configuração espacial que une passado, presente e futuro, cuja paisagem responde aos imperativos históricos-identitários do povo negro da ilha. Os personagens estabelecem, assim, uma relação de negociação com o passado, transitando em locais cuja história fora interrompida, mas que ainda se mantém em ruínas.

A subjetividade geopolítica do *La Lézarde* (1997) fornece uma diversidade de elementos que possibilita o estudo da obra sob diversos prismas; a leitura feita aqui faz perceber as nuances do tema e a preocupação com a realidade. Na obra, alguns traços conduzem à questões linguísticas, psicológicas e filosóficas, constituindo um testemunho vivo que evidencia fatos e histórias que compõem a comunidade e desestabilizam os mitos fundadores desta.

Logo, o objeto deste estudo, pode ser referenciado como um romance complexo de clamor e reconstituição a uma Martinica consciente, por meio de linguagens e narrativas que criam uma atmosfera que incita a recuperação dos fatos, que, por sua vez, revela o que há por trás da herança colonial, em que, como discorre o narrador, (...)le peuple clame alors ses volontés, et l'écho pour ces jeunes n'en est certes pas perdu.”<sup>81</sup> (GLISSANT, 1997, p.133). As posições assumidas na obra evidenciam tentativas de libertação histórico-cultural que encena a voz negra e os personagens marginalizados, iniciando o processo de descolonização, cujo primeiro passo é o apropriar-se da história: o descolonizar de mentes.

A descolonização é, para Fanon (1968), um fenômeno violento, quaisquer que seja sua rubrica – libertação do povo, restituição da nação, que supõe a substituição de indivíduos por outras espécie destes; tratando-se de desordem absoluta por propor mudar a ordem do mundo. Vale contrapor que, a descolonização pretendida por Glissant não elimina nenhum processo de formação de seu povo, apenas modifica a consciência de assistido, transformando o negro em sujeito atuante da História de seu país.

O romance serve como porta de acesso a descoberta de um mundo negado aos e pelos martinicanos e desconhecido por aqueles que não têm contato com a região (GLISSANT, 1995); ao mesmo tempo torna-se uma sacada ousada por tentar traçar um perfil histórico de um povo que, durante muito tempo, não se vê como tal, porque, o *La Lézarde* não é apenas a (re)construção da ilha da Martinica, ele é a representação do reivindicar das histórias negras marginalizadas.

Glissant faz uso da paisagem para registrar as marcas cronológicas das histórias negras. Os espaços-tempos constituem a teia narrativa em que uma mesma história tem a presença de várias vozes; a voz do próprio autor, Glissant, se identifica com a do narrador que está registrando a história, no entanto há a predominância da voz narrativa de *Thael* e *Mathieu*, narrativas eleitas neste trabalho como foco principal, na abordagem de acontecimentos vividos por eles durante o período de reivindicações. Por vezes, os artifícios usados pelo autor confundem o leitor, exigindo uma leitura atenta que permita identificar recursos e estratégias narrativas nas mudanças no espaço-tempo.

Para Glissant (2011) o tempo da história precisaria ser substituído pelo tempo da memória, porque a própria história não está isenta de censura, levando ao questionamento do dogmatismo do documento escrito como reflexo do real. A juventude negra do *La Lézarde*

---

<sup>81</sup> (...) o povo clama então suas vontades, e o eco para estes jovens certamente não está perdido. (GLISSANT, 1997, p.133, tradução minha).

(1997) se dá conta de que os documentos tradicionais não relatam a história negra, assim como se pode pensar que também não dão conta das grandes catástrofes humanas: holocausto, escravidão, etc. Assim, para o autor, a história oficial da Martinica, contada pela ótica dos vencedores, elege personagens de acordo com os preceitos da elite dominante, cujo contexto negro martinicano se encontra a cultura ocidental, masculina e branca, deixando a margem sujeitos que não se encaixam nos padrões estabelecidos, as chamadas minorias: negros, mulheres.

A obra é preenchida por clamores de libertação, como quando o personagem *Thael*, em uma conversa com o companheiro de luta *Mathieu*, expõe a necessidade de realocar o negro em sua história e seu país: - Le lieu, dit Thael. Et nous l'avons découvert. Nous pouvons dire qu'il est à nous. Hier, il a eu le sang de nos pères, aujourd'hui il a notre voix.<sup>82</sup> (GLISSANT, 1997, p.242). Cabe arriscar, a partir desta citação que, este é o sentido da literatura negra de Glissant: fazer emergir vozes subalternas e subverter o lugar social reservado aos negros de meros objetos históricos, realocando-os como agentes de sua própria história. A literatura negra glissantiana é um discurso de intervenção na História Oficial, única e homogeneizadora, a qual todos os personagens têm direito à voz e ao posicionamento, narrando as histórias de acordo com suas experiências e fatos vivenciados.

Um historiador, um *quimboiseur*, um marrom etc., são alguns dos personagens que compõem a diversidade da ilha, testemunhas oculares que contribuem com suas narrativas de forma a instar a reflexão de várias vertentes de uma mesma história. Os moradores de *Lambrianne* ainda não sabiam o destino das eleições, mas desde o início alimentaram todas as expectativas e esperança de mudança, embora receosos do futuro da comunidade negra.

Kamedjo (sd) supõe que, como muitos descendentes de escravos, *Thael* sabe que a liberdade deve ser degustada, viver em meio à montanha é o desejo de deixar pulsar livremente os propósitos adormecidos ansiando a reaprender o mundo. Partir em direção a cidade surge no romance como ir ao encontro de reivindicações, aventuras e a descoberta de uma vida diferente do escrito pelas linhas oficiais, reconhecendo as dificuldades consequentes da escravidão, os pré-conceitos e discriminações impostas.

Em paráfrase à Boudraa (2012), uma relação de dependência e rejeição se estabelece entre a cidade e a montanha, porque a planície, lugar do progresso, da mudança, é também lugar das dores e feridas. Essa contradição é a imagem do entre-lugar ocupado pelo

---

<sup>82</sup>- O lugar, diz Thael. E nós vamos descobrir. Nós podemos dizer que ele é nosso. Ontem ele teve o sangue de nossos pais, hoje ele tem a nossa voz. (GLISSANT, 1997, p.242, tradução minha).

martinicano que vive dividido entre o mundo do branco e sua condição negra, uma espécie de complemento e distanciamento de duas realidades.

Ainda de acordo com Boudraa (2012), as montanhas e as trilhas dão a sensação de liberdade, a planície, por sua vez, evidencia o crescimento da comunidade com suas próprias leis e regras. Os negros, fechados em suas colônias, enquanto escravos, se adequaram a vida do centro da cidade, no entanto agregaram a ela a sabedoria das plantações e ensinaram a lidar com a terra. Essa sabedoria da terra aliada à vida urbana permitiu que a juventude percebesse seus recursos se adequando aos códigos urbanos, mas reconhecendo neles a presença negra, o que torna os espaços da ilha diversos, plurais, mestiços, crioulos.

Retomando o transitar dos espaços, o deslocar-se de *Thael*, na descida a planície, e o de *Mathieu*, na subida a montanha, desfazem as amarras que prendem a toda ideia de fixidez. *La Lézarde* (1997) representa uma *Lambrianne* que viu nascer uma juventude rebelde, orgulhosa e livre; as diferentes vozes inseridas na obra conduzem a uma postura que é ao mesmo tempo de narradores e de ouvintes, cujo papel de contador não é exclusivo, não pertence apenas a *Papa Longoué*, a *Mathieu* ou a *Thael*; no entanto, deve ser ressaltado que, a figura do *quimboiseur*, e sua voz, é representada em um papel de destaque, afinal ele é a memória viva, o guardião das histórias ocultas e a testemunha da fundação da ilha.

“La Lézarde se presente aussi comme un projet de recherche de la pluralite. Le processus permet de decrire les moyens que le roman met en oeuvre pour subvertir les structures d'oppression dont la presence entrave l'instauration de la culture multidimensionnelle.”<sup>83</sup> (KAMEDJIO, sd, p.73), as diferentes vozes que se fazem ouvir conduzem a reflexões sobre a memória, em que a pluralidade inserida na obra representa os conflitos históricos, e insta a crença de que nenhuma história deve ser compreendida isoladamente; logo, é preciso considerar o contexto cultural e social que a compõe. Dessa constatação, parte da Poética da Relação uma perspectiva de movimento, em que nada é fixo e tudo está sempre em transformação. *La Lézarde* (1997) constitui-se em polifonia, contemplando distintas falas no desestabilizar de discursos autoritários e monofônicos. A função da juventude negra é mediar as ações da comunidade, ouvindo, falando, criando, refletindo e aprendendo junto com eles; é neste sentido que o clamor pelo processo eleitoral acontece em meio a praça pública com a presença de moradores com posicionamentos distintos.

---

<sup>83</sup> “La Lézarde se apresenta também como um projeto de busca da pluralidade. O processo permite descrever os meios que o romance usa na obra para subverter as estruturas de opressão cuja presença dificulta a instauração da cultura multidimensional.” (KAMEDJIO, sd, p.73, tradução minha).

Glissant é um escritor que usa a memória e a história como matéria-prima de seus escritos, entretanto ele não tem a pretensão de findar ou manipular todo o conhecimento historiográfico, e sim a de revelar outras faces da história, aquelas varridas dos compêndios da memória política para fazer emergir perspectivas marginalizadas de personagens históricos fundamentais. Observa-se que em determinados momentos a obra supõe a paisagem como herdeira da diáspora, em que, uma vez marcada por movimentos, nela se pode perceber os segredos protegidos:

Être montagnard, dans ce pays de toute montagne qu'allèche toujours et de partout la tentation de la mer, suppose une suprême vocation du refus. D'autant que la montagne ici ne se départit jamais d'un manteau de brousse (...), cependant à l'ombre immense d'elles-mêmes; manteau du corps secret, dernier refuge de la solitude tout unie, que la passion n'éclaire ni n'embrume.<sup>84</sup> (GLISSANT, 1997, p.14)

Como é possível perceber, a citação incita a (re)territorialização, seja de pensamento ou lugar; ser montanhoso, tornar-se alguém que percorre os espaços escondidos, que desbrava o desconhecido por não se conformar com o estabelecido e dado como único. Esta seria, para o autor, uma ação de (auto)reconhecimento.

Em trechos poéticos, *La Lézarde* (1997) propõe um fluxo que oportuniza a explicitação do eu negro, imprevisível e inédito como desenvolve a Crioulização. Em um determinado momento da obra, no segundo capítulo para ser mais específico, *Thael* condensa o conhecimento de *Garin*, dizendo: “Je croyais que tu étais un de ces petits bons hommes...qui pensent tout connaître, et qui... comment dites-vous déjà... qui sèment pour récolter... le vrai bonheur?”<sup>85</sup>(GLISSANT, 1997, p.146); *Thael* ironiza a posição essencialista do oficial, levando o leitor a questionar as imposições de verdades e valores absolutos de uma nação sobre a outra.

Tais fatos condicionam a ideia de que a juventude do *La Lézarde* (1997) passa a pensar o negro como sendo mais de um negro no instante em que se vêem rodeados de sujeitos com diferentes pontos de vista e resguardados em uma cultura outra; há na obra a representação de descendentes de africanos (*Mycéa*), de marrons (*Thael*), de crioulos (*Pablo*), considerando, ainda, seus lugares de partidas e chegadas. Estes pensamentos desestabilizam o conhecimento tradicional que se tem a respeito de si e de sua comunidade:

<sup>84</sup> Seja montanhoso, neste país em que toda montanha sempre alicia e por toda a tentação do mar, assuma suprema vocação de recusa. Especialmente que a montanha aqui nunca se desviou de um manto de arbusto (...), no entanto para a enorme sombra de si mesmos; manto do corpo secreto, último refúgio da solidão toda unida, que a paixão ilumina em nevoeiros. (GLISSANT, 1997, p.14, tradução minha).

<sup>85</sup> “Eu acredito que você era um desses pequenos bons homens... que pensam que sabem tudo, e que... Como vos dizer... que semeiam para recolher (...) a verdadeira felicidade?” (GLISSANT, 1997, p.146, tradução minha).

La Lezarde n'est pas le recit de certitudes, mais de la recherche des connaissances dont les personnages ont la conscience du manque. La Lezarde est le recit d'une quete. La quete a cependant cette particularite qu'elle n'a pas de reference absolue. Elle constitue tout simplement la raison du deplacement, c'est-a-dire de la remise en cause des certitudes. Aucun lieu n'est privilegie comme etant la source du savoir. Le mouvement des personnages subvertit toute notion de croyance absolue et les rassemble dans une aventure commune.<sup>86</sup> (KAMEDJIO, sd, p73).

Nessa linha de pensamento, a forma alterada da história, resultado de uma singularidade desde sempre plural, está ligada também a errância cuja concepção identitária se distancia da fixidez. É nesse lugar de tempo e espaços indefinidos e moventes que a obra perfaz a ultrapassagem do drama histórico e explicita o caráter imprevisível de uma comunidade crioula.

Na subjetividade glissantiana, se nota que o historiador *Mathieu* condiciona a imagem de seu país a conexão plural, ou seja, a Martinica está ligada não apenas a Europa, e nem somente a África, mas aos diferentes povos que a constitui; desta forma, é pelo sentido plural consignado na memória crioula e na paisagem relida por esta memória, que deve ser redescoberta a trajetória e a definição de seu povo:

Le pays ajoutait, sans qu'ils en eussent conscience, à leur exaltation. L'incommensurable variété de paysages dont la nature a doté cette province s'organisait dans un climat unique, une chaleur fixe, où toutes choses en effet bougeaient dans dénaturer. Comme si les essences de la vie et de la matière ici plus que partout ailleurs se proposaient d'emblée, pour ne jamais plus cesser d'apparaître dans une mêmes, fruits de la chaleur, gardaient à l'apparence des choses une fragilité qui en perpétuait la force. La conviction est alors chaudement féroce, et la passion a un goût de terre qui rend la terre désirable(...)<sup>87</sup>(GLISSANT, 1997, p.20)

Seguindo a voz do narrador, a juventude parece descobrir esse trajeto nem sempre retilíneo, afetado pela hibridez e caos. A expressão do povo negro martinicano na reivindicação do processo eleitoral se inscreve na perspectiva de constante novidade, sugerindo a imagem de um negro emergente que nasce da vontade de descoberta. Assumindo uma nova aposta, o autor fala de uma narrativa histórica que exige a presença da alteridade,

---

<sup>86</sup> Ele constitui simplesmente a razão do deslocamento, ou seja, o questionamento das certezas. Nenhum lugar é tão privilegiado como a fonte do conhecimento. O movimento dos personagens subverte toda noção de crença absoluta e os reúne em uma aventura comum. (KAMEDJIO, sd, p.73, tradução minha).

<sup>87</sup> O país adicionou, sem que eles tivessem consciência, a sua exaltação. A variedade incomensurável de paisagens onde a natureza dotada desta província se organizou em um clima único, um calor fixo, onde todas as coisas de fato moveram em desnaturar. Como se as essências da vida e da matéria aqui mais do que em qualquer outro lugar se propusesse imediatamente, para nunca mais deixar de aparecer em uma mesma, frutas do calor, guardam a aparência das coisas uma fragilidade que perpetuava a força. A convicção é tão calorosamente feroz, e a paixão tem um gosto de terra desejável (...) (GLISSANT, 1997, p.20, tradução minha)



que transcende o que se tem como conhecido e sabido, manifestada na verdade que vem do silêncio e das memórias.

A tomada de consciência do personagem *Thael* e de sua missão na tentativa de assassinato de *Garin*, representa o começo de mudanças que iniciam com o próprio olhar sobre si e sobre seu lugar:

Or tout se défait em Thael, à mesure qu'il descend. Il accède à la conscience qui separe et dénombre. <<je vous tuerai>>, dit-il: éprouvant peut-être la vanité de cette conscience soudaine; <<je vous tuerai>> crie-t-il vers des fantômes qu'il semble reconnaître.<sup>88</sup> (GLISSANT, 1997, p.14)

A história que a juventude negra independentista pretende investigar perde a categoria de aspecto individual e fechada em si mesma, trata-se de novas narrativas que se projetam para fora e que vão ao encontro do outro. Nesse confronto, os jovens do *La Lézarde* (1997) fazem da história e da memória um lugar de experiência sensível, no qual suas percepções não apreendem referenciais únicos, não se baseiam, portanto, apenas na realidade histórica, na memória coletiva ou no corpo social negro. Cabe destacar que, a narrativa do romance apresenta um conjunto desorganizado de percepções dadas em diferentes planos para acompanhar os processos negros, que por sua vez, não caminham em linearidade: eles são marcados por oralidade e escrita, avanços e retornos, para que as resistências culminem em rupturas de paradigmas.

A forma discursiva de transgressões estruturais, linguísticas e de estilo, com a qual Glissant preenche seu primeiro romance, é outra forma de resistência; sua dinâmica polifônica na tríade narrador/personagens/autor possibilita diferentes maneiras de pensar a Martinica no encontro de imaginários diferentes, temporalidades distintas e olhares plurais, e se apresenta não ainda como análise dos fatos históricos, mas antes de tudo seus efeitos.

A narrativa do *La Lézarde* (1997) não deve ser lida como invenção, pois ela se configura como histórias particulares do meio de interação negro, das ordens sociais e morais de uma comunidade silenciada; uma literatura que exprime o que é proibido designar e atua contra a censura orgânica, como afirma o autor:

A literatura oral das Plantações aparenta-se desse modo às outras técnicas de subsistência – de sobrevivência – organizadas pelos escravos e pelos seus descendentes imediatos. A obrigação de contornar a lei do silêncio faz dela, em toda parte, uma literatura que não é naturalmente contínua, se assim se pode dizer, mas

---

<sup>88</sup> Agora tudo se desfaz em Thael, à medida que ele desce. Ele acessa a consciência que separa e enumera. << Eu matarei você>> ele diz: sentindo talvez a vaidade dessa consciência súbita; << Eu matarei você>> ele grita para ver os fantasmas que ele parece reconhecer. (GLISSANT, 1997, p.14, tradução minha).

que jorra por fragmentos. O contador de história é um biscateiro da alma coletiva. (GLISSANT, 2011, p.73)

O autor utiliza a memória oral, reconstrutora de elementos do presente da vida social negra, projetada sobre o passado e sobre a busca de conhecer a si e seu lugar, perceptível na intervenção do narrador:

(...)tout homme est créé pour dire la vérité de sa terre, et il en est pour la dire avec des mots, il en est pour ça dire avec du sang, et d'autres dans la vraie grandeur (qui est de vivre avec la terre, patiemment, et de la conquérir comme une amante); et si un homme raconte un peu de sa terre (s'il essaie, et peut-être va-t-il tomber contre un haut mur flamboyant où toute parole se consume?), on ne peut pas dire que c'est là un conte, non, même si cet homme parle de rêves imprécis qui, peu à peu, s'arrangent avec le réel sombre; (...) <sup>89</sup>(GLISSANT, 1997, p.107)

Como se percebe no romance, a valorização da memória na Martinica, antes de significar o meio de preservar a sabedoria da ancestralidade, sem reduzir-se a ela, é a maneira de fazer os negros martinicanos conhecerem sua história plural e tomar posse de seus destinos. Ao mesclar a oralidade e técnicas de escrita, o autor denuncia os efeitos dilacerantes do colonialismo, em acusação à prepotência de falar pelo outro, como mostra o fragmento infra:

Par un accomplissement, une nécessité inexorables, toute cette génération avait abandonné la naïve crédulité des anciens, dépouillé le vêtement de l'illusoire ressemblance, pour affirmer enfin que l'homme d'ici n'était qu'à sa propre semblance. Les mots prenaient dans ces bouches une saveur toute neuve: il y avait là du soleil, du rêve débridé, une passion de connaissance, et la rage de ceux qui savent contre ceux qui oppriment. <sup>90</sup> (GLISSANT, 1997, p.19)

Glissant condiciona a narrativa de seu primeiro romance de forma a explicitar que os dois campos – história e memória - se fortalecem a partir da colaboração mútua. Ele reconhece que a memória por si só não pode ressuscitar o passado, mas pode ser o fio condutor da diversidade histórica ao dar visibilidade a outras vozes que preenchem as fissuras da realidade.

---

<sup>89</sup> (...) todo homem é criado para dizer a verdade da sua terra, e ele está para a dizer com palavras, ele está para dizer com sangue, e outros na verdadeira grandeza (que é de viver com a terra, pacientemente e de a conquistar como uma amante); e se um homem conta um pouco da sua terra (se ele tenta, e talvez ele vá cair contra um alto muro quente, onde cada palavra se consuma?), não se pode dizer que este é um conto, nem mesmo se este homem fala sobre sonhos vagos que, gradualmente, se combine com a real sombra; (...) (GLISSANT, 1997, p.107, tradução minha)

<sup>90</sup> Para uma realização, uma necessidade inexorável, toda esta geração tinha abandonado a credulidade ingênua dos ancestrais, despojado o vestuário da ilusória semelhança, para afirmar enfim que o homem daqui não era apenas sua própria semelhança. As palavras tomam nessas bocas um sabor todo novo; tinha lá do sol, do sonho desenfreado, uma paixão pelo conhecimento, e a raiva desses que sabem contra esses que oprimem. (GLISSANT, 1997, p.19, tradução minha)

### 3.1 HISTÓRIA COM SABOR DE MEMÓRIA

Ao percorrer as ideias de Le Goff, nos enfoques dados à História, desde a greco-romana, defronta-se com a ideia de história-memória, cujo significado remete a memória como alicerce da história, porque para o autor, “[...] ela deve esclarecer a memória e ajudá-la a retificar os seus erros” (2003, p.29). Dentro desse quadro, se pode perceber no primeiro romance de Glissant a história e a memória como categorias em constante diálogo, no qual a história seria uma forma científica da memória, percorrendo juntas o mesmo caminho, mas em considerações metafísicas, em roupagens e visibilidades hierarquizadas; ainda que seja resumida a dialética da história à oposição entre passado e presente, e a da memória entre presente e passado.

Denis R. Pra (2012) discorre que, em *La Lézarde* (1997), a história é concebida em uma perspectiva de movimento, de forma a (re)organizar a realidade, “com isso anuncia, não a caducidade de toda narração, mas uma forma inédita da estética: a narração do universo. (...) O rigor da matéria e o seu conhecimento enciclopédico tecem a proliferação controlada por onde o universo transborda e nos é contado.” (GLISSANT, 2011, p.44); assim, da ideia de movimento, surge no romance a história como algo que se atualiza e se ressignifica, a partir da inserção da memória-coletiva, do novo olhar e de questionamentos, como implícito na afirmativa que segue:

Je ne sais pas que ce pays est comme un fruit nouveau, qui s’ouvre lentement (lentement) dévoilant peu à peu (par-delà les épaisseurs et les obscurités de l’écorce) toute la richesse de sa pulpe, offrant la richesse à ceux qui cherchent, à ceux qui souffrent. Je ne sais pas encore que l’homme importe quando il connaît dans sa propre histoire ( dans ses passions et dans ses joies) la saveur d’un pays.<sup>91</sup>  
(GLISSANT, 1997, p.35)

Fica ali evidente que, para Glissant, as (re)descobertas da memória negra se convertem em elementos fundamentais da identidade martinicana, estando relacionada com a sociedade, a história e o sujeito. É, nesse sentido, que o autor faz de seu romance, também, um elo entre memória e silêncio, o que torna evidente que a memória martinicana é feita de moderações e esquecimento. A memória, por sua vez, está intimamente ligada à questão da territorialização, remetendo a ideia de “lugares de memória”:

---

<sup>91</sup> Eu não sei que este país é como um fruto novo, que se abre lentamente (lentamente) revelando pouco a pouco (para além das espessuras e obscuridades da casca) toda a riqueza de sua polpa, oferecendo a riqueza aos céus que buscam, a estes que sofrem. Eu não sei ainda que homem importa quando ele conhece sua própria história (nas suas paixões e nas suas alegrias) o sabor de um país. (GLISSANT, 1997, p.35, tradução minha)

Quando a memória não está mais em todo lugar, ela não estaria em lugar algum se uma consciência individual, numa decisão solitária, não decidisse dela se encarregar. Menos a memória é vivida coletivamente, mais ela tem necessidade de homens particulares que fazem de si mesmos homens-memória. (NORA, 1993, p. 18).

Á vista disto, os lugares de memória no *La Lézarde* (1997) são espaços que permitem o movimento, como corredores atravessados de percepções múltiplas que perpassam a historiografia, a política, a literatura e outras. Nora (1993) afirma que Le Goff (1994) resume os lugares de memória como lugares topográficos: arquivos, bibliotecas; lugares monumentais: cemitérios e arquiteturas; lugares simbólicos: comemorações e aniversários; e os lugares funcionais: manuais e autobiografias. Trata-se de uma pequena lista que revela o alcance dos lugares de memória, que podem incluir monumentos, dicionários, relíquias, paisagens, territórios, língua, literatura, uma vez que trazem consigo traços de grupos específicos.

Nora (1993, p.9) diz ainda que “a memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto”; é daí que nascem os lugares de memória atrelados a um passado vivo, presente e marcante na identidade do lugar. Isto posto, é possível constatar no romance que apenas retomando a memória silenciada martinicana será possível falar das feridas do povo negro, da manipulação que remete a detenção de poder e do convocar da pretensa obrigação contida na memória negra.

Seguindo a lógica de Nora (1993) é possível afirmar que, a memória do *quimboiseur*, representado na obra através da figura de *Papa Longué*, é base para um novo lugar de enunciação; por meio dela é possível se distanciar do modelo binário e caminhar a margem da situação colonial. A palavra, no romance, se recusa a evocar pura e simplesmente o passado e deixa registrado o desejo de direcionar ao diverso, que imprevisível aponta a proliferação do múltiplo e realça o respeito às diferenças, como supõe a interpelação do narrador:

(...) comprend que cette ville et cette terre c'est la même nourriture, c'est la même vie, et elle fait sa boucle, pour porter à la mer tout ela ville et tout ela terre. Parce que la mer, c'est l'avenir, non? C'est toujours ouvert, on vient, on part. E la ville c'est ce qui reste là, toujours présent, non?<sup>92</sup> (GLISSANT, 1997, p.130)

Ao que concerne os encontros entre *Papa Longué* e *Mathieu*, há todo um ritual estabelecido para apresentar as histórias, envolta de uma árvore, com uma fogueira acesa,

---

<sup>92</sup> (...) entende que esta vida e esta terra são a mesma comida, esta é a mesma vida e ela faz sua boca, para transportar ao mar toda vida e toda terra. Porque o mar é o futuro, não? Este é sempre aberto, se vem, se parte. E a vida é esta que resta sempre presente, não? (GLISSANT, 1997, p.130, tradução minha)

recebendo os bons fluídos vindos no vento etc., aquele se torna um local sagrado em que se pode vivenciar a presença dos ancestrais e das divindades, configurando-se um local de memória mítica e real.

Para trazer a cena dessas discussões os objetos descritos, as árvores evocam significados relacionados aos aspectos do lugar, os diferentes caminhos relacionam-se aos aspectos emocionais. Estes espaços influem no imaginário dos personagens e no coletivo social ao gerar mistério, memória, espiritualidade e vida. Cada negro personagem observa o ambiente a sua volta de maneira diferente, a partir de interpelações pessoais, porque a sua cultura influencia na forma de olhar. As rotas estradas e trilhas atuam como marcos de resistência do povo martinicano. As árvores, pela longevidade, simbolizam os ciclos da vida na ilha e a (des)continuidade da historicidade como memória viva.

No que concerne à descrição paisagística, pode-se pensar o *La Lézarde* (1997) em dois sentidos opostos: no primeiro, os espaços são recuperados a partir de processos indutores que trazem o negro ao estado de consciência, e, no segundo, inversamente, é a apresentação da paisagem que faz vir a tona sentimentos, histórias e marcas ocultas. As memórias transformadas em lugares reforçam o aspecto subjetivo de apreensão poética na paisagem.

A experiência das lembranças trazem questionamentos aos personagens, uma verticalidade mental afetiva e intelectual que dá novo sentido a existência negra da ilha. A paisagem como símbolo desvela um mundo negro invisível, para mostrar que pelas diferenças é possível encontrar a dimensão referencial humana. No *La Lézarde* (1997), a memória está sedimentada nos lugares, imagens, espaços e dimensões dos movimentos da história e da vida negra. Cabe ressaltar que, memória e paisagem formam um elo de comunicação através do olhar transgressor que incita o novo, como sugere o personagem *Thael*: “Ce sont des hommes lucides et méthodiques, ils cherchent la legende; moi je cherche l’ordre et la lucidité (...)”<sup>93</sup>.(GLISSANT, 1997, p.23).

Desta forma, na supracitada obra romanesca, a memória é revivida e ritualizada com vista à exaltação dos indivíduos negros e da sociedade martinicana crioula fazendo uso da história para conferir-lhes lugares de destaque; os sujeitos negros martinicanos não são feitos apenas de esquecimentos, são também feitos de suas fissuras e de marcas, afinal "Os lugares de memória são, antes de tudo, feitos de restos." (NORA, 1993, p.12); Ricoeur (2007) discorre que há afinidade entre o rastro e a tradição, por acreditar que esses rastros – *traces* – indicam o aqui e o agora – espaço e presente – que, por sua vez, orienta a busca e a

---

<sup>93</sup> “Estes são os homens lúcidos e metódicos, eles buscam a lenda, eu busco a ordem e a lucidez (...)” (GLISSANT, 1997, p.23, tradução minha).

investigação na preservação dos vestígios – o passado. É neste sentido que o personagem *Thael* em conversa com *Garin* reflete:

- Alors, murmure-t-il, quando tu sais tout cela, tu comprends que la petitesse ce n'est rien. Tu veux aller dans l'univers, tu veux aller dans les étoiles. Tu connais ta terre, tu ne l'oublies pas. Elle n'est qu'une poussière du monde, mais elle est là.<sup>94</sup>  
(GLISSANT, 1997, p.131)

Como se pode perceber através da fala do personagem, a história deixa de ser apenas opositor que seleciona fatos e congela momentos da memória, preenchendo suas fissuras através de olhares outros.

Glissant “(...) acreditava naqueles que nesse ponto do mundo lutam contra o silêncio e o apagamento. Naquilo que, na obstinação do que empreendem, consentem de redução: no sectarismo, no discurso estereotipado, na ânsia de transmitir verdades definitivas, no desejo de poder.” (2011, p.119), demarcando no *La Lézarde* (1997) a memória enraizada no gesto e no objeto, conectada à continuidades, sejam de ordens temporais, culturais ou identitárias, nas quais a história é o relativo.

Em *Como se escreve a História*, o historiador francês Paul Veyne (2008) afirma que “a história é filha da memória”, por ser ela “uma atividade intelectual” de conhecimento mutilado e decorrente da memória. Por sua vez, a memória não corresponde para Bergson (2001) a regressão do presente ao passado e sim ao progresso do passado ao presente. A memória – contemporânea –, como observa Ribeiro (2007), se constitui a partir do seu tempo, como reativação das experiências do passado, no entanto, há nela a seletividade e negociação entre o coletivo e o individual.

Decerto, a preocupação com a imagem de um grupo leva à escolha de testemunhos confiáveis, tratando-se de um controle fundamental frente à diversidade de relatos. Neste aspecto, a memória herdada, presente no romance *La Lézarde* (1997), tem relação estreita com o sentimento de identidade, entendida na maneira como se quer ser visto e como se quer dar continuidade e coerência a um grupo ou pessoa, no despertar das sombras, como fica subentendido no fragmento seguinte “Aujourd’hui le peuple se réveille, comme Lazare il sorte

---

<sup>94</sup> Então, ele sussurra, quando você sabe tudo isso, você entende que a pequenez não é nada. Você quer ir ao universo, você quer ir para as estrelas. Você conhece sua terra, você não a esquece. Ela é apenas uma poeira do mundo, mas está lá. (GLISSANT, 1997, p.131, tradução minha)

du tombeau. Mais il n'y a plus de miracle. I n'y aura plus que la vigilance et le combat.<sup>95</sup>  
(GLISSANT, 1997, p.135)

O romance assume a forma de diagnóstico histórico pressupondo-se como veículo da memória silenciada; um diagnóstico histórico que pontua mudanças significativas do processo negro martinicano. Na sociedade martinicana, arrancada de sua memória e obcecada em se compreender historicamente, o *La Lézarde* (1997) assume o papel central: impedir a história de ser somente história. O romance é, em síntese, a passagem de uma história fechada para histórias críticas e plurais que direcionam a retomada de si.

Nesse sentido, há, ainda, os lugares por trás dos lugares, aqueles que elaboram a memória coletiva, que a criam e a impõem de maneiras diversas; estes lugares por trás são “os estados, os meios sociais e políticos, as comunidades de experiências históricas ou de gerações, levadas a constituir os seus arquivos em função dos diferentes usos que fazem da memória” (LE GOFF, 1990, p.473). Assim, a colonização e a departamentalização francesa sobre a Martinica são lugares por trás dos lugares de memória.

Para além da constituição do conceito de memória coletiva nos trabalhos de Halbwachs (1990), e de Nora (1993), antropólogos, historiadores e sociólogos franceses que integram a ideia de “Lugares de memória”, delinearam um novo olhar para o termo memória coletiva, que muito tem a ver com aquilo “que fica do passado vivido dos grupos ou o que os grupos fazem do passado” (LE GOFF, 1990, p.472) atentando para o que é preservado da experiência humana e o que os grupos fazem desta experiência preservada. Assim, as chamadas memórias históricas são de grande importância para a memória coletiva, e a recuperação de certas memórias históricas surgem do contexto de ameaça das identidades levando os indivíduos a repensar seu papel na sociedade.

Pode-se destacar na obra dois movimentos subjetivos que perpassam a narrativa: o primeiro a “traição” identitária, em que o imaginário do sujeito negro martinicano se constrói e se afirma como outro – francês – pelo processo de assimilação da cultura colonizadora – anulação do eu para ser tão somente o outro –, ou ainda na quebra da inversão de valores fundada no ser apenas “eu” e não mais o outro, abandonado uma “paternidade”, mas ainda assim vivendo a ilusão da unidade; o segundo, a justaposição de valores, a crença através da qual o sujeito se supõe constituído do eu e do outro desmistificando a ideia de origem única. Uma oposição dada entre os negros assimilacionistas e os negros independentistas na obra.

---

<sup>95</sup> Hoje o povo acorda, como Lázaro, ele sai de tumba. Mas não há mais milagre. Não haverá mais que a vigilância e o combate. (GLISSANT, 1997, p.135, tradução minha)

A juventude que busca a reconquista de si no *La Lézarde* (1997) escapa da relação de separação e distância, e trabalha a possibilidade de viver um tempo em que passado, presente e futuro operem em simultaneidade e imprevisibilidade. A consciência destes jovens martinicanos de que existem verdades plurais leva a crença de que a Verdade única não se cumpre. Ao propor o diálogo entre passado e presente, o narrador constrói um discurso operado nas ruínas, compreendendo o sujeito negro da Martinica como uma experiência em processo; a palavra de *Mathieu* convida a olhar mais de perto a trajetória das construções e passagens da ilha, apontando um sujeito negro martinicano nascido da assimilação, inconsciente de suas antigas crenças e de uma consciência maior acerca de si (Kamedjio, sd).

Os sujeitos da enunciação assumem terem estado presos na ignorância e na história única de um passado, cujos discursos, agora, realizam um deslocamento da história para seus efeitos e dramas, com vista à compreensão da própria realidade. A ficção do *La Lézarde* (1997) transforma em discurso essencial aquilo que está fora dele. E, assim, muito próximo do plano da realidade negra martinicana, as falas dos personagens se distanciam das relações binárias que opõem branco e negro, bem e mal.

Como supõe Damato (1995), o grande direcionamento libertador do romance está no pedido de licença à história, em que narrativas interrogativas ensaiam saídas que confrontam a inexistência de histórias negras martinicanas. *Mathieu* e *Thael*, ao mesmo tempo em que interrogam as ações e o curso das coisas, incitam uma autonomia, traçam estratégias e indicam direções em movimentos que acolhem o eu e o outro. Em muitos momentos, a fala dos personagens especifica o negro colonizado como alguém que, diante de todo sofrimento a que foi submetido, perdeu a noção de si e da realidade, direcionando a comunidade a uma condição humana coisificada.

### 3.2 LENDO VOZES, OUVINDO COISAS: A MEMÓRIA DE NEGROS PERSONAGENS

A memória de Glissant, em *La Lézarde* (1997), é desenvolvida por meio da repetição nostálgica sob a dimensão moral e o signo da justiça, na tentativa de ajudar seu povo a encontrar seu lugar. A apropriação memorialística glissantiana permite a criação de um novo olhar para a lembrança do passado, traçando um desenho de liberdade ao reestabelecer vida ao que a história assassinou. Através da fala do personagem *Mathieu*, quando diz “(...) c’était un pays qui bougeait, et il n’était pas seulement question d’un homme ou de ses pouvoirs, ni des histoires, ni du destin de quelques-uns (...)”<sup>96</sup>(GLISSANT, 1997, p.19) o autor começa a

<sup>96</sup> (...) era um país que mudava, e ele não era somente questão de um homem ou de seus poderes, nem de histórias, nem de destino de alguns (...).(Glissant, 1997, p.19, tradução minha).



desenhar um novo perfil do negro martinicano situando-os como sujeito ativos e cientes de seu papel.

No *La Lézarde* (1997), a memória é elaborada em um terceiro espaço de misturas e conflitos, em que a comunidade negra martinicana é resultado dessas relações, como afirma *Mathieu*:

-Ne parlons que de l'essentiel, dit Mathieu. Oublions les mille secrets de chaque jour. Ne demandez pas qui sont mes parentes, ni ce que j'aime ou déteste. Nos relations seront assez tendues (...). Ne dites pas qu'une force ne nous agite à notre insu(...).<sup>97</sup>(GLISSANT, 1997, p.24)

Logo, na busca do que está registrado na memória negra é possível compreender a cadeia de causalidades que constituem o sujeito negro da Martinica. É sabido que o passado martinicano foi dominado por muito tempo pelo elitismo colonialista, resultando na hegemonização; a formação da nação negra da ilha e o desenvolvimento de sua consciência foram processos exclusivamente do sucesso da elite europeia, sucesso esse creditado ao governo francês e a sua forma política (FIGUEIREDO, 1998). O *La Lézarde* (1997) busca uma ação criadora, com uma lógica própria, que visa o “conhecer”. Ele convida o leitor a pensar como as ressonâncias das transformações históricas podem modificar a vida cotidiana de um povo e como o dialogo entre história e ficção<sup>98</sup> possibilita a reinterpretação da voz oficial do discurso.

O personagem *Mathieu*, historiador em busca de (re)escrever a história da ilha, resgata as culturas martinicanas que comportam, por sua vez, a história da nação; o jovem deseja, através do reapossar dos espaços e histórias, dar contornos mais nítidos aos negros da ilha, de forma a reconstituí-lo enquanto sujeito ativo do mundo. A fragilidade dos personagens encontra eco em um povo ainda aprisionado ao colonizador. Daí a presença de um grupo opositor, que por sua vez, sofre a alienação e se mantém em posições essencialistas: não reconhecem seu passado, suas ações, seus contatos etc., e ignoram seu lugar no mundo.

O *La Lézarde* (1997) pleno de expectativas e desejos, na esteira de um pensamento em devir, aponta para construções de tempos que ultrapassam a dor. A resistência e a vontade de lutar dão ênfase e direção à transformação social negra; trata-se de um processo transgressor que opera no texto literário e na cosmovisão de obra e seus significados.

---

<sup>97</sup> - Não falamos do essencial, diz Mathieu. Esquecemos os mil segredos cada dia. Não perguntamos quem são nossos parentes, nem os que eu amo ou detesto. Nossas relações serão tensas (...). Não diga que uma força não nos agita a nosso conhecimento. (GLISSANT, 1997, p.24, tradução minha)

<sup>98</sup> De acordo com o D'Onófrio (1997), "*Fictício não significa falso, mas apenas historicamente inexistente*"; assim o termo que designa a narrativa imaginária sendo utilizado para redefinir histórias ou obras, é considerado aqui a partir da produção do imaginário coletivo com base em fatos reais.

O romance concentra pulsões identitárias e o desejo de libertação das amarras opressoras; um esforço de desmistificação da mente e de reconhecimento das pluralidades culturais. Assim, se percebe que nos tempos atuais, caracterizado pela fluidez e pelo hibridismo, a memória ainda exerce papel importante, e a literatura, por sua vez, assume a missão de dar conta dos silenciamentos sofridos por algumas sociedades e povos que recorrem a essa memória para recuperar lembranças históricas e culturais. Ao analisar o primeiro romance glissantiano é possível notar que, de fato, as reverberações entre literatura e memória não são simples, por se tratar, o registro memorialístico, de uma seleção que desafia dimensões sociais e subvertem significações culturais. A memória, em relação ao romance, permite que esse faça uma (re)apropriação do espaço de forma a (re)significar o lugar e a história do negro martinicano, ao iniciar um processo de posse cultural e resistência à violência epistêmica que ainda se faz presente na atualidade das Antilhas.

Nesta perspectiva, a memória é, dentro do romance, elemento natural humano e se efetiva pela apropriação crítica dada na transmissão entre gerações da comunidade negra. *La Lézarde* (1997) sacraliza os mitos e histórias, através do registro escrito, que resistiram ao processo mumificador colonial; ele encena nações que têm suas histórias marcadas pela repressão, na forma da força hostil que é o colonialismo, reestruturando sua história e seu passado pelo enfrentamento e pela descolonização, exercidos nas mais diversas frentes, como segue na passagem:

Ils lisaient tout ce qui venait d'ailleurs, du monde. Ayant appris à ouvrir les yeux sur l'inconcevable misère de ce pays (car ils n'avaient guère souffert, eux, dans leur chair), ils croyaient de plus en plus que la vraie vie est aux royaumes de l'esprit, où se débrouillent les problèmes essentiels de la faim et du bonheur. L'appétit de savoir qui agite ces régions éloignées, nouvellement venues à la conscience d'elles-mêmes, est inimaginables. Nos jeunes amis s'illuminaient de poètes, de romanciers épiques (leur préférés) et de toutes sortes de folies. Le miracle était qu'ils ne se trompaient guère, fondant une harmonie nouvelle entre tant de savoirs.<sup>99</sup>(GLISSANT, 1997, p.20)

Há no romance um clamor voltado para o novo olhar sobre a história e sobre a forma como o povo martinicano lida com ela; tratam-se de (re)constituições implícitas na maneira como se vêem e se projetam no futuro os negros da ilha. A partir da obra é possível apreender importantes aspectos da vida social negra na Martinica, compreender o tempo e o lugar na

---

<sup>99</sup> Eles liam tudo isto que vinha de outro lugar, do mundo. Tendo aprendido a abrir os olhos sobre a inconcebível miséria deste país (porque eles não tinham sofrido a guerra, eles, em suas carnes), eles acreditavam que a verdadeira vida está aos domínios do espírito, onde se desembaraçam os problemas essenciais da fome e da felicidade. O apetite de saber que se agita nessas regiões remotas, novamente vindas da consciência delas mesmas, é inimaginável. Nossos jovens amigos se iluminam de poetas, de romancistas épicos (seus preferidos) e de todos os tipos de loucuras. O milagre era que eles não se enganaram, fundaram uma harmonia nova entre tantos saberes. (GLISSANT, 1997, p. 20, tradução minha).

reconstrução dos espaços sociais martinicanos que recompõem um significado ao negro diante do aparato de novas informações fornecidas.

Glissant, cria no *La Lézarde* (1997), uma narração alicerçada em fontes históricas, em um modo totalmente subjetivo de seleção e ordenação das informações adotadas, em busca de mudanças no imaginário coletivo, muito embora “Nenhum imaginário ajuda realmente a prevenir a miséria, a opormo-nos ás opressões, a apoiar aqueles que <<sofrem>> no corpo ou no espírito. Mas o imaginário modifica as mentalidades, por muito lentamente que o faça.” (GLISSANT, 2011, p.174).

Uma vez submetidos à elaboração artística, os eventos históricos permitem que se estabeleça um interdiscurso entre ficção e história pautado nas histórias orais negras. Por ser a reconstrução do passado algo impossível, o que ocorre no romance é o preenchimento de fissuras por meio da recriação figurada que expõe resistências, na tentativa de desmistificar a história oficial que condicionou todo o povo negro a auto inferiorização e a subalternidade, como exposto pelo narrador: “Alentour, c’est la misère. Les hommes esclaves qu’on a tués, mutiles, affamés. Les hommes qu’on parque, qu’on abrutit. Tout un pays rejeté dans la nuit, depuis des siècles.”<sup>100</sup>(GLISSANT, 1997, p. 204).

Glissant (1997), ao romper com a linearidade do pensamento colonialista e ao fazer com que a memória africana dialogue – de maneira crítica – com outras memórias – todas elas, francesas, indígenas, histórica, colonial – coloca em evidência novas apropriações de fatos realizadas a partir de um olhar que se propõe descolonizado; conjuminando dois saberes, contidos respectivamente na memória e na história, sejam elas negras ou oficiais:

(...) qu’il lui faudrait remonter sur la montagne, comme un qui refuse l’abandon, comme un qui s’isole avec fermeté, pour enseigner à ses enfants le droit de dire et de choisir. Mais aussitôt il sentit que cette solitude lui serait insupportable, qu’il ne pourrait oublier la leçon de la plaine, l’urgence de combattre, le lent travail par lequel son peuple, à travers tant de mirages, tendait vers la plus exacte qualité de lui-même. (GLISSANT, 1997, p.183)<sup>101</sup>

Assim, a junção de história e memória no *La Lézarde* (1997) surge para ser problematizada. A reescrita da história glissantiana é esforço constante de muitos grupos étnicos que emergem da experiência colonialista; povos que tiveram sua história retratada pelo outro e resultaram em personagens testemunhas de uma época, como supõe o

<sup>100</sup> “Ao redor, tudo é a miséria; Os homens escravos que se mataram, mutilaram, esfomeados. Os homens que estacionaram, que se entorpeceram. Todo um país rejeitado na noite depois dois séculos.” (GLISSANT, 1997, p. 204, tradução minha).

<sup>101</sup> (...) que ele teria que subir a montanha, como um que recusa o abandono, como um que se isola com firmeza, para ensinar seus filhos o direito de dizer e de escolher. Mas imediatamente ele sentiu que esta solidão lhe seria insuportável, que ele não poderia esquecer a lição da planície, a urgência da luta, o lento trabalho pelo qual seu povo, através de tantas miragens, tenderia para mais exata qualidade de si. (GLISSANT, 1997, p.183, tradução minha).

personagem, “Je suis comme eux, dit Mathieu, je bois à longueur d’année la même irréductible boisson.”<sup>102</sup> (GLISSANT, 1997, p.51).

Zumthor (1997) defende que o ato de representação por meio da memória não é algo natural, afinal nem mesmo ela escapa da manipulação e seleção de fatos; a memória é, inevitavelmente, sujeita a disposição psicológica do condutor, o qual está inserido em uma relação de poder que influencia seu modo de vida social; a memória do romance é determinada pela estruturação de objetivos, ideias e interesses de seu autor e seu povo.

O romance *La Lézarde* (1997) é uma busca pela libertação e emancipação que não podem ser conseguidas apenas com a abolição ou independência do país; primeiro é necessário que ocorra a reconquista de si. A não escolha – livre – de seus caminhos criou entre os jovens uma rede de solidariedade na luta pela sobrevivência; os personagens carregam o trauma do exílio em seus deslocamentos involuntários e a consequente violência do processo de (re)apropriação territorial, sendo antes, escravos das próprias alienações.

A juventude negra independentista da obra não se deixa dominar exclusivamente pelo paradigma ocidental, buscando modos de expressão e representação, e tenta ser dona do próprio destino, interferindo em ações que lhes foram impostas, naturalizando um suposto contexto social e histórico de diversidade. Para Glissant (1997), a memória inserida no romance é capaz de iniciar o processo de desmistificação da história oficial por permitir a transmissão de experiências que influenciam o processo de formação identitária; esta seria para ele uma maneira de dissolver utopias imaginadas, reterritorializando seu povo:

Ainsi un peuple lentement revient à son royaume. Et qu’importe de dire déjà: où, et comment? Ceux qui, enfin, reviennent le savent bien. Ils connaissent la route, et qu’importe dire: voilà. Ils sont partis de tel endroit, et c’est ici qu’ils furent débarqués? Le temps viendra de marquer le port, et le débarquement. Ceux qui, pendant des siècles, furent ainsi déportés (et ils ont conquis cette nouvelle nature, ils l’ont peuplée de leus cris retrouvés), ils diront une grande fois le voyage, oh! Ce sera une clameur immense et bonne sur le monde. Por aujourd’hui, ils levènt la tête, et se comptent. Ils sont une nouvelle part du monde, ils ont glané partout, ils portent le ferment universel. Et si, accoudé à la case, l’homme obscurément se nourit d’une autre cassave (lointaine) c’est bien afin de retrouver ici (par l’aliment du songe) l’ailleurs qui est le sien, et de trouver en cet ici toute saveur et toute liberté.<sup>103</sup> (GLISSANT, 1997, p. 53).

<sup>102</sup> <<Eu sou como eles, diz Mathieu, eu bebo ao longo dos anos a mesma irredutível bebida>>. (GLISSANT, 1997, p.51, tradução minha).

<sup>103</sup> Assim lentamente um povo retorna a seu reino. E o que importa de dizer: onde, e como? Aqueles que enfim retornam o sabem bem. Eles conhecem a estrada, e o que importa dizer: vão. Eles partem deste lugar, e foi aqui que eles foram desembarcados? Chegará o tempo de marcar o porto e o desembarque. Aqueles que, durante séculos, foram deportados (e les conquistaram esta nova natureza, eles o povoaram com seus gritos recuperados), eles contaram uma vez a viagem, oh! Este será um clamor imenso e bom sobre o mundo. Por hoje, eles levantam a cabeça, e se contam. Eles são uma nova parte do mundo, eles foram recolhidos em todos os lugares, eles carregam o fermento universal. E, apoiados a caixa, o homem obscuramente se alimenta de outra mandioca (distante) é bem a fim de encontrar aqui (pela comida do sonho) em outro que é seu, e de encontrar neste todo o sabor e toda liberdade. (GLISSANT, 1997, p. 53, tradução minha).

É retomando dados memorialísticos e encenando histórias ocultas que, o autor relata deslocamentos forçados vividos por seu povo: a escravidão do negro, a servidão à França; no entanto, há também o reconhecimento e contribuição da memória e história da MetrÓpole, mesmo tendo sido dada a partir de um pedestal imperialista, que resultou em conflitos de raças, etnias; afinal a metrÓpole também constituiu solo fértil de construções históricas e identitárias, ainda que a discriminação, a opressão e a alienação tenham sido plantadas e lá fincaram raízes.

Em sua obra, Glissant denuncia o espaço de dominação e alienação advindo da barbárie europeia sobre a cultura da Martinica; são ações poéticas que transformam o invisível em visível, interrompem a amnésia e desarticulam o não-dito, em busca de ressignificar toda história de subalternidade, vivida pelo povo negro da ilha, porque para o autor “Il n’y a pas de séparation plus nette; c’est la pure féodalité. Accepterons-nous long-temps encore d’assister à ce spectacle de leur indignité doublé du spectacle de leur impunité? Tous, soyon les militants de notre foi.”<sup>104</sup> (GLISSANT, 1997, p.133).

O deslocamento de *Thael* é a primeira ferramenta desconstrutora que Glissant utiliza para iniciar o processo de reapropriação histórica, na passagem pela trilha descendo a montanha, indo em direção a planície, “Or tout se défait en Thaël, à mesure qu’il descend. Il accède à la conscience qui sépare et dénombre.”<sup>105</sup> (GLISSANT, 1997, p.14), esse ato revolucionário do personagem é uma ação contrária a de negros que buscavam a liberdade, fugindo do processo de escravidão ou mesmo do período após a abolição; um ato que resulta em tentativa de reintegração do negro marrom na história da ilha, e o agregar da memória oficial branca que culmina no “começo do fim” de uma era assimilacionista e opressora a memória negra silenciada, como reconstituição do sujeito negro. O deslocamento, leva o jovem a se transformar e se (re)apropriar de seu país, sua(s) identidade(s) e sua(s) história a partir da leitura de novos espaços.

Glissant parece querer mostrar que a ação política inovadora vem da oposição entre montanha e planície (*Thael* e *Mathieu*), por meio da qual, juntas, desmistifica-se a ideia do uno e da aceitação do inaceitável. A inversão dos caminhos, a descida do negro marrom à

<sup>104</sup> Não há separação mais clara; está é a pura feudalidade. Aceitaremos nós longo tempo ainda de assistir a este espetáculo de sua indignidade dobrado do espetáculo de sua impunidade? Todos, sejamos os militantes de nossa fé. (GLISSANT, 1997, p.133, tradução minha).

<sup>105</sup> Mas tudo se desfaz em Thael, à medida que ele desce. Ele atinge a consciência que separa e conta.” (GLISSANT, 1997, p.14, tradução minha).

planície e a subida do historiador à montanha, simboliza a renovação, da mesma forma que o movimento eleitoral em meio à praça pública evidencia novos horizontes:

Par un accomplissement, une necessite inexorables, toute cette génération avait abandonné la naïve crédulité des anciens, dépouillé le vêtement de l'illusoire ressemblance, pous affirmer enfin que l'homme d'ici n'était qu'à sa propre semblance. Les mots prenaient dans ces bouches une saveur toute neuve: il y avait là du soleil, du rêve débridé, une passion de connaissance, et la rage de ceux qui savent contre ceux qui oppriment.<sup>106</sup> (GLISSANT, 1997, p. 19).

A política no *La Lézarde* (1997) é uma arena de batalhas, uma briga pelo conhecimento, porque, para Glissant, toda história continua a ser escrita; é neste sentido que, o autor faz uso de várias instâncias de narrativa, sendo difícil, em muitos momentos, identificar as distintas vozes que perpassam o “eu”, o “você”, o “nós”, a exemplo, na passagem do segundo capítulo quando é dito “J’ai entendu ces mots, pourtant je n’étais encore qu’un enfant”<sup>107</sup>(GLISSANT, 1997, p. 18); mas quem disse?

Vale ressaltar que, a pretensão da escrita glissantiana não tinha a ambição de escrever uma história universal, mas ela pode ser lida como uma história de traços comuns entre as ilhas do Caribe e até mesmo entre países colonizados, desde que sejam também reconhecidas suas distintas características. Assim, ao se considerar a semelhança entre os efeitos dos processos de colonização, as ilhas que compõem as Antilhas Francesas sofreram expropriações em diversos setores e passaram por deposições semelhantes, cabendo a cada uma, dentro de seus espaços, criar meios e movimentos de libertação, muito embora a Martinica tenha caminhado a passos mais lentos que as demais.

A Martinica só passou a existir, segundo o autor, diante de um ato fundador; neste segmento, o engajamento político negro da obra é um confronto de honra e lealdade; a juventude deve preencher as fissuras do conhecimento, cujo início é dado com a (re)apropriação da história, iniciada na eleição de um representante do povo. *Mathieu*, por sua vez, simboliza a opacidade, ele incorpora a memória aos conhecimentos adquiridos na educação branca, em recusa ao destino imposto ao seu povo. *Thael* deixa a montanha para se juntar aos militantes na planície, uma viagem de aprendizagem democrática, e para isto é preciso retomar a memória, que no caso da Martinica são memórias dolorosas. A obra de

<sup>106</sup> Por uma realização, uma necessidade inexorável, toda esta geração abandonou a incredulidade ingênua dos ancestrais, despojou a roupa de ilusória semelhança. As palavras assumiram um novo sabor nessas bocas: havia sol, sonho desenfreado, paixão pelo conhecimento, e a raiva daqueles que sabem contra aqueles que oprimem. (GLISSANT, 1997, p. 19, tradução minha).

<sup>107</sup> “Eu entendi essas palavras, portanto eu não era mais que uma criança.” (GLISSANT, 1997, p. 18, tradução minha).

Glissant não é a tentativa de produção de um livro de história, e sim o fornecer de respostas que levam o leitor a refletir sobre o que aconteceu ao país e ao povo martinicano.

Ao fim, a identidade da Martinica é afirmada, de acordo com Glissant, através de uma literatura comprometida com seu meio, os elementos que constituem o caminho – a chuva, as árvores – orientam os passos, desenterram os vestígios do passado e instalam novas histórias, escritas com a ajuda de diferentes vozes, sendo “(...)l’élever, en nous et parmi nous.”<sup>108</sup> (Glissant, sd).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muitos são os caminhos que levam à Édouard Glissant, na verdade há não apenas um, mas vários Glissant’s. Entre tantos, encontra-se o poeta, romancista, ensaísta, teatrólogo, dramaturgo, filósofo etc., *personas* que determinam um sujeito pensante. As considerações explanadas neste estudo articulam pressupostos filosóficos, históricos, memorialísticos e identitários, a fim de promover uma discursividade calcada na aceitação e no respeito e desestabilizar a sobreposição étnica, histórica e identitária que acomete o povo negro.

O romance *La Lézarde* (1997) aborda questões acerca das culturas em interação no mundo (pós)colonial; assim, este trabalho partiu da noção de Antilhanidade para a de Crioulização, proposta pelo filósofo martinicano, para compreender as imbricações entre a

---

<sup>108</sup> “(...) o elevar, em nós e entre nós.” (GLISSANT, sd, tradução minha).

memória e a identidade dentro do contexto histórico da Martinica. A leitura da obra se delinea por fissuras, preenchendo-as a partir de (re)negociações entre o oficial e o oculto, demarcando as perdas identitárias e históricas advindas dos sistemas opressores.

A ideia exposta na obra glissantiana é aquela já apresentada aqui, de que o espaço e a paisagem resgatam a memória coletiva, uma luta pela liberdade que está associada à construção historiográfica, social e política crioula, cuja descrição paisagística surge como relatos plurais de reprodução do passado oculto e das vozes silenciadas. A Crioulização, que ainda não era uma nomenclatura fechada nesta época, aparece de maneira implícita no romance, como reflexo do pensamento de Glissant e como retrato do território das Antilhas, contida nas descrições dos espaços, do transitar de povos e dos contatos entre contribuições culturais. Os discursos de *Mathieu* e *Thael* podem ser observados como mudanças no imaginário do povo negro, que agora começa a reconhecer sua autonomia histórica e identitária; este é um dos momentos em que as diferenças passam a ser negociadas; o crioulo passa a enxergar fechamentos que aprisionam seu corpo e sua mente. A relação entre oralidade e escrita, seja de ordem individual ou coletiva, foi uma ferramenta de suporte e resistência para aos sujeitos escravizados e definidos em conceituações totalizantes.

*La Lézarde* (1997) é carregada de subjetividades que despertam a compreensão dos sujeitos negros e as relações sociais que o constituem; assim, a obra cumpre o papel de despertar um universo consciente. Glissant (2011) acredita que uma das características do pensamento contemporâneo é reconhecer as diferenças dos indivíduos sem que isso implique em subjugações. Sua primeira obra romanesca convida ao reconhecimento da heterogeneidade dos povos. Convém destacar que, no tempo atual, países e grupos sociais vivem uma mudança na relação que mantém com seu passado, resgatando elementos postos a margem da história oficial e suas consequências.

No *La Lézarde* (1997) as histórias são memórias em ação que retomam o passado esquecido, reterritorializam o negro no presente e ressignificam o futuro ao fornecer um lugar de pertencimento ativo. O romance é um instrumento de afirmação identitária martinicana. *Lambrienne*, cidade fictícia, está cheia de afetividades: as trilhas compõem a mata, os caminhos abertos direcionam as montanhas, a areia conjumina-se as ruas como alicerces dos tempos coloniais. Os altos morros e montanhas são molduras do olhar, janelas naturais onde se debruçam as histórias. A obra guarda em si memórias de quem tem muito para contar. A história do lugar tem como narradores os negros aflorados em memórias e novas leituras de si que visam desembaraçar os nós atados pelo tempo.



Glissant percorre espaços históricos, penetra as trilhas e os lugares de resistência. O autor está no substrato do seu livro: um jovem revolucionário e combatente que tendo formação ocidental reconhece suas fragmentações, fissuras e feridas, e por isso anseia por mudanças no imaginário martinicano e mundial; ele insere a própria voz nas entrelinhas de sua trama, amplificando falas que não foram escritas, gritos que não foram ouvidos, e atribui lugar aos esquecidos.

A diáspora, segundo Zigmunt Baumann (2005), ressalta a função de dessacralizar a história oficial e a de sacralizar histórias invisíveis, se delineando no *La Lézarde* (1997) nas subjetivas revelações da violência colonial e nas tentativas de resistência à elas, que estão abarcadas aos movimentos dos personagens, em suas chegadas e partidas, e no rio como espaço de travessias culturais e fronteira permeável, porque a juventude independentista da obra atribui importância às raízes e dá a elas um caráter de errância. São nos espaços desconhecidos e nos rastros negros que se desterritorializa a história narrada pelo outro.

A escrita glissantiana é carregada de poesia, o *La Lézarde* (1997), como não poderia deixar de ser, desenrola vestígios de prazer e dor. Por vezes, a narrativa se torna confusa pelas travessias de discursos entre narrador e personagens, no entanto esta estratégia dá ênfase a uma escrita plural com diferentes olhares e vozes. A obra, assim como a ilha da Martinica, resultado do encontro de diferentes povos, contribui para a compreensão da identidade movente e reconhece que culturas no mundo se misturam, se perpassam e se penetram formando o que Glissant intitula como Relação. O povo martinicano é enraizado na diversidade – das culturas, das línguas e das histórias; o romance apresenta um povo que se mistura a outros povos, personagens que ultrapassam os limites fixos da nação e reivindicam uma trajetória em devir no mundo.

O *La Lézarde* (1997) procura mostrar que é pelas diferenças que se encontra a dimensão da “unidade” humana. Isto posto, a memória no romance, está sedimentada no lugar: ela é a voz e a imagem do acontecido. A paisagem martinicana, um resultado das relações sociais vinculadas aos poderes políticos e econômicos dominantes, é um testemunho de recordações e informações que recontam as histórias; ela guarda em si as dimensões ao movimento da história e da vida. Memória e paisagem no romance se comunicam através do olhar, elas são resgates de tempos vividos na paisagem local, em contraponto aos relatos oficiais.

Neste seguimento, o grande sentido libertador do romance está no pedido de licença à história, por meio da qual narrativas interrogativas ensaiam saídas que confrontam a inexistência de histórias negras martinicanas. *Mathieu e Thael*, ao mesmo tempo em que

interrogam as ações e o curso das coisas, incitam a autonomia, traçam estratégias e indicam direções em movimentos que acolhem o eu e o outro. Em muitos momentos, a fala dos personagens especifica o negro colonizado como alguém que, diante de todo sofrimento a que foi submetido, perdeu a noção de si e da realidade, direcionando a comunidade a uma condição humana coisificada.

Vive-se em uma sociedade multicultural, na qual convivem diferentes etnias e não é mais permitida a visão de mundo eurocêntrica. O que Glissant almeja através de seu romance é contribuir para a democracia multiétnica e promover a coesão social, o respeito às opiniões divergentes e a valorização da diversidade; fatos ainda obscurecidos pelos discursos dominantes. O autor constrói uma obra de cunho pedagógico ao abordar a conscientização dos negros e da organização de um povo reivindicador, na luta contra o sistema opressor, violento e preconceituoso. A partir do *La Lézarde* (1997) fica evidente que as barreiras sociais estão bem definidas e resultaram na construção de bloqueios invisíveis (universais) que dificultam, até os dias atuais, a ascensão social do negro. Nas páginas do romance, a discriminação racial começa a ser denunciada através da tomada de consciência dos personagens sobre sua condição de negro no passado e no presente.

A contemporaneidade que fala da existência de igualdade e liberdade entre raças é a mesma que mantém o espírito dos açoites, cujas subalternizações são constantemente propagadas. Violências como silenciamento e apagamento histórico e social, estereotipização e rotulação, são recorrentes nas histórias oficiais e propagadas na atualidade por meio de produções artísticas e literárias, atitudes profissionais e sociais, nas quais o negro ainda é condicionado à coisificação; no entanto, tais atitudes são constantemente camufladas em acordos, direitos e piadas. É neste sentido que Glissant inicia uma saga de revalorização racial e histórica através do *La Lézarde* (1997).

*La Lézarde* (1997) inicia uma luta de séculos, intensa e repleta de instabilidades, que se prolongam nas produções posteriores de Glissant. O sujeito martinicano glissantiano reclama seu espaço histórico, demarcando discursos reescritos por mãos negras; ele descobre que sua estigmatização de sujeito a-histórico se trata de aprisionamento a ideias forjadas que o reservaram lugares impostos e conceituações inferiorizantes. Assim a assimilação à cultura e à história francesa é denunciada no romance como um ideal de branqueamento, reservando ao negro martinicano a negação de sua Crioulização. Trata-se de denúncia aos processos alienantes do próprio corpo que impedem o sentimento de pertencimento histórico-identitário negro. O primeiro romance glissantiano surge para contrapor ideias opressoras e reducionistas do povo negro martinicano.

Glissant “(...) acreditava naqueles que nesse ponto do mundo lutam contra o silêncio e o apagamento. Naquilo que, na obstinação do que empreendem, consentem de redução: no sectarismo, no discurso estereotipado, na ânsia de transmitir verdades definitivas, no desejo de poder.” (2011, p.119), demarcando no *La Lézarde* (1997) a memória enraizada no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. Para ele, a história só se liga à continuidades temporais, às evoluções e às relações das coisas; na obra, os papéis se invertem: a memória é o absoluto e a história o relativo.

## REFERÊNCIAS

AFFERGAN, Francis. **Anthropologie à la Martinique**. Paris: Presses de la Fondation Nationales des Sciences Politiques, 1983.

\_\_\_\_\_. **Martiniques: Les Identités Remarquables**. Paris: PUF, 2006.

AKPAGU, Zana Itiunbe. **Les D.O.M em question La Lézarde d'Édouard Glissant ou La lutte des jeunes contre la départementalisation**, University of Calabar, Nigéria, 1997.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e difusão do nacionalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BANN, Stephen. **As invenções da História: ensaios sobre a representação do passado**. Trad. Flávia Villas-boas. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1994.

BARBOSA, Wilson do Nascimento. **Cultura Negra e Dominação**. São Leopoldo: USINOS, 2002.

BARTHES, Roland. **Aula**. São Paulo : Cultrix, 1984.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Trad. de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BERNABÉ, Jean; CHAMOISEAU, Patrick; CONFIANT, Raphael. *Éloge de La créolité*. Paris: Éditions Gallimard, 1992.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BERND, Zilá e LOPES, Cícero Galeno (Orgs.). **Identidades e estéticas compósitas**. Canoas: Centro Universitário La Salle/ Porto Alegre: UFRGS, 1999, p. 61 a 81.

BERND, Zilá. **O que é negritude?** São Paulo: Brasiliense, 1988.

\_\_\_\_\_. **Literatura e Identidade Nacional**. Editora da UFRGS, 2 ed.. 2003.

BHABHA, Homi K. Narrando a nação. In: ROUANET, Maria Helena (Organizadora). **Nacionalidade em questão**. Tradução de Maria Helena Rouanet [et. al...]. Rio de Janeiro: UERJ, 1997. p. 48-59.

\_\_\_\_\_. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila [et al...]. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BLANCHARD, P.; VEYRAT - MASSON , I. **Les guerres de mémoires : La France et son histoire Enjeux politiques, controverses historiques, strat égies médiatiques**. Éditions La Découverte, Paris, 2000.

BLERALD, Alain-Philippe. **Histoire économique de la Guadeloupe et de la Martinique du XVIIe siècle à nos jours**. Revue française d'histoire d'outre-mer, V. 74, Numéro 275, p. 244-245.1987.

BOUDRAA, Nabil Boudraa. **La poétique du paysage chez Édouard Glissant**. Nins plus, 2016.

BUTEL, Paul. **Histoire des Antilles françaises XVI Ie -XXe siècles**. Paris, Perrin, 2002.

C. A. Banbuck. **Histoire de Martinique**. Paris, 1935.

CAUQUELIN, Anne. **A Invenção da Paisagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

CANCLINI, Nestor G. **Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: Edusp, 2008.

\_\_\_\_\_. **Consumidores y ciudadanos: conflictos multiculturales de la globalización**. Grijalbo, 1995.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 9 ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.

CARPENTIER, Alejo. **Les Caraïbes, une région privilégiée des Amériques**. Havana: Televisión Cubana, 1979. (Communication de Alejo Carpentier)

CERTEAU, Michel. **A Invenção do cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 1994.

Cf. REVERT, Eugène. **La Martinique**. Paris, Nouvelles Editions Latines, 1949.

CHAMOISEAU, Patrick. **Écrire em pays dominé**. Paris: Gallimard, 1997.

CHAMOISEAU, P. GLISSANT, É. **Quand les murs tombent. L'identité nationale hors-la-loi**. Paris : Galaade, 2007.

CHARTIER, Roger. **A história cultural**. RJ: Bertrand, 1990.

\_\_\_\_\_. **A história hoje: dúvidas, desafios, propostas**. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 7, n° 13, 1994.

CÉSAIRE, Aimé et al.(Org.). **Cahier d'un retour au pays natal**. Paris: Présence Africaine, 1983.

\_\_\_\_\_. **Discours sur le colonialisme**. Paris: Présence Africaine, 1955.

\_\_\_\_\_. **Toussaint Louverture. La Révolution Française et le problème colonial**. Paris: Présence Africaine, 1981.

\_\_\_\_\_. et al. (Orgs). **Tropiques**. Paris, Jean-Michel Place, 1978. (Réproduction anastaltique de la collection complète publiée à Fort de France, avr.1941 à sept.1945), n.1-14.

\_\_\_\_\_. **Discurso sobre o colonialismo**. Ed.Cadernos para o diálogo, Porto,1978.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Introdução à geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2003.

COUTO, MIA. **Pensatempos – textos de opinião**. 2. ed. Lisboa: Caminho, 2005.

COSTA, Rogério da (Org.). **Limiars do Contemporâneo: entrevista**. São Paulo: Editora Escuta, 2003.

DAMATO, Diva Barbaro. **Édouard Glissant: poética e política**. São Paulo: ANAMBLUME, 1995.

DELEUZE, Gilles. **Crítica e Clínica**. São Paulo: Ed. 34, 1997. 176p.  
 \_\_\_\_\_. **Lógica do Sentido**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1998. 42p.

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Felix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

DASH, Michael. **Édouard Glissant**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

DEBIEN, Gabriel. **Les esclaves aux Antilles Française (XVII-XVIII)**. Basse-Terre et Fort-de-France. Sociétés d'Histoire de la Guadeloupe et da la Martinique, 1974.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História Oral: memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

DERRIDA, Jacques. **A Farmácia de Platão**. Trad. Rogério Costa. São Paulo: Iluminuras, 2005.

\_\_\_\_\_. **A Escritura e a Diferença**. Trad. Maria Beatriz Marques Nizza da Silva. São ISSN 1983-828X | Revista Encontros de Vista - quinta edição Página 20 Paulo: Perspectiva, 2002.

\_\_\_\_\_. **Mal de Arquivo: uma impressão freudiana**. Trad. Claudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

FÉLIX, Loiva Otero. **História e memória: a problemática da pesquisa**. Passo Fundo: Ediupf, 1998.

FANON, Frantz. **Os Condenados da Terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

\_\_\_\_\_. **Pele Negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FIGUEIREDO, Eurídice. **Construção de identidades pós-coloniais na literatura antilhana**. Rio de Janeiro: EdUFF, 1998.

\_\_\_\_\_. **Conceitos de literatura e cultura**. Niterói: Juiz de Fora: EFJF, EdUFF; 2005.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. CURY, Maria Zilda Ferreira. **Mia Couto: espaços ficcionais**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Org e Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **História e narração em Walter Benjamin**. SP: perspectiva, 2004.

\_\_\_\_\_. **Lembrar, escrever, esquecer**. SP: Editora 34, 2009.

\_\_\_\_\_. **Sete aulas sobre a linguagem, memória e história**. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

GARCÍA, Néstor Canclini. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: Edusp, 1997.

GIRAUDO, José Eduardo Fernandes. **Americanidade, Antihanidade e Crioulidade: Tentativa de delimitação de uma comunidade interliterária específica**. UFRGS Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1996.

GILROY, Paul. **O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência**. Trad. Cid. Knipel Moreira. São Paulo: Ed. 34; Rio de Janeiro: Universidade Candido Mendes, Centro de Estudos Afro-asiáticos, 2001.

GLISSANT, Édouard. **Monsieur Toussaint**. Paris: Seuil, 1961.

\_\_\_\_\_. **Poétique de la Relation**. Paris: Seuil, 1990.

\_\_\_\_\_. **Introduction à une poétique du divers**. Paris: Gallimard, 1996.

\_\_\_\_\_. **Le discours antillais**. Paris: Éditions du Seuil, 1981.

\_\_\_\_\_. **Le Quatrième Siècle**. Paris: Gallimard, 1997b.

\_\_\_\_\_. **La Lézarde**. Gallimard, 1997.

\_\_\_\_\_. **Traité du Tout-Monde**. Paris: Gallimard, 1997c.

\_\_\_\_\_. **O Quarto Século**. Trad. De Cleone Augusto Rodrigues. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

\_\_\_\_\_. **Introdução a uma poética da diversidade**. Trad. Enilce Albergaria Rocha. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

\_\_\_\_\_. **Poética da Relação**. Tradução de Manuela Mendonça. Portugal, Sextante Editora, 2011.

GUATARRY, Félix. DELEUZE, Gilles. O que é uma literatura menor. IN: **Kafka por uma literatura menor**. Trad. Júlio Constañon Guimarães. Ed. LTD, 1977.

HALBAWACHS, Maurice Halbwachs. **A memória coletiva**. Editora Vertice, 1990.

HALL, Stuart. **Identidade Cultural e Diáspora**. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, n.24, p.68-75, 1996.

\_\_\_\_\_. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu (org. e trad.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

\_\_\_\_\_. **A identidade cultural na pós – modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro-11. Ed.- Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

\_\_\_\_\_. **Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais**. Liv Sovik (org); Trad. Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.

HOISEL, Evelina. A Disseminação dos Limiões nos Discursos da Contemporaneidade. In: CARVALHAL, Tania Franco (Coord.). **Culturas, Contextos e Discursos: limiões críticos no comparatismo**. Porto Alegre, RS: Ed. UFRGS, 1999.

KAMEDJIO, Cilas. **Antilhanite et polyphonie dans La Lézarde d'Édouard Glissant**. Ohio State University, sd.

LACAN, Jacques Lacan. **O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise**. Zahar, (1954-55),

LAROCHE, Maximilien. “El Caribe Francófono”. In.:PIZARRO, Ana (Org.) **América Latina: palavra, literatura, e cultura**. São Paulo: EdUNICAMP, 1995, p.519-559.

\_\_\_\_\_. “La littérature militante dans la Caraïbe”. In.: **Anales del Caribe**. V. 11. La Habana: Casa de la Américas, 1991B.

LE GOFF, Jacques. 1994. **História e memória**. Tradução de Irene Ferreira, Bernardo Leitão e Suzana. Ferreira Borges. *Campinas: Editora da Unicamp, SP, 2003*.

LENSKIJ, T. & HELFER, N.E. (Org.) **A memória e o ensino de História**. Santa Cruz do Sul: Edunisc; São Leopoldo: ANPUH/RS, 2000.

MARCONI, Marina de Andrade. LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 7 ed, São Paulo: Atlas, 2010.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: Usos e Sentidos**. Editora ática, 2<sup>a</sup> Ed, 1988.

NEVES, Margarida. História e memória. In: MATTOS, Ilmar R. (org). **Ler e Escrever para Contar: documentação, historiografia e formação do historiador**. Rio de Janeiro: Access Editora, 1998.

NORA, Pierre. **Entre a Memória e a História: a problemática dos lugares**. Projeto História, São Paulo, nº 10, dez. 2003.

NTONFO, Andre. **L'Homme et l'identite dans le roman des Antilles et Guyane français**. Sherbrooke: Naaman, 1982.

OYAMA, Maria Helena Valentim Duca. **Édouard Glissant e o Pós-Colonial**. São Paulo: FFLCH /USP, 1999. (Dissertação de Mestrado).

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e literatura: uma velha-nova história**. Nuevo Mundo. Mundos Nuevos, Debates 2006. Disponível em: <http://nuevomundo.revues.org/document1560.html>. Acesso em 26 de agosto de 2008.

\_\_\_\_\_. *Relação entre História e Literatura e Representação das Identidades Urbanas no Brasil (século XIX e XX)*. In: **Revista Anos 90**, Porto Alegre, n. 4, dezembro de 1995.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 2. nº 3, 1989.

PRUDENT, LambertFélix. **La langue créole aux Antilles et en Guyane**. Paris, Colin, 1983.  
\_\_\_\_\_. **Les problème d'émergence d'une littérature créole antillaise. Littérature insulaires et mascareigne: itinéraires et contacts de cultures**. Paris, L'Harmattan, 1983.



RAMOS, Denival Venâncio. MELO, Márcio Araújo de. **Édouard Glissant e a narrativa da descolonização**. Revista Mosaico, v. 6, n. 1, p. 17-23, jan./jul, 2013.

R.P.J.B. Du tertre. **Histoire Générale des Antilles**. Fort-de-France, éds. Des Horizons, Caraïbes,1973.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução de Alain François. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2007.

ROCHA, Eryk. **Afetos pictóricos ou em direção a Transeunte**. Compós, 2010.

RODRIGUES, Kátia Frazão Costa. **A construção da identidade no Caribe de língua francesa: Da Negritude à Antilhanidade: Césaire e Glissant**. Revista Brasileira do Caribe, Goiânia, vol. VIII, nº 15, 137-164, 2007.

ROSENDAHL, Zeni. **Introdução à geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2003

SAID, Edward. **Cultura e imperialismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SALOMON, Délcio Vieira. **Como fazer uma monografia**. São Paulo: Martins Fontes, 10 ed, 2001.

SANTIAGO, Silviano. **Uma literatura nos trópicos**. Rocco, Rio de Janeiro,2ed, 2000.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia**. São Paulo: Hucitec, 1988.

SCHAMA, Simon. **Paisagem e Memória**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SÓCRATES. **Os pensadores**. São Paulo, Ed. Nova Cultural, 1999.

SOUZA, Eneida Maria de. Sujeito e Identidade Cultural. In: **Revista Brasileira de Literatura Comparada**. ABRALIC; março 1991. p. 34-40.

TEDESCO, João C. **Nas Cercanias da Memória: temporalidade, experiência e narração**. Passo Fundo, RS: UPF; Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2004.

THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

TODOROV, Tzvtan. **O homem desenraizado**. Tradução de Christina Cabo, ed. Record, Rio de Janeiro, São Paulo, 1999.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a História**. Unb, 2008.

VERISSIMO, Erico. **O resto é silêncio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.  
\_\_\_\_\_. **História e literatura**. 3. ed., Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1999.

VIANA, N. Memória e sociedade: uma breve discussão teórica sobre memória social. In: **Espaço Plural** (Unioeste), nº 14, 2006.

WHITE, Hayden. **Teoria Literária e Escrita da História**. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getúlio Vargas, 1994.

ZIBERMAN, Regina. **Memória entre Oralidade e escrita**. PUCRS, Letras de Hoje, 2006.

ZUMTHOR, Paul. **Tradição e Esquecimento**. Tradução de Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. Ed. Hucitec, 1997.